Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 61.º N.º 20 730
Dezembro 1981
Quinta-feira

17 15$00

«Erradicar o partido é o programa do povo», diz a inscrição pintada à mão na fachada deste cinema de Poznan. O título do filme em exibição, «Dreszce», quer dizer em português «despedaçar». (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Afirma o Conselho Militar polaco:

"Reformas de Agosto não voltarão atrás"

- **Já há nove mortos e 45 mil prisões diz o primeiro-ministro francês**
- **João Paulo II apela à cessação do estado de emergência**

Pág. 14

Spínola e Costa Gomes promovidos a marechais

O Conselho da Revolução decidiu, na sua reunião de ontem, promover os antigos presidentes da República e generais na reserva, Costa Gomes e António de Spínola, ao posto de marechal.

Pág. 5

Alto de São João tem lotação esgotada

Patriarcado já não se opõe à cremação de católicos

O cemitério do Alto de S. João rebenta pelas costuras, encontrando-se presentemente com a «lotação esgotada». Não há espaço disponível para mais corpos, devido à acumulação de campas e jazigos perpétuos.

A solução é começar a cremar corpos. É essa a saída que a CML encara, como ontem afirmou aos jornalistas o vereador, Pedro Feist. Tal solução será accionada logo que o forno crematório se encontre acabado – o que se prevê para Março do próximo ano. A Igreja portuguesa, alterando a sua posição, já não se opõe à incineração dos corpos.

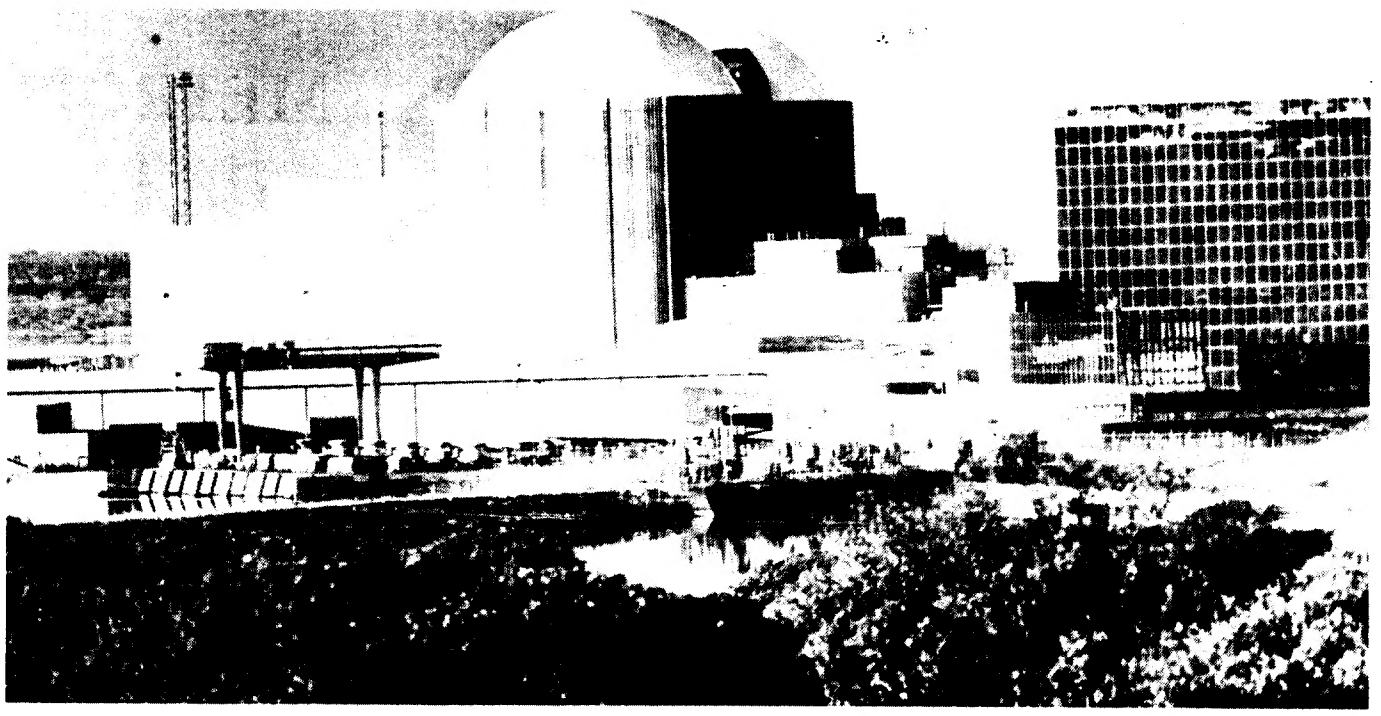
Pág. 10

Hoje há Ler/Escrever

No nosso Suplemento Literário de hoje, entre numerosos textos de interesse, fala-se de José Rodrigues Miguéis. Rachel Bastos, Lu Sun, Carlos de Oliveira e outros. Este «Ler/Escrever», com numerosas ilustrações, tem colaboração de Maria Ondina Braga, Fernando Guerreiro, Simon Leys, Pedro Alvim, Luís de Miranda Rocha e, com um poema inédito, Paulo Manuel Pais.

Anexação dos Montes Golan Israel condenado na ONU

Pág. 15



Adeus rios?

Espanha radioactiva banha-se em Portugal

Crescem as centrais nucleares espanholas, muitas delas «banhando-se» em rios que terminam no nosso país. Mas, quantas mais são, mais hipóteses há de avarias. A de Almaraz, à beira do Tejo (na foto), já está parada, após corrosão das tubagens. Acontece, ainda, que as centrais precisam de alimento. Cuida-se, no país vizinho, desse aspecto: intensifica-se a exploração de minas e traz-se para as nossas fronteiras material radioactivo, muitas toneladas, destinado a ser regenerado. Ainda e tudo «lavando-se» nos nossos rios.

Pág. 7

Enciclopédia Mundial de futebol

dirija-se ao seu vendedor habitual
COMPRE JÁ!

A Educação no OGE 1982

José Salvado Sampaio

Um orçamento é um meio ao serviço de uma política, que tem o mérito de, quando há conflito entre os enunciados e os meios que se concedem para os realizar, permitir detectar qual é a política real.

O Programa do VIII Governo Constitucional exara quatro prioridades, que, é significativo, excluem aquela que é factor primeiro de desenvolvimento, a da educação. Como é sabido, tanto nos países capitalistas como nos socialistas acorda-se que de todos os investimentos, o do sector educacional é o mais rendível. Se é assim para os países desenvolvidos, mais deveria ser para os países em desenvolvimento se houvesse, a nível governamental, o propósito de atenuar disparidades, de estabelecer aproximações com padrões mais adiantados.

De qualquer modo, numa pobreza de concepção que não destoa do programa global, incluem-se medidas que necessariamente implicariam um acréscimo de despesas: a manutenção do ritmo do crescimento da educação pré-escolar; a «criação das condições para o efectivo e total cumprimeto da escolaridade obrigatória e melhoria das taxas de escolarização do ensino secundário»; a «execução do plano a médio prazo do alargamento da rede das instalações e da melhoria do equipamento escolar»; «a expansão do ensino superior politécnico, de modo a permitir que a taxa de acesso ao ensino superior passe até 1985 dos actuais 11% para 18%» (não se precisa a que se reporta a taxa, mas estas e outras imprecisões, de habituais não estranham). Acrescenta-se que se apoiará «o reforço da igualdade de oportunidades e o apoio aos mais desfavorecidos», que se desenvolverá o ensino especial e dá-se relevância ao apoio ao ensino particular e cooperativo.

Qualquer das medidas é extremamente onerosa, e, para se ter a noção do que representarão, restringimo-nos a três casos.

Reportando-nos a 1978-79 e **Portugal – Anuário Estatístico,** 1979 (as últimas Estatísticas de Educação reportam-se a 1978, e desde que há governação AD deixou de se publicar uma obra que sempre primou pela regularidade) o número de inscritos no ensino primário, em milhares, é de 870,7, substimando, por serem diminutos, os inscritos no ensino complementar. A taxa de aproveitamento no ensino primário, que estimámos de 81,3. em 1977-78, é mais elevada do que a atingida no ensino preparatório, em que se restringe a 71,2. Se as taxas fossem idênticas, e não o são em prejuízo do ensino preparatório, em 1978-79 deviam inscrever-se no ensino preparatório 435,3 milhares, quando o número de inscritos se reduz a 307,2 milhares, ou seja, a menos 118,1 milhares do que o mínimo a atingir. Só aqui, haveria que financiar pessoal, instalações e equipamentos que garantissem a frequência de mais 120 mil inscritos. Nos três anos do unificado, que tem uma taxa de rendimento muito mais baixa que no preparatório, registam-se em 1977-78 (não há dados estatísticos posteriores) 262,4 milhares de inscritos, quando em princípio deviam perfazer, no mínimo, ao nível do aproveitamento do primário 649,5 milhares (número obtido dividindo por dois a frequência do preparatório, que se multiplica por três, por serem três os anos do Unificado). Sejamos modestos e estimamos para o unificado apenas metade deste quantitativo, ou seja, 325 milhares, o que representa mais 63 mil que os existentes em 1978-79. No ensino superior, a partir de 1976-77, por estranho que pareça num país de mais baixa escolarização da Europa, a frequência tem diminuído. Declina para 82,0 milhares em 1977-78 e para 79.6 em 1978-79. Se admitirmos que é de 80 mil em 1980-81, e a que estes 80 mil corresponde uma taxa de 11 (de quê?), se a taxa passa para 18, o número de inscritos sobe para 130 mil, ou seja, mais 50 milhares.

Como se verifica, sem considerar a educação infantil, o acréscimo de inscritos, numa perspectiva modesta somaria 233 milhares, perante um parque escolar que não consegue reunir os inscritos, apesar de em muitos casos, os receber em condições extremamente desfavoráveis, que, sem pendor melodramático, se podem considerar vergonhosas. Mesmo assim, no momento em que escrevemos, há alunos do ensino preparatório sem aulas, por falta de instalações, e alunos do ensino primário, milhares, forçados a um regime de horários em que têm menos uma hora lectiva do que os restantes.

Perante este panorama, bastante incompleto, admite-se, se juntarmos o propósito de expandir a educação infantil e o de combater o analfabetismo, em termos efectivos (para além da solução necrófila do MEU que espera a morte dos analfabetos e se congratula por em um ano ter reduzido em 19 mil unidades os 1151 milhares de analfabetos existentes em 1979!!!) não seria ousado supor que o OGE 1982 atribuísse um aumento às despesas com a educação. Bem sabemos que o Governo e o MEU, o MEU e o Governo, não têm credibilidade. Mas, a própria falta de credibilidade tem limites, cumpre dizê-lo, que se excederam.

A partir de dados contidos na Proposta do OGE para 1982 atentemos na evolução das despesas, com o agora MEU, em relação às despesas totais, a partir de 1974, em milhares de contos.

	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982
1 – Despesas totais	63 415	86 619	124 689	158 741	214 802	280 659	375 787	490 017	597 482
2 – Despesas com o MEU	9 368	15 351	19 480	25 532	30 184	36 992	49 900	56 269	69 166
3 – % 2/1	14,8	17,7	15.6	16,1	14,1	13.2	13.3	11,5	11.6
4 – Índice	84	100	88	91	80	75	75	65	66

A percentagem mais elevada regista-se, e não por mero acidente, em 1975. Também não é por acaso que os valores mais baixos correspondem aos orçamentos AD, que, coerentemente, subestima a formação de seres humanos aptos a **transformar** a sociedade, no sentido de uma democracia não meramente formal, mas de uma democracia, ao mesmo tempo política, económica e social.

Atentemos agora na distribuição funcional das despesas, que não se encara por Ministérios mas em relação à sua finalidade. Reportamo-nos às despesas com a Educação, em milhares de contos, a partir de 1980.

	1980	1981	1982
1 – Despesas totais	406 678	490 017	597 482
2 – Despesas com a Educação .	52 273	58 675	67 488
3 – % 2/1	12,9	12,0	11,3
4 – Índice	100	93	88

Entre 1980 e 1982, as despesas percentuais com a educação declinam de 12,9 para 11,3, do índice 100 para o índice 88. Em 1970, atingem 12,0%, perfazem 14,9% em 1973, culminam em 18,4 em 1975. A partir daí declinam, atingindo com os Governos AD valor idêntico e inferior ao registado em 1970. O aumento, em valor nominal, registado entre 1980 e 1981, e entre 1981 e 1982, respectivamente, de 11,2% e de 15,0% situa-se aquém da taxa de inflação, pelo que a educação é, com os governos AD, cada vez menos contemplada no O. G. E. Em 1980 e 1981, como é habitual, as despesas com o agora MEU, são inferiores às despesas com a educação. Aquelas, em milhões de contos, perfazem respectivamente 49,9 e 56,3, e estas, 52,3 e 58,7. Para 1982, atribuí-se ao MEU 69,2 milhões de contos e à educação 67,5, o que significa que se subestimam as despesas com as construções escolares. O ano escolar, em 1982, terá necessariamente, uma abertura mais caótica do que em 1981, o que, a AD ser Governo, suscitaria a canhestra imaginação dos responsáveis do ensino, para ocultarem o que é visível a todos que, sem preconceitos, são capazes de examinar a realidade, com espírito objectivo.

A partir da Proposta do Orçamento depreende-se que a estimativa do produto interno bruto, a preços de mercado, é em 1981 e 1982 de, respectivamente, 1438 e 1753 milhões de contos. Deste modo, o valor percentual das despesas com a educação em relação ao PIB representa 4,1 e 3,8. A média do total mundial **(Emploi et Conditions de Travail des Enseignants,** OIT, 1981) é de 5,7, a dos países em desenvolvimento 4,3 e a dos países desenvolvidos 6.0. Para além da situação grave de haver um declínio onde era imprescindível uma subida, Portugal, negativamente, mais se afasta do padrão mundial, dos países desenvolvidos e não acompanha o ritmo dos países em desenvolvimento. (Em 1975 a percentagem, em Portugal, atingiu 4,9, diminuindo para 4,3 em 1976).

O que ocorre na educação reflecte a política global do governo, pelo que os aspectos negativos se alargam a todos os outros sectores, em coerente atitude de repúdio pelos princípios e valores consignados na Constituição. No sector da saúde, para citar um exemplo, prevê-se um acréscimo nominal de despesa de 6,6%. o que significa uma descida mais acentuada ainda do que a observada no da educação, decréscimo mais nítido ainda na segurança e assistência sociais em que se limita a 5,4%. Estes factos, outros se poderiam apontar, não são acidentais. são inerentes a um governo revivalista preocupado em fazer ressurgir as cliques minoritárias que constituíram o alicerce do peculiar fascismo português.

O O. G. E. 82, a executar-se, acarreta uma maior deterioração do sistema escolar. Os enunciados positivos que se deparam no programa do Governo ficam mais distantes de resposta, que à partida. A expandir-se o sistema escolar, e o País não pode prescindir do seu alargamento e da sua melhoria qualitativa, repetir-se-ia o que sucedeu nas décadas de 50 e 60, em que a expansão quantitativa se acompanhou de dezerioração qualitativa, reforçando-se o elitismo do sistema, com diminuição das condições de aprendizagem, do estatuto dos professores e do enfraquecimento das perspectivas de estudantes e famílias. O actual sistema escolar reflecte cada vez menos uma ordem democrática, pelo que existe uma situação de rotura que não se pode prolongar por muito tempo. As questões fundamentais são omitidas pelo MEU, numa política de avestruz em que a não preocupação em resolver os problemas nacionais se acompanha dum grau de incompetência que seria risível, se não estivesse em jogo o futuro do País.

Um governo sem prespectivas nem futuro desempenha sem pudor o seu papel. Pertence-nos a todos nós, que não abdicamos de edificar um estado não formalmente democrático, mas uma verdadeira democracia, política, social e económica, participada, desempenhar o nosso, o que representa a grande maioria do Povo português.

automercado
FIL · 11a 20 dez 81

ESPIRAL

PHILIPS o AUTO
automercado

Em exposição e demonstração
no stand PHILIPS
as mais recentes inovações em:

Auto-Rádios,
Televisores,
Alarmes Anti-Roubo, etc.

no
automercado
visite o stand PHILIPS

PHILIPS

METROPOLITANO
DE LISBOA E.P.

SERVIÇO DE SUBSTITUIÇÃO DE TRANSPORTE POR MOTIVO DE GREVE NOS DIAS 16, 17 e 18 DE DEZEMBRO

A FIM DE MINORAR OS INCONVENIENTES ACARRETADOS AO PÚBLICO PELA GREVE DOS DIAS 16, 17 E 18 DE DEZEMBRO, O METROPOLITANO DE LISBOA ESTABELECERÁ UM SERVIÇO DE TRANSPORTES COM AUTOCARROS DA RODOVIÁRIA NACIONAL, NAS SEGUINTES CONDIÇÕES:

PERCURSOS: ALVALADE-MARTIM MONIZ; MARTIM MONIZ--ALVALADE; SETE RIOS-ROSSIO; ROSSIO-SETE RIOS; ENTRECAMPOS--ROSSIO; ROSSIO-ENTRECAMPOS

HORÁRIO DAS 07.00 HORAS ÀS 21.30 HORAS DOS DIAS 16, 17 e 18 DE DEZEMBRO

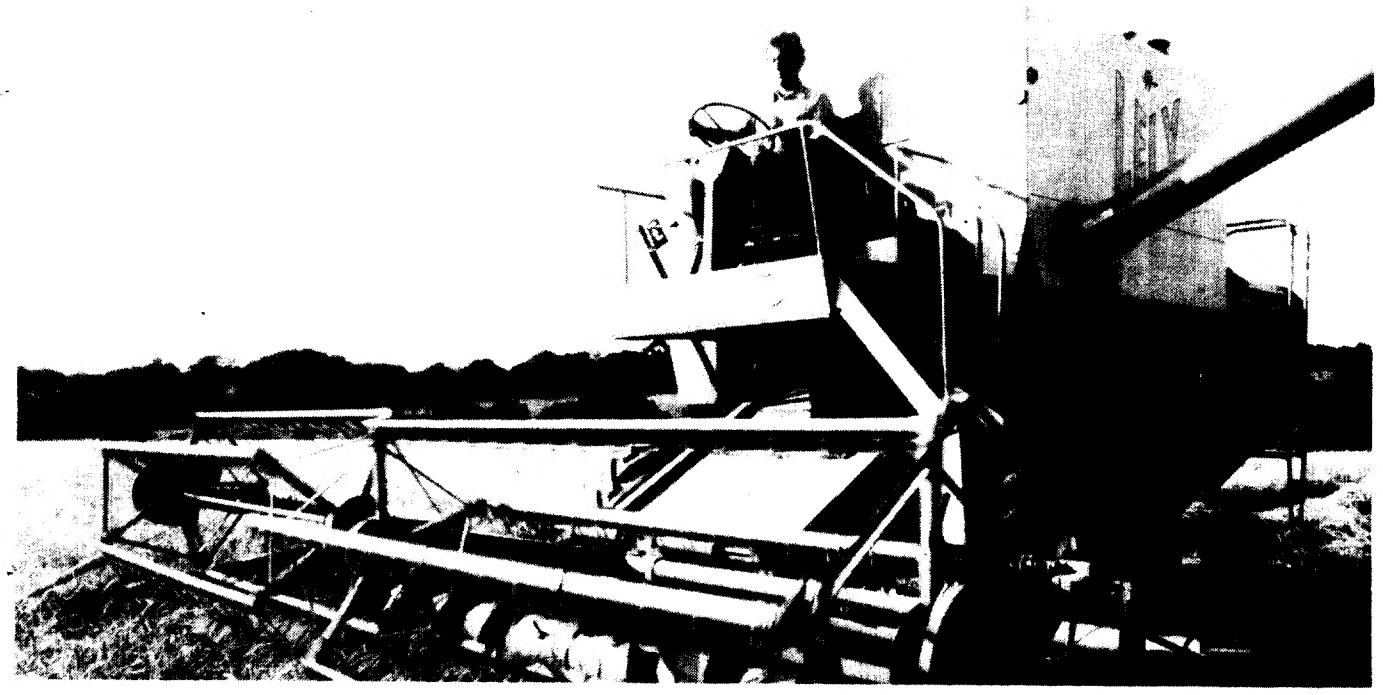
PARAGENS — UTILIZAM-SE AS PARAGENS DA CARRIS

SINALIZAÇÃO — OS AUTOCARROS TERÃO DÍSTICOS INDICANDO: 'AO SERVIÇO DO METROPOLITANO'

TÍTULOS DE TRANSPORTES UTILIZÁVEIS — PASSE SOCIAL, BILHETES PRÉ-COMPRADOS, BILHETES SIMPLES VENDIDOS NOS AUTOCARROS PELO PREÇO HABITUAL (ESC. 15.00)

ALÉM DESTAS MEDIDAS A CARRIS REFORÇARÁ AS SUAS CARREIRAS HABITUAIS NOS PERCURSOS COMUNS AO METROPOLITANO, COM AS SUAS TARIFAS NORMAIS E PRIVATIVAS.

O CONSELHO DE GERÊNCIA



Que agricultura para 1982?

Blasco Hugo Fernandes

Um ano está prestes a terminar. Em termos gerais e em especial no caso particular da agricultura – sector sobre o qual vamos proceder aqui a certas reflexões que consideramos importantes – este período de doze meses foi repleto de problemas de elevado custo, no aspecto tanto económico como social, para os diversos estratos da população que vive e trabalha no sector agrícola, que extrai da terra o seu sustento. Numa altura em que um novo ano se vai iniciar, sobretudo quando se traçam para ele linhas orientadoras da política agrícola para o período em referência, julgamos útil equacionar algumas questões que têm causado certa perturbação na actividade sectorial, permitindo em consequência ajuizar até que ponto as medidas previstas (quando as haja) ou os princípios norteadores das acções programadas, demonstram capacidade de resposta efectiva e satisfatória aos profundos anseios e às carências da larga maioria dos produtores agrícolas portugueses. Do mesmo modo se pode ficar com a possibilidade de apreciar se umas e/ou outros se mostram aptos a fornecer condições materiais, financeiras e de assistência técnica viabilizadoras e potenciadoras do trabalho do campo, dando ao mesmo tempo satisfação às elementares e crescentes necessidades dos consumidores, de um modo geral. Um tal cotejo habilita-nos a uma compreensão crítica do que nos é proposto, a uma melhor antevisão do que nos aguarda neste sector da nossa economia.

Problemas em questão

A evolução sofrida nos últimos tempos nos preços de diversos factores de produção indispensáveis ao cultivo dos solos tem criado sérias dificuldades aos agricultores, particularmente aos que exploram terras de exígua dimensão física e/ou económica, constituindo em muitos casos desincentivos à sua actividade profissional. Como se sabe, os preços de vários daqueles factores tais como os adubos, rações, sementes, pesticidas, o gasóleo e a maquinaria agrícola (tanto na compra como de aluguer) subiram consideravelmente, dando origem a uma elevação nos custos de produção que muitas vezes não são cobertos pelos preços dos produtos agrícolas pagos ao produtor. Esta situação é bastante frequente entre os pequenos e médios agricultores.

Nestes termos, a justeza de um programa medir-se-á naturalmente em função do seu real contributo para a solução daquele desajustamento, sendo por isso indispensável – para que o mesmo se mostre condizente com as exigências sectoriais imediatas – que aponte medidas concretas e eficazes de contenção dos preços daqueles meios de produção (e de outros que a exploração do solo não dispensa) e simultaneamente – uma vez que na campanha em curso os produtores irão sofrer inevitavelmente as consequências do agravamento já verificado – atribua subsídios de compensação aos agricultores (sobretudo aos mais desfavorecidos) a fim de poderem fazer face à subida de preços dos factores acima mencionados. É a única forma de tornar minimamente compensadora a sua actividade agrícola (enquanto outras medidas de fundo, previstas na nossa Constituição, não adquirirem concretização). É o único caminho, afinal, para o mais que necessário e vital aumento da produção agrícola de que tanto carecem a população e a economia portuguesas.

Outros entraves no sector

Tem sido insistentemente solicitado pelos agricultores, pelas organizações onde eles se integram ou pelas assembleias em que se reúnem para análise dos seus principais problemas, a rápida satisfação das obrigações oficiais relativas à campanha agrícola anterior, tais como o pagamento do subsídio à produção da batata-semente, ainda não efectuado ou executado apenas a 50%, e do subsídio de gasóleo e de mecanização, assim como a liquidação das indemnizações atinentes aos prejuízos causados pelas geadas, secas e incêndios. De igual modo se refere como lesivo do interesse dos produtores agrícolas portugueses de regiões significativas da agricultura nacional algumas decisões favorecendo os grandes importadores de batata-semente e de consumo mas que, do mesmo passo, impedem ou entravam no todo ou em parte a produção de inúmeros agricultores, em consequência da concorrência de produto estrangeiro e da ausência de medidas concretas garantindo o escoamento interno do tubérculo nacional.

Compreende-se facilmente que situações deste tipo a verificarem-se ou a manterem-se por muito mais tempo não podem conduzir de modo algum à expansão da nossa agricultura. A idêntica sorte para a economia agrícola nacional encaminha a falta de garantias de estabilidade dos rendeiros nas suas explorações e a ausência de uma tabela de rendas fundiárias que seja de facto compensadora, estimulante e segura, assim como de medidas de protecção dos rendeiros contra eventuais fugas ao cumprimento das pautas fixadas por lei. Com efeito, como poderá ser de outra forma se os que cultivam a terra por arrendamento não possuem – porque não lhes são dados – incentivos para investirem e melhorarem as suas explorações para amortizarem os encargos contraídos e contribuírem para um aumento da produção, assegurando-se naturalmente condições de justa repartição de rendimentos entre senhorios e rendeiros? E como se assume este problema?

Outro instrumento que poderá permitir romper com a estagnação da nossa agricultura é o crédito. O efeito positivo da sua aplicação está, todavia, condicionado à sua desburocratização, à sua adequada bonificação e à sua maior operacionalidade a fim de que ao mesmo possam ter real e fácil acesso os pequenos e médios agricultores e não apenas os que menos carecem de tais apoios estatais. Os critérios de concessão de créditos têm muito a ver com este problema de crucial importância para a conveniente dinamização da agricultura portuguesa, nomeadamente de uma das suas parcelas mais significativas em termos socioeconómicos.

Nesta perspectiva, ganha igualmemtne relevo a necessidade de aplicação de exigências não hipotecárias na outorga de créditos aos pequenos e médios agricultores, às suas associações de produção e às dos trabalhadores rurais, apoiadas sobretudo em critérios técnicos, económicos e socialmente aconselháveis à promoção das categorias sócio-profissionais em causa, ao seu maior e firme contributo no aumento do produto agrícola. Em idêntico quadro de preocupaçãos e objectivos se deve inserir o estabelecimento efectivo e funcional do seguro agrícola, abrangendo prioritariamente culturas (produções) constituindo a base da subsistência do agricultor, de modo a cobrir os riscos provenientes de causas independentemente da condução da exploração. Que contributo se presta neste campo é outra indagação a fazer que merece sem dúvida algum exame.

Uma palavra sobre a estrutura

A valorização e a dignificação da nossa agricultura depende bastante do sistema de coordenadas estruturais, sociais e económicas que a caracterizam e em que a mesma opera. Na perspectiva do desenvolvimento e da modernização deste sector da actividade económica, sobressai como condição indispensável a sua reestruturação. Só que aquela que mais se ajusta às necessidades globais da transformação equilibrada, harmoniosa e isenta de problemas sociais não se concilia com o livre jogo da iniciativa privada, mas exige ao invés apoio e acções programadas do Estado democrático visando directamente aqueles objectivos e criando simultaneamente estímulos e formas de auxlio material, técnico e financeiro a estruturas associativas tanto de pequenos e médios agricultores (proprietários ou rendeiros) como de trabalhadores rurais.

Ora esta finalidade pode ser posta em causa pela inclusão e funcionamento da nossa agricultura (e economia) em espaços exteriores mais vastos, como é o caso da CEE, na medida em que, ao subordinar os pequenos e médios agricultores a regras de jogo que dificilmente poderão enfrentar, em virtude da exiguidade física e/ou económica das suas explorações, os lança para as incertezas da vida, para a sua assalariação intra e/ou extra-sectorial, cobrando-lhes o preço amargo e doloroso da sua ruína. Aconselha-nos, por isso, o bom-senso que não se persista na nossa adesão àquela comunidade internacional, nem que esta integração, agora retardada e cada vez mais longíqua, sirva de justificação para medidas e transformações colidindo com os fundamentos dos nossos preceitos constitucionais. Estes implicam, pelo contrário, que na transformação estrutural se atribua papel relevante ao cooperativismo, designadamente nas áreas da produção, de compra, de venda, de transformação e de serviços. O Estado tem neste capítulo, como em muitos outros, incumbências a que, pelo diploma constitucional, não poderá eximir-se.

A reestruturação pela via cooperativista é mais uma peça que juntamente com as referidas anteriormente (incentivos materiais aos pequenos e médios agricultores, garantias de estabilidade e de rendibilidade aos rendeiros e crédito agrícola) e outras que se lhe poderiam acrescentar, compõem o diapasão de aferimento da justeza de um programa, de um plano, de uma política para o sector da agricultura e da análise da sua adequação às necessidades e aos principais problemas agrícolas nacionais. A validade daqueles resulta fundamentalmente da forma e da medida em que, pelo seu conteúdo e pelos preceitos directores possam na realidade concorrer para a criação de condições que retirem o nosso sector agrícola da estagnação crónica em que se encontra e solucionar a muito curto prazo os problemas ingentes, imediatos e de fundo, da nossa tão maltratada e esquecida agricultura. Trata-se em suma de indagações necessárias a uma posição crítica consequente a qualquer nível da nossa participação na sociedade portuguesa.

● A Associação dos Amigos dos Países Árabes condenou veementemente «a atitude arrogante do Estado sionista de Israel pela decisão de anexar os Montes Golã». Também o PCP e o PS acabam de tomar idênticas posições afirmando o primeiro, designadamente, que «sem o apoio do imperialismo norte-americano, os sionistas de Israel não podiam levar a cabo no Médio Oriente a sua política constante de agressão e terror contra os povos árabes», enquanto o PS «condena um acto que vem agravar seriamente as ainda frágeis esperanças de paz no Médio Oriente».

● O Partido Comunista Português leva a efeito, no próximo dia 23, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, um comício com **Álvaro Cunhal.** «Os problemas do País agravam-se todos os dias e em cada dia que passa a situação é cada vez pior para Portugal e para os portugueses» – considera o PCP na convocatória e acrescenta que «o lançamento, nesta altura, a pretexto dos acontecimentos na Polónia, de uma campanha anticomunista, é uma forma de esconder esse clamor nacional».

● A organização do PS na emigração é um dos temas a tratar numa reunião de socialistas portugueses a realizar na República Federal da Alemanha nos dias 18, 19 e 20, anunciou o partido.

Na reunião, apoiada pela Fundação Friedrich Ebert, próxima da SPD, participam Jorge Campinos, da Comissão Permanente do PS e responsável pelo pelouro da organização, Fernando Medeiros, responsável pela emigração e socialistas das Federações da França, Benelux e RFA.

● **Mário Soares** enviou ontem telegramas de cumprimentos a **Kurt Waldheim** e a **Perez Cuellar,** respectivamente, ex-secretário-geral e novo secretário-geral das Nações Unidas. Em relação ao primeiro, Soares congratula-se com a respectiva acção em favor da paz, do diálogo e progresso das nações, enquanto deseja ao segundo o maior sucesso na condução de uma política internacional em favor da paz, do desarmamento e do progresso.

● **Salgado Zenha,** líder parlamentar do PS na Assembleia da República, manifestou a opinião de que o PSD no processo de revisão constitucional está a assumir-se como «falso partido regionalista».

Em declarações ao «Correio dos Açores» de Ponta Delgada, Salgado Zenha sustentou que o PSD, ao pretender consagrar no novo texto constitucional a proibição de partidos regionais, contraria a posição que defende na Assembleia da República da institucionalização de um Estado unitário e regional.

O líder socialista, que considera a regionalização como «imperativo nacional», acusou ainda os sociais-democratas açorianos de manterem no arquipélago uma «partidocracia em vez de democracia».

● **Mota Amaral,** que depois de se encontrar com o Presidente da República (passando por Lisboa, entre a Madeira e os Açores) já está em Ponta Delgada, considerou que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Zimbabwe «não está bem informado sobre os estatutos dos Açores». Esta afirmação vem na sequência de declarações do ministro do Zimbabwe em Salisbúria, segundo as quais «os Açores são território ainda sob dominação colonial».

ec editorial CAMINHO

PRÉMIO EDITORIAL CAMINHO DE LITERATURA POLICIAL E FICÇÃO-CIENTÍFICA

REGULAMENTO

1. A Editorial CAMINHO, na sequência do interesse que também dedica à literatura policial e de ficção-científica, concretizado em volumes publicados em mais de uma colecção, cria o PRÉMIO EDITORIAL CAMINHO para obras dos referidos géneros.

2. Este prémio destina-se a estimular a criação em português de literatura policial e de ficção-científica.

3. O prémio será atribuído nas seguintes modalidades:
   a) ficção-científica
   b) história policial

4. As obras concorrentes às respectivas modalidades poderão ser romances ou colectâneas de contos.

5. As obras concorrentes deverão ser em língua portuguesa e inéditas.

6. As obras concorrentes deverão ter um mínimo de 160 páginas dactilografadas nas condições do n.º 10 deste Regulamento.

7. O valor do prémio será de 100 000 escudos para cada modalidade. No acto de entrèga do valor do prémio o autor premiado considerará com isso pagos os direitos autorais da primeira edição da respectiva obra, com uma tiragem máxima de 5000 exemplares.

8. A Editorial CAMINHO reserva-se o direito de publicação da primeira edição da obra premiada. Os direitos das edições seguintes pertencem integralmente ao autor, concedendo este à Editorial CAMINHO o direito de opção em igualdade de circunstâncias.
   A Editorial CAMINHO reserva-se o direito de opção para publicação eventual de obras não premiadas.

9. O júri será constituído por: ANTÓNIO LOBO ANTUNES, ANTÓNIO LUÍS MOITA, em representação da Associação Portuguesa de Escritores, FERNANDO ASSIS PACHECO, MANUEL GUSMÃO, MARGARIDA BARAHONA DA FONSECA, SALVATO TELES DE MENEZES e um representante da Editorial CAMINHO, que exercerá também as funções de secretário.
   As decisões do júri serão tomadas por maioria de votos. O júri poderá, se assim o entender, não atribuir o prémio de uma modalidade, ou de ambas, por falta de qualidade das obras concorrentes, mas em caso nenhum o prémio será repartido por duas ou mais obras. O júri poderá também recomendar a publicação de obras que considere com mérito para tal.

10. As obras concorrentes deverão ser enviadas, **com a indicação da modalidade respectiva**, à Editorial CAMINHO, PRÉMIO EDITORIAL CAMINHO, Alameda de Santo António dos Capuchos, 6B, 1100 LISBOA, dactilografadas em três exemplares, a dois espaços em papel formato A4, até ao dia 31 de Maio de 1982. O júri tornará publica a sua decisão até ao dia 15 de Outubro de 1982.

11. Os exemplares devem ser assinados com um pseudónimo, acompanhados de um envelope lacrado contendo a identificação do respectivo autor. O não cumprimento desta cláusula implica a eliminação do concorrente. Só serão abertos os envelopes relativos aos autores premiados e àquelas obras sobre as quais a Editora decida exercer o seu direito de opção para publicação.

12. Para todos os efeitos considera-se que, a partir do momento em que entregam os seus originais a concurso, os concorrentes aceitam as disposições do presente regulamento.

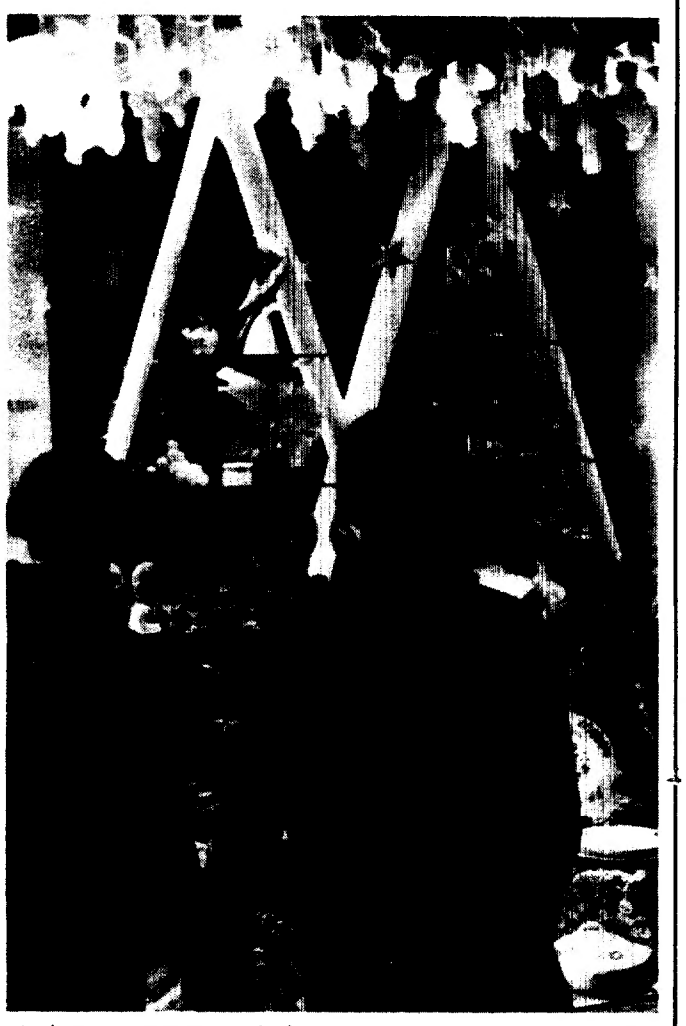
13. Terminado o concurso, os autores concorrentes poderão levantar as suas obras na Editorial CAMINHO até ao dia 31 de Janeiro de 1983. A Editorial CAMINHO não se responsabiliza pela sua devolução.

Lisboa, 20 de Novembro de 1981

a palavra com...

Beja Santos

Natal: produção, comércio e consumo



Para os CTT, o Natal é uma operação de relações públicas com os consumidores desavindos e uma óptima oportunidade para vender bilhetes postais; para transfugas e necessitados de pluriemprego, o Natal é o exacto momento para vestir a labita do Pai Natal, pôr uma barba de acrílico e vender fotografias com crianças alçadas em cavalos de cartão, à porta das lojas de brinquedos; para a RTP é a grande degustação dos blocos publicitários com chocolates, bonecas, televisores, livros; as empresas procuram a reconciliação com os distintíssimts compradores e daí a troca unilateral de galhardetes que vai desde o simples cromo logotipado com a pujança do produtivista até relógios em bronze, modelos exclusivos para funcionários superiores altamente dedicados à «causa». Uma natividade com edições de luxo, livros autografados, utilidades domésticas inconcebíveis, que investem sofisticadamente, até ao último arfar, contra o 13.º mês. Enfim, o **management**, *que preparou com a antecedência prevista o evento consumista, galgou risonhamente mais um obstáculo da crise, cumpriu a causalidade do Natal. E que importa a «taxa de mortalidade» de toneladas de cartão, celofane, e tantos outros despojos lançados nos caixotes do lixo, se a civilização de massas cumpriu o rito tecnológico da festa-objecto?*

Porque o Natal dos cristãos para os religiosos da tecnologia é um presente, não é um fim nem um princípio. E um presente é um dos simples meios desta arquitectura barroca de reproduzir obrigações e solidariedades explorando e oprimindo com necessidades secundárias e terciárias todos os esfomeados de identificação, de prestígio ou consideração do grupo.

Está em si, prezado leitor, colar-se ou não ao mito. Facto é que não compete ao consumerismo dar amor ou evidenciar as virtudes teologais, mas tão-só apelar ao bom-senso. Por isso, amigo natalício de todos os dias, apresento as seguintes sugestões para as suas prendas de Natal:

– funde com os seus vizinhos um clube de utilizadores de discos, ferramentas e reparações domésticas;

– leia com atenção todas as cláusulas contratuais da nova forca que impôs a si próprio: garantias, preços de reparações, substituição de peças, etc.;

– não desobedeça ao rol das compras que leva para as lojas e escolha as horas mais sossegadas, conferindo preços, etiquetas e condições de venda;

– não compre no comércio de Natal bens duradouros ou semiduradouros: têm habitualmente o preço onerado da quadra;

– já que está interessado em saber quais são os seus direitos e como quer estar melhor informado sobre o fenómeno do consumo, economia doméstica, etc., aproveite as palhinhas do presépio e o bafo da vaca para ir militar numa cooperativa de consumidores ou numa associação de consumidores;

– na sua associação de moradores crie o jornal de parede contra o custo de vida, começando por fazer um inquérito ao funcionamento dos mercados abastecedores e aos preços de sapatos e vestuário antes e depois do Natal;

– proponha na cooperativa de consumo uma acção de boa-vontade: diminuição drástica até 15 de Janeiro de produtos envoltos em embalagens luxuosas, óleos alimentares, lixo dito «fortificante com vitamina C», refrigerantes, e shampôs vitaminados – a 16 de Janeiro confira talões e dê consigo surpreso com a importância amealhada;

– baixe o som da TV e rádio durante os blocos publicitários;

– peça aos delegados sindicais para não irem na onda das indústrias culturais do Natal. É muito bonito marcar uma trégua nos conflitos mas não deixa de ser repugnante aderir aos protótipos da angústia estandardizada. É que há uma arte para vender circos, palhaços, confeitos, falsos novos produtos, bolas de plástico para pinheiros de plástico, enfim, o efémero que caracteriza toda a espécie de mercadorias que disfuncionam a actividade afectiva.

Por fim, uma última recomendação consumerista: prepare o Natal de 1982 em autogestão. Não para tomar o poder do Estado, certamente; não para se marginalizar o espírito destrutivista dos produtivistas, que é mais forte que a autogestão, mas para ter tempo livre e tempo de produção social fora da uniformidade deste aberrante modelo de consumo que trata o Menino Jesus pelo nome de autogrupo, vendas a prestações, cartões de crédito, e empazinadelas da meia-noite. Porque os comerciantes do Menino Jesus têm-lhe premeditadamente descurado a informação de que entre estes dois natais o restritivismo e a degradação da qualidade de vida vão fazer a sua glória de pastor consumido num presépio que espera a estrela reluzente da Wall Street implantada em Portugal.

E a seguir a este Natal, meu amigo de Natal de todos os dias, vão produzir e comercializar um objecto de consumo que dá pelo nefando título de lei dos despedimentos.

Que boa prenda que podíamos dar a todos os consumidores: despedir os agentes despedidores, hem?

CR condena "oportunismo político" sobre situação polaca

● *Costa Gomes e Spínola promovidos a marechais*

A promoção dos ex-presidentes Spínola e Costa Gomes a marechais, do brigadeiro da Força Aérea, Moura de Carvalho, a general e a discussão da situação polaca e suas incidências em Portugal – foram os pontos dominantes da reunião de ontem do Conselho da Revolução.

No comunicado, emitido já de madrugada, o CR afirma que «tem seguido com atenção a evolução dos últimos acontecimentos na Polónia que suscitaram sérias apreensões quanto ao desenvolvimento dos direitos sindicais dos trabalhadores polacos e da democratização nesse país».

«No que respeita à forma como este assunto tem sido tratado em Portugal – considera ainda o comunicado – não pode deixar de assinalar-se o oportunismo político daqueles que, tão indiferentes ao que se passa em países do Ocidente sujeitos a regimes ditatoriais, aparecem agora como paladinos da defesa dos Direitos do Homem, divergindo frontalmente dos signatários ocidentais da Acta Final de Helsínquia e com os quais, nesta conjuntura, interessava manter uma certa solidariedade.»

Costa Gomes: «sinto-me grato»

Sinto-me grato por se terem lembrado de mim disse Costa Gomes, esta manhã, à Rádio Comercial, ao comentar a sua promoção a marechal pelo CR. O ex-presidente, de 67 anos, que é detentor de uma longa carreira militar, assinalada por indesmentível prestígio entre os mais jovens oficiais do Exército devido à sua isenção e competência profissional foi demitido, tal como Spínola, em 1972 da chefia do Estado-Maior das Forças Armadas. Fez parte da Junta de Salvação Nacional, criada após o 25 de Abril e foi eleito presidente do Conselho da Revolução, instituído em 14 de Março de 1975. Sucedeu ainda a Spínola na Presidência da República, na sequência dos acontecimentos de 28 de Setembro.

Actualmente membro da presidência do Conselho Português para a Paz e Cooperação e vice-presidente do Conselho Mundial da Paz, o marechal Costa Gomes possui, entre outras condecorações, a nível militar, a medalha de ouro de serviços distintos, com palma, e a medalha militar de prata de comportamento exemplar.

António de Spínola, de 71 anos, autor do livro «Portugal e o Futuro», publicado em 1972 (quando exercia as funções de governador da Guiné) e considerado importante factor do movimento dos capitães, foi o primeiro presidente do pós-25 de Abril. Demitido na sequência do «28 de Setembro», abandonou o País em 11 de Março de 1975, por envolvimento na tentativa de golpe de direita, e foi, posteriormente, expulso das Forças Armadas.

Manteve cerca de um ano actividades conspiratórias presidindo ao ELP/MDLP, de extrema-direita, até que regressou em Agosto de 1976 a Portugal e foi reintegrado, em 1978, nas Forças Armadas.

Quanto ao recém-promovido general Moura de Carvalho, da Força Aérea foi até há pouco, comandante da região militar dos Açores, onde teve papel destacado, nomeadamente na acção de apoio às populações afectadas pelo sismo de 1979.

Freitas vai ao CR?

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Freitas do Amaral aceitou, em princípio, o convite que lhe foi feito pelo Conselho da Revolução para participar numa das suas reuniões.

A aceitação definitiva ficou pendente de uma consulta de Freitas do Amaral ao Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

A participação de Freitas do Amaral numa reunião do CR foi proposta o mês passado pelo tenente-coronel Vítor Alves depois de uma entrevista do ministro da Defesa à RTP sobre as Forças Armadas.

Falhou "jogada" AD

St.º Ildefonso (Porto): eleições não são adiadas

PORTO, 17 – A tentativa da C.A. da Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, de colaboração com o presidente da Câmara Municipal do Porto, para obterem o adiamento das eleições para a Assembleia de Freguesia, marcada anteriormente para o dia 31 de Janeiro próximo, foi ontem definitivamente frustrada, quer pelo parecer dado pela Comissão Nacional de Eleições, quer pela incapacidade da própria AD ao argumentar a seu favor na reunião da Câmara que expressamente convocara.

De facto, de acordo com um telex enviado pela C.N.E. na sequência de um pedido apresentado pela APU, informava que se a proposta da C.A. de Santo Ildefonso fosse tomada em conta, no sentido do adiamento do acto eleitoral, a deliberação da Câmara que acolhesse esse pedido podia ser impugnada e considerada nula.

A C.N.E. acrescentava também que só poderiam ser consideradas as listas de candidatura apresentadas até ao dia 18 do corrente.

Esta deliberação da C.N.E. deu assim total acolhimento às posições defendidas pela APU e que o «DL» referiu na sua edição de ontem. Na reunião da Câmara, efectuada ontem à noite, os vereadores da APU reafirmaram que a convocação da reunião era despropositada e arbitrária a tentativa de tentar «fazer um frete» à C.A. de Santo Ildefonso, igualmente de maioria AD. O presidente da Câmara arq. Coelho de Magalhães e os vereadores da maioria não esboçaram qualquer reacção, pelo que, como nos disse esta manhã o vereador da APU, eng. Oliveira Dias, a posição e a tentativa da AD «ficaram emparedadas» e não havia outra saída se não acatar aquilo que já se sabia: o que a lei determinava sobre o caso, como a APU havia alertado. Entretanto, a APU fez ontem entrega da documentação da lista que apresenta

Com os votos conseguidos "a ferros"

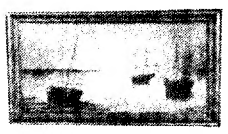
Conselho de Ministros contente com "aprovação maciça" do OGE

O Conselho de Ministros, no comunicado final da reunião de ontem, «congratulou-se com a aprovação maciça que mereceu na generalidade a aprovação da Lei do Orçamento e as Grandes Opções do Plano para 1982 por parte da Assembleia da República».

A falta de coesão da maioria parlamentar foi evidente; os discursos foram contraditórios no seio da maioria AD. O PSD atacou ministros do CDS e o CDS acusou ministros do PSD. A confusão. Mesmo assim, considera o Conselho de Ministros que «pelo seu voto, a maioria parlamentar reafirmou a plena confiança política no Governo, que passa a dispor de dois instrumentos institucionais essenciais da política económica e financeira para o próximo ano».

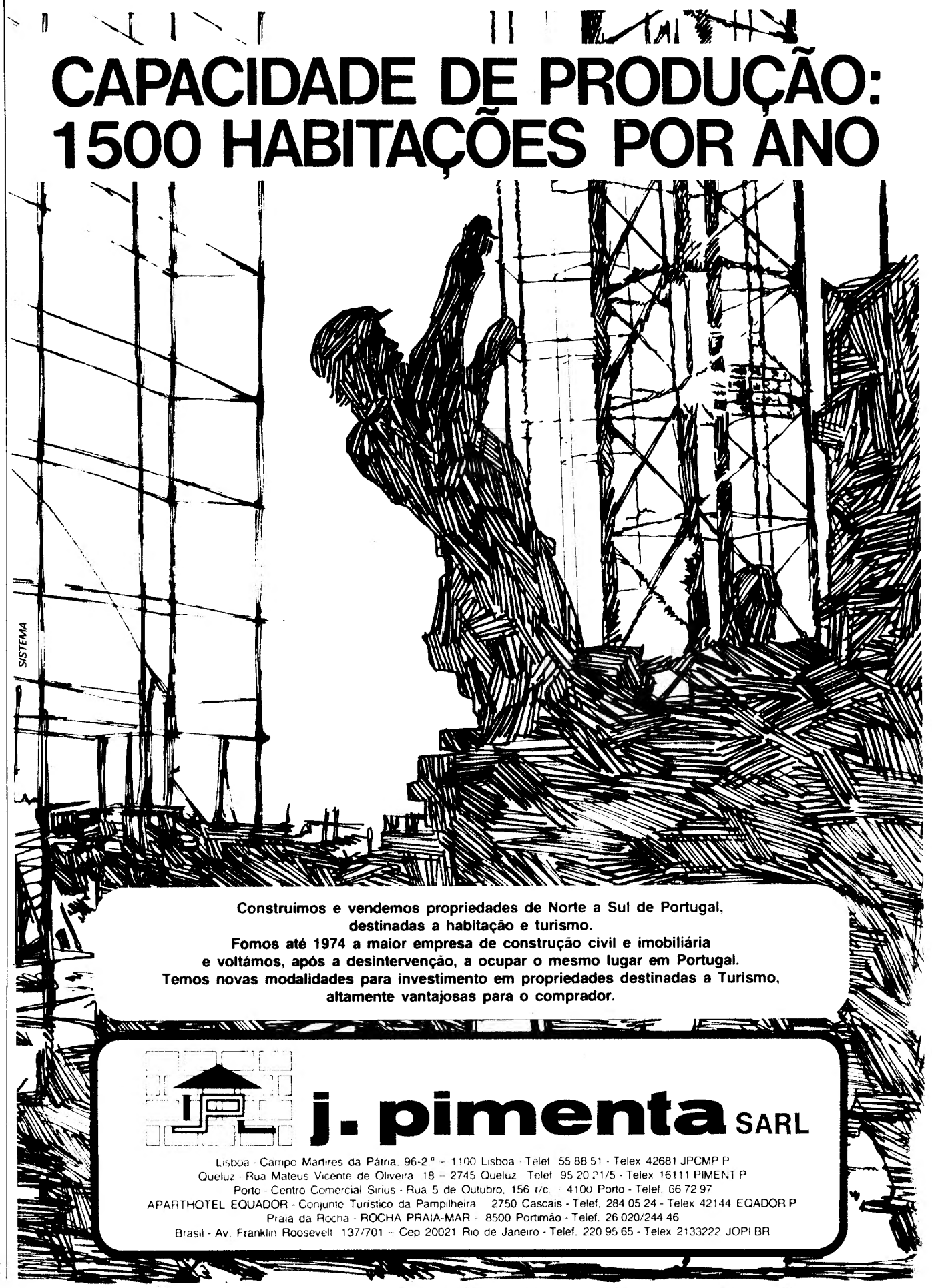
Depois da **alegria** pela aprovação do Orçamento, o Conselho de Ministros preocupa-se... com a situação na Polónia. Lê-se no comunicado final: «O Conselho de Ministros apreciou também detidamente a situação vivida na Polónia, com base em dados de facto chegados ao conhecimento do Governo, e reiterou a posição política que o Governo definiu na reunião extraordinária do Conselho, efectuada anteontem». Depois de ouvir uma exposição do ministro dos Negócios Estrangeiros sobre política externa, o Conselho de Ministros (lê-se já no final do comunicado) aprovou os seguintes diplomas: «sobre a venda das casas do Estado e da Segurança Social aos inquilinos; o que revê o Código de Expropriações e o que regulamenta as habitações construídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 817/76 de 11 de Novembro».

PARA O SEU NATAL TEMOS O QUADRO QUE PROCURA



COPREDE, SCARL — EXPOSIÇÃO E VENDAS — ALAMEDA DO PODER LOCAL, LOTE 12 — ODIVELAS

CAPACIDADE DE PRODUÇÃO: 1500 HABITAÇÕES POR ANO



Construímos e vendemos propriedades de Norte a Sul de Portugal, destinadas a habitação e turismo.
Fomos até 1974 a maior empresa de construção civil e imobiliária e voltámos, após a desintervenção, a ocupar o mesmo lugar em Portugal.
Temos novas modalidades para investimento em propriedades destinadas a Turismo, altamente vantajosas para o comprador.

j. pimenta SARL

Lisboa - Campo Mártires da Pátria, 96-2.º - 1100 Lisboa - Telef. 55 88 51 - Telex 42681 JPCMP P
Queluz - Rua Mateus Vicente de Oliveira, 18 - 2745 Queluz - Telef. 95 20 21/5 - Telex 16111 PIMENT P
Porto - Centro Comercial Sirius - Rua 5 de Outubro, 156 r/c - 4100 Porto - Telef. 66 72 97
APARTHOTEL EQUADOR - Conjunto Turístico da Pampilheira - 2750 Cascais - Telef. 284 05 24 - Telex 42144 EQADOR P
Praia da Rocha - ROCHA PRAIA-MAR - 8500 Portimão - Telef. 26 020/244 46
Brasil - Av. Franklin Roosevelt 137/701 - Cep 20021 Rio de Janeiro - Telef. 220 95 65 - Telex 2133222 JOPI BR

Manifestantes reunidos pela UGT contra a situação na Polónia

Numerosas pessoas responderam em Lisboa, Porto, Braga e Aveiro, ao apelo da UGT para a realização de concentrações contra as medidas do Governo polaco contra a central sindical Solidariedade. Em Lisboa, usaram da palavra um representante dos sindicalistas do PSD que centrou os seus ataques no PCP, na CGTP e no «comunismo internacional», e Torres Couto, secretário geral da UGT, que justificou a convocação da manifestação com a necessidade de denunciar e repudiar «tão graves violações aos direitos do homem por parte dos que se apresentam como os campeões da liberdade».

Entre os presentes, contavam-se sobretudo pessoas ligadas ao PSD e ao CDS (Krus Abecasis incluído), destacando-se bandeiras da UGT da Federação dos Trabalhadores Democratas Cristãos e um pano em que se dizia: «Comunistas fora da Polónia».

Um outro pano, desenrolado por um militante trotzquista com a frase «A luta dos trabalhadores polacos é a mesma dos trabalhadores portugueses contra a AD», foi violentamente retirado das mãos do seu portador por membros da organização.

Por outro lado, e agora sem a intervenção da organização, jovens neonazis queimaram uma bandeira soviética e fizeram a saudação nazi cantando o hino da ex-Mocidade Portuguesa. Entre os slogans que gritavam, ouvia-se «comunas para a Sibéria» e «morte aos comunas». Entretanto, a Associação Social Democrata Independente, ASDI, lamentou, ontem, as «tentativas de intromissão política» e a «ostensiva presença de militantes e de organizações de extrema direita» na manifestação da UGT, acrescentando que esta deveria ter manifestado o seu não comprometimento com tais atitudes.

Manifestação do «CILS»

Largas centenas de pessoas participaram por outro lado em Lisboa na «manifestação unitária de esquerda» contra a situação que se está a viver na Polónia.

A manifestação foi convocada pelo Comité de Informação sobre a Luta do Solidariedade (CILS) com o apoio de diversas personalidades políticas, entre as quais Henrique de Barros e Maria de Lurdes Pintasilgo, e deputados do Partido Socialista, da UEDS e UDP.

No cortejo que ao fim da tarde desfilou pela baixa de Lisboa, viam-se na primeira fila, segurando uma faixa dizendo «Solidariedade com os trabalhadores polacos», o deputado socialista Marcelo Curto, Otelo Saraiva de Carvalho, major Tomé, o dirigente trotsquista Cabral Fernandes e o militante anarco-sindicalista Emídio Santana.

«Liberdade sindical, na Polónia e Portugal», «socialismo só há um/ com os trabalhadores e mais nenhum» e «não à demagogia da AD e da CIA» – foram as palavras de ordem mais gritadas pelos manifestantes.

No final da manifestação realizou-se um breve comício onde Marcelo Curto, caracterizou a declaração do estado de sítio na Polónia como «uma tentativa de uma clique burocrática para esmagar as organizações livres dos trabalhadores».

O major Tomé afirmou ser «inadmissível» o facto da CGTP-IN não ter convocado os trabalhadores «para uma manifestação de apoio à luta dos trabalhadores polacos».

A primeira «manifestação de massas» promovida pela UGT em Lisboa foi a propósito da situação que se vive na Polónia

A Catarina já faz a saudação nazi

A Catarina conheceu o mundo em Abril. Conheceu as noites loucas das ocupações, das manifestações, das lutas cheias de esperança. Conheceu, também, o seu corpo adolescente, em Abril.

Com os olhos arregalados e uma grande ingenuidade política, tragou avidamente os frutos de Abril. Abandonou os estudos, a casa paterna, entregou-se de corpo e alma às suas frágeis convicções (mas quando se tem 15 anos tudo é consistente, prometedor e seguro).

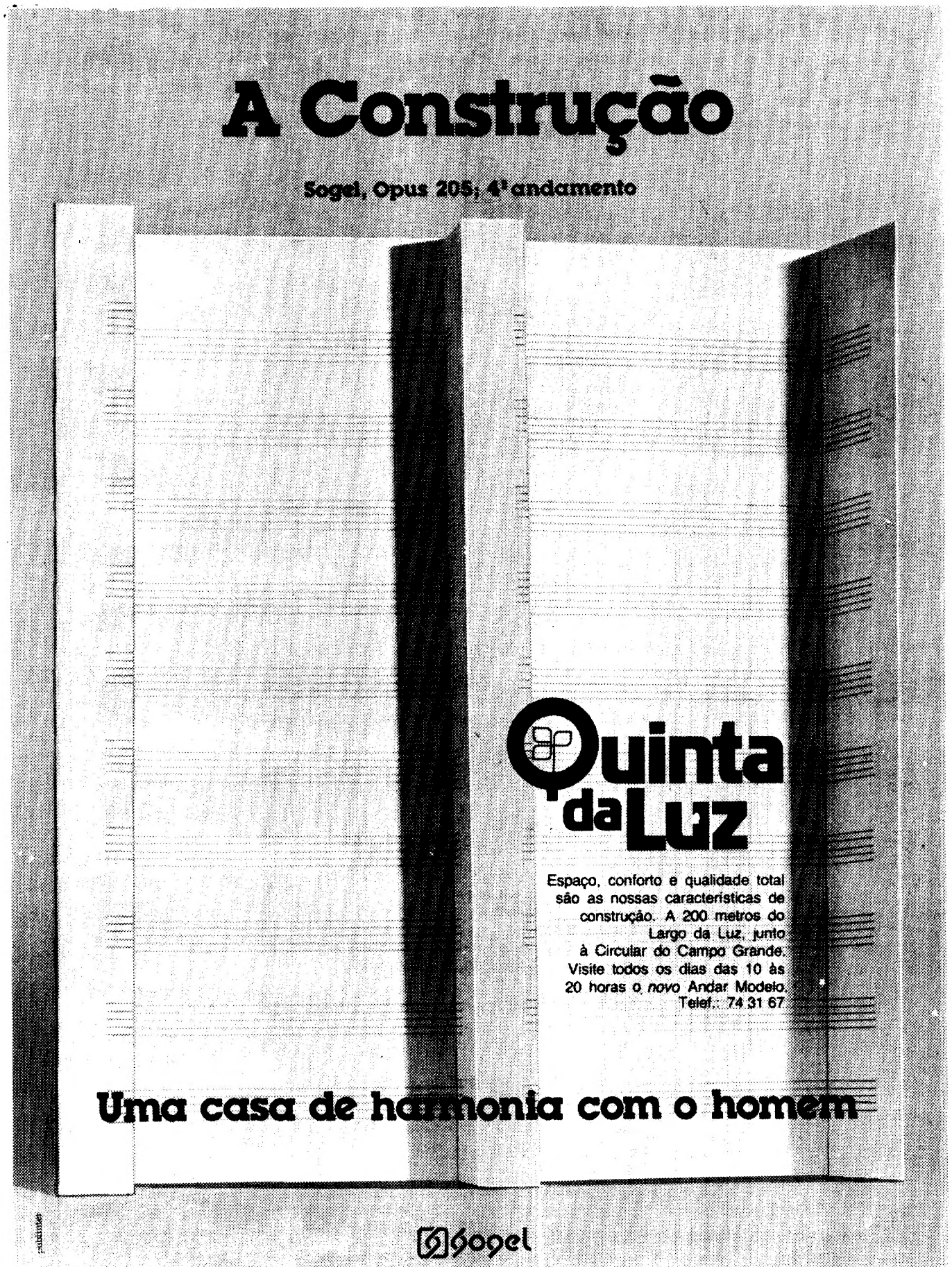
Era uma jovem militante de esquerda, muito bela, muito viva, transbordante de entusiasmo e de desejo de saber, e de fazer. Progressivamente, a esperança foi corroída, o desalento invadiu-a. Voltou a casa. Desiludida, retomou os estudos e desertou das lutas.

Ontem, encontrei-a no Rossio, em Lisboa, pelas 19 horas. Perto dela (frente à tribuna da concentração organizada pela UGT, com o apoio de grupos e pessoas de direita e extrema-direita, em solidariedade com os trabalhadores polacos), um homem de cabelo encaracolado desfraldava um pano que logo era obrigado a recolher pela força e que Catarina olhava com desdém. O pano dizia assim: «A luta dos trabalhadores polacos é a mesma que a dos portugueses contra a AD».

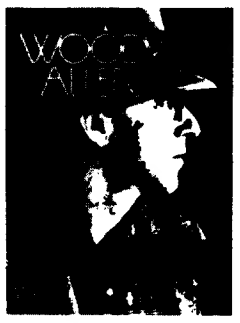
Um pouco mais longe, dezenas de jovens (talvez com percursos semelhantes aos de Catarina) gritavam: «Comunistas fora da Polónia», «Morte aos comunistas». Faziam a saudação nazi e cantavam o hino da Mocidade Portuguesa. Face à minha incredulidade, Catarina esboçava ao erguer o braço direito.

Há anos que a não via. Disse-me, envergonhada, que já não acreditava em nada, que «esta da Polónia era a última que lhe podia acontecer». Esmagaram a réstia de esperança que nela havia...

José António Cerejo



para o seu Natal



SEM PENAS
Um WOODY ALLEN melhor que nunca
edições BERTRAND

Associação Portugal - RDA
Pç. José Fontana – 17 – 4.º Lx
Tel.: 539821/2 das 15 h. às 19 h

BAZAR DE NATAL
20 DE DEZEMBRO DE 1981

15 h – Abertura
16.30 h – Projecção do filme «Rostock, Distrito da RDA no Mar Báltico»
18 h – Encerramento

reportagem

Uma parte dos contentores que se encontram armazenados em Saelices el Chico. Atravessaram Espanha para jazerem perto da fronteira portuguesa

Os ecologistas espanhóis já pouco podem falar fora de casa. No caso, é Pedro Gonzalez, do Comité Antinuclear de Salamanca, quem nos expõe as suas preocupações quanto à situação no seu país

Maus ventos (nucleares) de Espanha

As minas de urânio "reforçadas"

O arame farpado e os agentes fardados vieram com o nuclear para bem perto da fronteira luso-espanhola.
«Tenham cuidado, que eles não podem ver uma máquina fotográfica ou um jornalista» – diziam-nos pessoas diversas que estão habituadas ao lote de dificuldades que se põem quando querem aproximar-se das instalações nucleares espanholas.
É o caso de Saelices el Chico, a uma dezena de quilómetros de fronteira portuguesa. ali se encontram jazigos de urânio que são explorados desde há anos pela ENUSA, a empresa estatal que se encarrega do sector.

O panorama modificou-se, porém, quando em Abril do ano passado para ali foram transportados 36 contentores com 300 toneladas de resíduos radioactivos. Chegaram às imediações de Ciudad Rodrigo, por caminho-de-ferro, no maior sigilo, depois de terem atravessado toda a Espanha, pelo meio de cidades como Valladolid.

O armazenamento da «mercadoria» acabaria por ser detectado e denunciado publicamente, inclusivamente com documentação fotográfica obtida no meio de grandes dificuldades.

Entre nós, o caso também viria ser denunciado mas sempre sem obter grandes repercussões ou nham em demonstrar.

Em Saelices el Chico, os 36 contentores estão ao ar livre, desconhecendo-se até que ponto são emissores de radiações ou qualquer ruptura tornará possível a contaminação do meio.

Mas há mais. A exploração dos jazigos de urânio é feita a céu aberto, exactamente aquela que se torna mais perigosa para o ambiente, embora menos maléfica para os mineiros. Tudo se passa nas margens do rio Águeda, como o Tormas um afluente do Douro. As águas para a lavagem e operações de concentração do minério são dali tiradas e ali voltam.

Embora numa zona menos povoada, o projecto nuclear espanhol também ameaça as suas populações, cidades, interesses. As termas de Ledesma, a poucos quilómetros de Juzbado, estão claramente «arrumadas»

As minas de urânio de Saelices el Chico são exploradas a céu aberto, a uma dezena de quilómetros da nossa fronteira. Foram reforçadas com toneladas de material radiactivo compradas no estrangeiro

tornando-se susceptível de um debate público que se impunha dada a proximidade das nossas cidades, povoações, rios.

O Governo português repetiu-se na sua indiferença pública perante o que é um verdadeiro escândalo. Quando algo se diz é para insinuar que o perigo nem por isso é muito grande, exactamente o que as multinacionais do nuclear, particularmente as americanas, se empenham em demonstrar.

«O perigo de contaminação é evidente» – garantem-nos, lá e cá, quantos têm formação científica mínima para o efeito. A exploração a céu aberto, acrescentam as mesmas fontes, ameaça os dois lados da fronteira ao permitir que se liberte o gás que se encontra armazenado nas rochas, ele também radioactivo.

Alimento para Juzbado

Os guindastes fazem crescer as paredes, ali à beira da estrada, a povoação à vista, com uma torre de rádio (comum a todas as instalações nucleares) adentro da cerca. Arame farpado, frequentemente constituindo duas barreiras, inutiliza a antiga do «coto de caza».

A entrada está vigiada da portaria. O porteiro é um antigo camponês, rendido enfim ao poder da fábrica que ali se instala. Tem um emprego agora, maiores rendimentos, espera que tudo se estabilize com a sua entrada em funcionamento.

Se tem medo? Não, claro, «eles» dizem que não há perigo nenhum. É para fabricar umas «pastilhinhas», também exemplifica com um terço do indicador. E estão a construir a piscina para que o rio não seja contaminado...

Na população, contudo, há quem ainda não tenha cedido aos encantos do nuclear. A agricultura local não seria muito rendosa, como é comummente assente. Mas havia ali a escassos dois quilómetros as termas de Ledesma. E essas nunca voltarão a ser o que eram.

Coisa insignificante, certamente, as termas, para tão grandes planos, que se divisam pelo volume de construção.

De resto, esta é uma pequena parte de quanto se faz ou planeia para a província de Salamanca, confinante com Trás-os-Montes e Beira Alta. É Sayago, lá em cima, já nos limites de Salamanca. É Juzbado, fábrica de combustíveis, com certeza. Mas a médio prazo será também uma fábrica de tubos de circónio. E, talvez ainda, uma instalação de armazenamento e uma fábrica de reprocessamento.

«Eles estão a contar com as minas de Saelices e também com as portuguesas» – diz-nos um habitante de Juzbado.

E inegavelmente, os resíduos radiactivos que foram comprados à URSS e transportados para Saelices têm Juzbado como destino final. A compra do material, e não se sabe se limitada às 300 toneladas detectadas, não terá sido uma obra de benemerência do Governo e dos capitalistas espanhóis.

A forma como tudo isto se processa, em absoluto desrespeito para com as populações espanholas (e muito mais logicamente para com as portuguesas, é que é chocante.

Os 36 contentores referenciados e de cuja guia de transporte nos foi fornecida uma cópia, chegaram a França a 13 de Abril do ano passado. Oito dias mais tarde estavam em Irún.

«Euskads» foi atravessado sem paragens, que os responsáveis espanhóis estão habituados a sérios protestos das populações locais. No resto do percurso há menos cautelas. Em todos os casos, nenhumas das autoridades eleitas pelas populações foram avisadas do transporte que se efectuava: «matérias radioactivas-hexafluoreto de urânio», escrito no exterior dos contentores.

De tudo isto é possível concluir que certamente o Governo, as autoridades portuguesas nunca terão sido avisadas do que se passava. Mas o alerta já foi dado e ninguém, a nível oficial, até hoje procurou esclarecer-nos, à população portuguesa e particularmente aos que mais próximos estão do perigo.

É que, para nós, portugueses, com Juzbado, Saelices e Sayago, estão em perigo cidades, campos, grandes massas populacionais. Abastecimentos de água e o vinho do Porto. Por exemplo.

Mas as construções avançam. Isso pudemos nós verificar. Enquanto as vozes contra o nuclear, em Espanha, têm cada vez menos possibilidade de se fazer ouvir.

Texto de Rogério Vidigal
Fotos de Bruno Neves

A seguir: «A manifestação? Não era por causa da central...». E assim chegamos a Almaraz com os reactores parados.

Restrições na saúde

CGTP desenvolve acções de denúncia

A CGTP-Intersindical vai desenvolver acções de denúncia e protesto ontra as medidas de restrição no sector da Saúde anunciadas pelo Governo – afirma-se num comunicado da central sindical.

Depois de referir o aumento dos medicamentos e meios auxiliares de diagnóstico e a imposição de uma diária para os internamentos hospitalares, gratuitos desde o 25 de Abril, a CGTP afirma que serão os trabalhadores os mais atingidos «por este conjunto de medidas anti-saúde».

Brevemente – garante a CGTP-IN –, «apenas uma minoria privilegiada terá acesso aos mais elementares cuidados de saúde».

Até ao Natal

Deficientes de Lisboa vão ter doze cabines telefónicas especiais

As ruas de Santa Justa, Vitória e Ângela Pinto, as avenidas Conde Valbom e Rainha D. Amélia, os largos Martim Moniz, S. Domingos e do Rato, Cascais e o Locutório do Rossio vão dispor até ao Natal de telefones para deficientes em cabinas apropriadas.

Com a instalação de doze cabinas telefónicas naqueles centros (duas na Rua da Vitória) para deficientes em cadeiras de rodas, os poderes públicos atendem em parte uma das muitas reclamações feitas pelos deficientes nos últimos tempos, como ressaltou, de resto, das comemorações de há uma semana e tem ficado patente em várias jornadas concelhias, desde Cascais à Póvoa de Santa Iria.

A iniciativa enquadra-se no âmbito do Ano Internacional do Deficiente e teve a concordância

do Secretariado Nacional de Reabilitação, bem como da Associação dos Deficientes das Forças Armadas e da Associação Portuguesa dos Deficientes. As cabinas não têm porta, a entrada é servida por uma rampa de acesso, a caixa de moedas é mais baixa do que é habitual e o marcador está colocado em posição acessível ao deficiente.

Um invento de um trabalhador dos TLP (Cândido Alves) permitirá, por outro lado, aos invisuais operar numa cabina PPCA, um aparelho de extrema sensibilidade, tipo máquina de escrever.

O sistema consiste na sobreposição de uma régua preparada a preceito, colocada entre cada fileira de botões da cabina PPCA, com dois pontos salientes na Régua sobre cada botão de rede ou extensão. Sempre que uma rede ou botão chama, o operador, ao passar pela régua e ao tocar nas saliências respeitantes ao botão da rede ou extensão que chama, faz accionar um sinal sonoro que lhe dá a indicação.

comunicação social

No ano que ora finda

Parte de leão na Televisão foi para o Governo AD

Cerca de 43 horas foi o tempo ocupado na Televisão, no ano que ora finda, pelo Governo e pelos partidos da AD, contra 9 horas do PS, 2 horas em conjunto pelo MDP, UEDS, ASDI e UDP e 1 hora e 54 minutos pelo PCP – especifica uma nota da SIP do Partido Comunista Português.

O balanço destes tempos de emissão, relativos aos serviços noticiosos e outros programas informativos da RTP/1, refere-se concretamente ao período que vai de 8 de Dezembro de 1980 a 4 de Dezembro de 1981.

Segundo o PCP, tais números mostram que «a política de informação da RTP constitui um arrogante desafio e provocação à legalidade democrática e constitucional, traduzindo-se, pela influência daquele órgão de comunicação, num gravíssimo atentado às condições e garantias básicas da liberdade de expressão, do direito de informação e da própria vida democrática do País».

Acentua a nota da SIP que, «nos mais diversos aspectos, a política de informação da RTP de Proença de Carvalho é um autêntico roteiro e mostruário da política antidemocrática e antinacional da AD, das suas manobras provocatórias e dos seus planos e objetivos de subversão e liquidação do regime democrático».

São ainda denunciados na referida nota o silenciamento das «lutas dos trabalhadores portugueses e as posições das suas organizações representativas»; a propaganda das «organizações do grande capital e dos divisionistas da UGT que os servem»; o relativo favor prestado ao PS; a discriminação em relação ao PCP; «as campanhas contra os países socialistas, contra Angola e Moçambique e contra os movimentos de libertação nacional»; a promoção «entusiástica das campanhas de provocação da AD contra o Presidente da República e as Forças Armadas»; etc.

Lembra a nota da SIP, por fim, que o PCP propôs ao Conselho de Gerência da RTP, «em carta datada de 7 de Dezembro», a realização de um encontro «para exame designadamente do comportamento da RTP face ao PCP» – e sublinha que esta organização partidária «se continuará a bater intransigentemente pela reposição da legalidade na RTP, pelo estabelecimento (...) de uma orientação conforme com os princípios de independência face ao Governo e aos partidos», no âmbito da «isenção e pluralismo que a Constituição prescreve e que a defesa da liberdade e do regime democrático reclamam».

Casa da Imprensa em situação difícil

O presidente da Casa da Imprensa de Lisboa afirmou que o aumento dos medicamentos a concretizar-se terá consequências gravosas sobre a instituição.

Pinho Branco, que falava (ontem) na assembleia geral da Casa da Imprensa, acrescentou que a instituição «não possui receitas para fazer face a tais encargos».

A assembleia geral, efectuada sob a presidência de João Salvado, aprovou por unanimidade o orçamento para 1982, o qual apresenta um défice de 880 mil escudos, o que terá de ser coberto por receitas a obter com a realização de espectáculos e outras iniciativas.

No total das despesas previstas, que é de 6600 milhões de escudos, avultam os encargos administrativos e os de acção médico-social.

Presentemente a Casa da Imprensa (Caixa de Previdência de Profissionais de Imprensa de Lisboa) compreende cerca de 500 associados.

	de 8.12.80 (2) a 30.6.81	de 30.6.81 (3) a 4.12.81	TOTAL últ.12 meses	%
Governo e partidos da AD	24.45.08	18.01.01	42.46.09	76.6
PS	6.56.52	2.04.28	9.01.20	16,2
PCP	1.08.46	45.30	1.54.16	3,4
MDP, UEDS, ASDI e UDP	1.31.17	36.56	3.08.13	3,8

O balanço de tempos com imagem abrange os seguintes serviços noticiosos (e respectivos suplementos) e programas informativos de RTP/1: «Telejornal», «Aqui e Agora», «Últimas Notícias/24 Horas», «Primeira Página» e «Zoom». Não foram considerados os magazines com resumos de debates na AR quando transmitidos segundo esquemas acordados entre o Governo e os partidos. Nos quatro dias de Dezembro corrente apenas se consideraram os tempos mais significativos e de maior peso (entrevista com o ministro da Habitação e o filme sobre Sá Carneiro ambos contabilizados no conjunto Governo/Partidos da AD)

JORNALISMO poe-um

ORGÃO DO SINDICATO DOS JORNALISTAS • N.º 2 • DEZEMBRO •

Atropelos ao direito de informar

D. WANDA. a festa da unidade

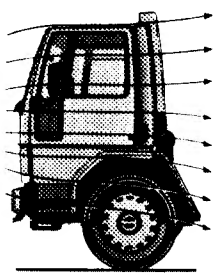
«Jornalismo», órgão do Sindicato dos Jornalistas, vai no número 2. São doze páginas de temas que interessam à classe: contrato colectivo de trabalho, agressões à actividade dos profissionais da informação, problemas éticos, etc. Bom aspecto gráfico e desenhos (plenos de intenção de Carlos .Coordenação do nosso camarada de Redacção, Ribeiro Cardoso

Os Novos Ford Cargo. Garantia de eficiência.

Cargo é a nova gama de Camiões Ford a partir de 3.500 Kg, construídos para combinar máximo rendimento com mínimos custos de operação. Ou seja, para garantir MÁXIMA EFICIÊNCIA.

Elevada produtividade.

Os Ford Cargo foram desenhados tendo em vista o máximo aproveitamento do espaço para carga. A distância do pára-choques à traseira da cabina é, apenas, de 1593 mm e não há saliências acima das longarinas totalmente planas. Taras reduzidas permitem excelentes capacidades de carga.



Reduzido consumo de combustível.

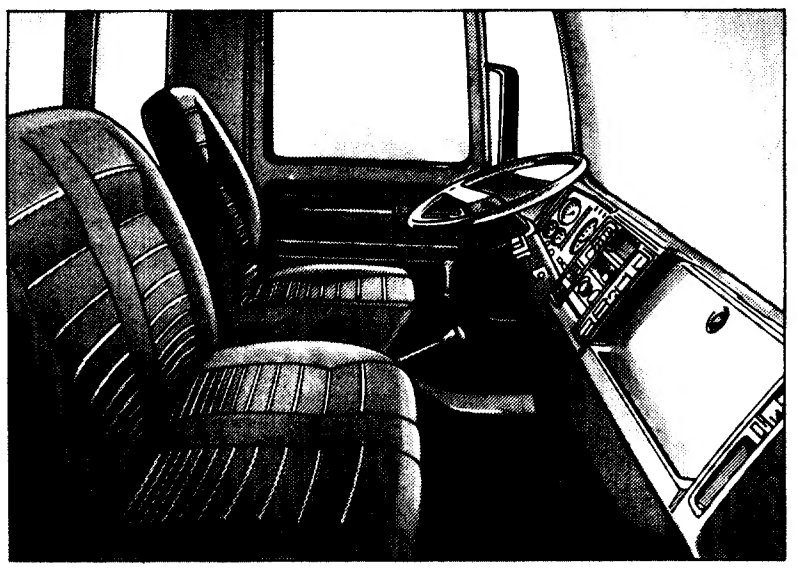
Os Ford Cargo oferecem grande economia de combustível, que resulta do binário máximo do motor a baixa rotação, excepcional aerodinamismo que reduz a resistência do veículo ao ar e excelente combinação dos componentes motrizes.

Máxima confiança / Mínimos custos de manutenção.

Apoiados por uma GARANTIA DE 12 MESES SEM LIMITE DE QUILÓMETROS, os Ford Cargo caracterizam-se pela longa duração e máxima confiança dos seus componentes.
Motores com cambotas forjadas, carretos de aço endurecido e válvulas de hastes cromadas.
Sistema eléctrico de 24 circuitos diferentes, com fusíveis de lâminas e ligações de encaixe por pressão.
Ligações das tubagens dos travões em número reduzido e de formato linear.
Para fácil acesso aos componentes, a cabina bascula em 28 segundos.
Para verificações de rotina, o painel dianteiro, de fácil abertura, permite acesso imediato à bomba central dos travões, aos sistemas de aquecimento e do limpa pára-brisas e aos reservatórios do esguicho do pára-brisas e da bomba da embraiagem.
Os mecanismos da alavanca de velocidades, rótulas de direcção e pivots da cabina têm lubrificação perpétua.
Apenas 9 pontos do veículo necessitam de atenção cada 10000 Km.
Inspecções normais espaçadas de 30000 Km.

Óptima condução e facilidade de manobra.

Os Ford Cargo têm direcção de esferas recirculatórias para uma condução leve e precisa. Molas de folhas múltiplas e amortecedores de dupla acção garantem o melhor comportamento qualquer que seja a carga, tipo de estrada ou utilização.
Direcção assistida nos modelos a partir das 11 toneladas.



Ampla visibilidade.

A enorme superfície envidraçada nos Ford Cargo garante uma visão de 290.º em seu redor.
As linhas aerodinâmicas afastam das janelas e espelhos a sujidade da estrada.

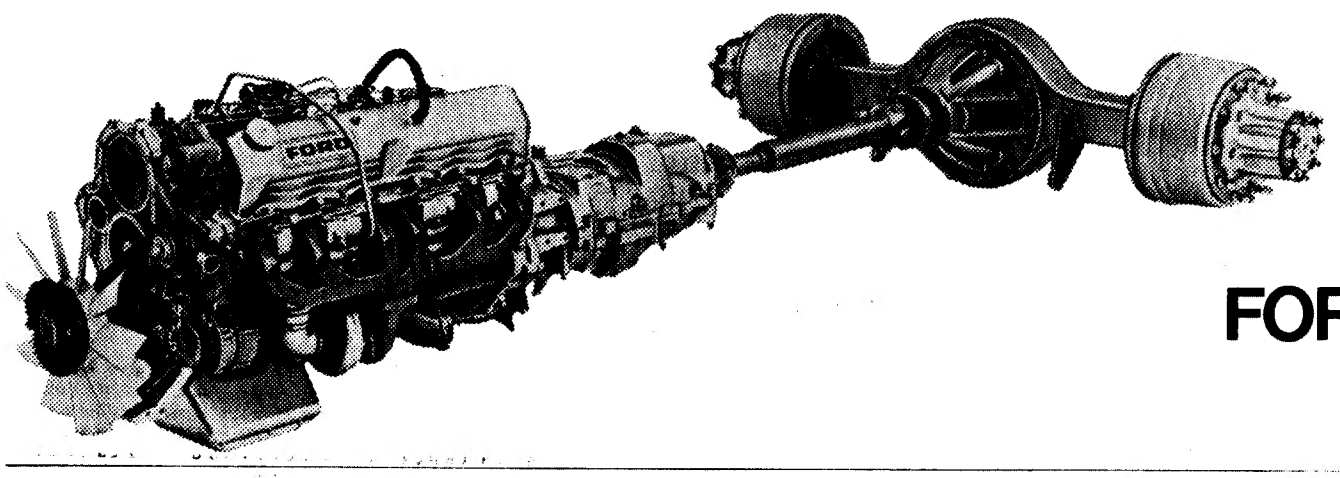
Um magnífico ambiente para trabalhar.

Bancos anatómicos totalmente ajustáveis e forrados a tecido proporcionam óptimo apoio e conforto.
Instrumentos de fácil leitura, completos e funcionais. Todos os comandos estão ao alcance dos dedos e são de manejo simples.
Amplo espaço para arrumação de objectos pessoais e documentos.
O sistema de aquecimento actua com rapidez.
E um eficaz isolamento de som completa o magnífico ambiente de trabalho dos Ford Cargo.

Um investimento seguro.

Os Ford Cargo foram feitos para durar. Chassis em aço de alta resistência combina leveza com robustez. Elevado coeficiente de resistência à rotura: 5,6 Ton/cm²!
Cabina protegida da corrosão por um processo que inclui electro-deposição catódica do primário para atingir as zonas mais inacessíveis.

Contacte já o seu Concessionário Ford e conheça tudo sobre o excepcional investimento e eficiência que os Ford Cargo lhe garantem.



FORD CARGO Ford

Símbolo de robustez

de ontem para hoje

Casa do Alentejo: hora de eleições

Os sócios da Casa do Alentejo irão esta noite às urnas a partir das 20 horas, para elegerem os corpos gerentes para a biénio 1982/83. Concorre apenas uma lista que apresenta como candidatos, respectivamente às presidências da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, o dr. Manuel Macaista Malheiro, Domingos Augusto Xarepe e o dr. António Baptista Candeias, elementos que já integravam o anterior elenco. A Casa do Alentejo lê-se no programa eleitoral reencontrada na sua missão histórica de defensora dos usos, costumes e tradições dos alentejanos, agora em instalações próprias, após a aquisição do Palácio de S. Luís, terá de ser a verdadeira Embaixada de todos os alentejanos. Ou seja o Alentejo vivo no coração de Lisboa.

Com Lucas Pires: «repúblicas» de Coimbra na Assembleia da República

A Comissão Parlamentar de Cultura e Ambiente da Assembleia da República recebeu ontem em Lisboa o presidente da Associação Académica de Coimbra e dois representantes das «repúblicas» estudantis. Segundo os estudantes, estes foram ouvidos àcerca do projecto de lei sobre as «repúblicas» e informados que o mesmo irá no próximo sábado a plenário. «Prevê-se que a Comissão de Redacção da Lei consiga um texto capaz de gerar unanimidade das forças políticas e saia aprovado nesse mesmo dia, na generalidade e na especialidade» – disse Elmiro Augusto, da «República dos Pynguyns». Belmiro Augusto, que integrou a missão a Lisboa, informou que os representantes das «repúblicas» se avistaram com o ministro Lucas Pires e pediram a protecção do seu Ministério para o património físico e cultural das tradicionais residências estudantis, algumas das quais ameaçadas de despejo pelas respectivos senhorios.

Multa de cem contos: pesqueiro espanhol apresado em Tavira

O pesqueiro espanhol «Angel/e Mar» do Porto de Isla Cristina foi esta madrugada apresado pelas autoridades marítimas portuguesas. O «Angel/e Mar», barco de pequeno calado e vocacionado para a captura de bivalves foi detido por se encontrar a pescar ilegalmente nas águas territoriais portuguesas, ao largo de Tavira. Um responsável da Marinha de Guerra disse que a embarcação poderá vir a ser multada em cem contos, penalização habitual para a infracção cometida. Entretanto, encontram-se apresados em Marrocos as embarcações portuguesas «Telma», «Miragem» e «Helma», a primeira do porto de Vila Real de Santo António e as restantes do porto de Olhão.

Perigo de intoxicações: enguias mortas pela poluição na Ericeira

Milhares de enguias e outros peixes foram encontrados ontem à tarde mortos na foz do rio Lisandro, na Ericeira. O segundo-comandante dos Bombeiros Voluntários daquela localidade, Marcelo Neves, disse que a morte dos peixes se deve à poluição, sobretudo de esgotos. Marcelo Neves alertou para o perigo de as enguias serem aproveitadas para venda, provocando intoxicações. Referindo que poderá já hoje acontecer, especialmente na Feira da Malveira.

Terminou nas Necessidades: reunião da Comissão Mista Luso-Cabo-Verdiana

A quinta reunião da Comissão Mista Luso-Cabo-Verdiana sobre Cooperação terminará – ainda hoje – com uma sessão solene no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Na ocasião usarão da palavra os chefes das duas delegações, respectivamente, o ministro da Saúde e Assuntos Sociais de Cabo Verde, Irineu Gomes, e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros português, Leonardo Matias. Na altura serão assinadas as actas relativamente às acções de cooperação dos programas para 1982, nas áreas sóciocultural (Educação, Negócios Estrangeiros, Saúde e Trabalho) e técnico-económica (Agricultura, Pescas, Transportes e Obras Públicas).

Festival internacional: pára-quedistas portugueses premiados em Moçambique

Dois pára-quedistas portugueses, Carlos Machado e António Santos, ficaram entre os seuis primeiros lugares num festicval internacional realizado em Moçambique. Os restantes pára-quedistas que conseguiram uma precisão total na aterragem individual foram três búlgaros e um soviético. Por equipas, a Bulgária triunfou na precisão de aterragem e o Zimbabwe no trabalho relativo. Foram cinco os países participantes no festival deste ano, o terceiro em que Portugal tomou parte, sendo o seu conjunto de dez elementos comandado pelo tenente-coronel Avelar de Sousa. Durante a distribuição dos prémios, aplausos especiais assinalaram a chamada dos pára-quedistas portugue-

No Alto de S. João

Forno crematório funcional em Março

O forno crematório do cemitério do Alto de S. João, estará acabado dentro de quatro meses, provavelmente em meados de Março, segundo afirmou ontem o vereador Pedro Feist ao apresentar o Plano de Organização Cemiterial de Lisboa para 1982.

A população portuguesa deverá começar a consciencializar-se de que a cremação é a única solução possível para a redução do espaço cemiterial. Conquanto vigore uma tradição católica que inibe as pessoas de recorrer à cremação, aliada am aspecto legislativo – que vai também ser analisado – a única solução para resolver, no futuro, o problema dos mortos em Lisboa é a sua cremação, devendo tal prática ser implementada.

A capital já não dispõe de espaço para a construção de outros cemitérios e alguns estão em fase de saturação, não só pelo número de jazigos perpétuos e campas,como pelos tipos de terreno que vão perdendo as suas características necessárias e já não consomem os tecidos humanos nos prazos previstos – cinco anos. A resposta terá de ser assim o forno crematório do Alto de S. João, um dos mais modernos da Europa e que garante a cremação de um corpo em cerca de uma hora.

Por outro lado, a cremação permite a continuação do culto dos mortos, quer as cinzas sejam guardadas em anforas ou em zonas ajardinadas. Nos países onde a cremação é feita de forma sistematizada, casos da Inglaterra (85 por cento)e da Suiça, existem preocupações paisagísticas integrando jardins nos cemitérios crematórios.

A Igreja portuguesa, segundo Pedro Feist, ontem, em conversa com os jornalistas, já não se opõe a que tal prática venha a ser accionada entre nós, embora a sua posição sobre a questão seja a de neutralidade e abstenção. Recorda-se que há não muito tempo a Igreja portuguesa se opunha a tal sistema, aduzindo a preferência da inumação. Presentemente, parece não querer intervir na questão, deixando as pessoas agirem livremente.

O forno custou, até ao momento dez mil contos. Numa primeira versão, ainda rudimentar, abriu em 1925 para fechar no ano seguinte. Durante esse ano apenas foram incinerados 21 corpos, entre os quais doze portugueses.

ensino

SPGL esclarece:

Demissão de ministro não alteraria luta

A propósito das notícias vindas a público sobre a eventual demissão do ministro Vítor Crespo, o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa emitiu um comunicado de esclarecimento da sua posição.

Frisa o SPGL que a acção desenvolvida pelos professores, qua actualmente assume a forma de não atribuição de classificações no final do primeiro período, visa a alteração da política educativa. Por esta política é fundamentalmente responsável o Ministério da Educação e Universidades mas outros ministérios e o próprio Governo têm nela a sua parte de responsabilidade.

«Não se trata pois, no que ao Movimento Sindical Docente respeita, de uma acção contra pessoas ou ministros individualmente considerados mas contra uma política educativa globalmente assumida e contra uma prática consequentemente contrária aos desejos dos professores e aos interesses do País», sublinha o SPGL.

Adianta a direcção sindical no comunicado que a demissão do ministro, caso venha a concretizar-se, confirma a justeza das críticas dos professores e em nada alteraria os objectivos da sua luta.

CNAEBA critica ministro

O Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (CNAEBA), órgão consultivo constituído no âmbito da Assembleia da República, aprovou uma moção em que manifesta a Vítor Crespo o seu desagrado pela recusa de nomeação do coordenador de alfabetização para o distrito da Guarda «e pelas circunstâncias que envolveram o referido processo».

Para provimento do cargo de coordenador daquele distrito, foi aberto concurso, cujo primeiro classificado não teve a concordância do ministro por movitos que então se denunciaram como políticos.

Na reunião do CNAEBA em que foi aprovada a moção referida, realizada no passado dia 11, foi também aprovada a proposta apresentada pelo representante do grupo parlamentar do CDS que, manifestando a sua preocupação pela atitude do ministro («que desprestigia o Governo AD»), propôs que lhe fosse enviada a acta da reunião do CNAEBA.

JCP preocupada com despejos de "Repúblicas"

Ontem a Juventude Comunista Portuguesa (JCP) manifestou em Coimbra a sua preocupação face aos anunciados despejos de repúblicas de estudantes.

A JCP condena em comunicado o que classifica de «mescla de reaccionarismo político e especulação imobiliária que está por detrás do actual ataque ás repúblicas».

«Esta forma de viver colectiva dos estudantes, que já tantos serviços prestou ao movimento académico, tem de ser salvaguardada» sublinha a JCP.

Depois de manifestar o seu total apoio à luta das repúblicas a JCP exige ainda dos órgãos do poder a rápida solução jurídica e material da situação.

Lista Unitária eleita em liceu de Coimbra

Uma lista unitária de esquerda venceu a JSD e a JC nas eleições para a Associação de Estudantes do Liceu Jaime Cortesão, de Coimbra.

O grupo eleito obteve mais 65 votos do que os sociais-democratas (210), tendo os centristas ficado colocados em último lugar com 30.

Conselho de veteranos reconduz «Dux»

O conselho de veteranos da Academia de Coimbra deliberou reconduzir no cargo de «Dux veteranorum» Mário Pinheiro, licenciado em Medicina e actualmente estudante de Climatologia e Hidráulica – informa a ANOP.

Em assembleia realizada segunda-feira, os estudantes decidiram criar o cargo de «Patronus», tendo designado um aluno de cada Faculdade que assim ficará «responsável pelas questões da praxe respeitantes à sua escola» – informa um edital inteiramente escrito em latim.

Necessariamente, com o mínimo de mais uma matrícula na Universidade, além das necessárias para finalizar o seu curso, o «Dux veteranorum» tem poderes de decisão sobre as actividades respeitantes às tradições académicas nomeadamente a «queima das fitas».

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

SINDICATO DOS PROFESSORES DA ZONA SUL

AVISO

Ao Ministério da Educação e Universidades
Ao Ministério do Trabalho

As associações sindicais signatárias propuseram a todos os professores dos ensinos primário, preparatório e secundário, que, em sinal de protesto e de aviso contra a deterioração da qualidade do ensino e a degradação da situação profissional dos professores, adoptem a seguinte atitude:

Não atribuição das classificações/informações no final do primeiro período lectivo e sua substituição por uma declaração das razões que os professores consideram justificativas de tal atitude.

Esta forma de luta é decidida nos termos das determinações que permitem aos professores não atribuir classificações/informações quando não têm condições para tal e ao abrigo do Artigo 59.º da Constituição da República Portuguesa e do Artigo 12.º n.º 1 da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto que garantem o direito à greve.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1981

As Direcções dos Sindicatos dos Professores da Grande Lisboa e da Zona Sul
António Teodoro Manuel Pinho

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

Aos Técnicos Auxiliares Sanitários

CONVOCATÓRIA

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores convoca todos os Técnicos Auxiliares Sanitários, para um Plenário no dia 18 de Dezembro às 16,30 horas, na Rua Ferreira Lapa, n.º 32 — 3.º com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações
2. Carreira dos Técnicos Auxiliares Sanitários
   a) Ponto da Situação.
   b) Medidas a tomar.

Lisboa, 11/12/81
A Direcção

Célula do Partido Comunista na TAP avança suspeitas de suborno na compra dos aviões da Lockheed

«A decisão de comprar cinco aviões L-1011 (os «Tristar») quando já era conhecida a intenção do fabricante de fechar a produção faz acentuar as suspeitas desde sempre existentes de suborno de pessoas colocadas nos centros de decisão de alto nível, aliás na tradição internacional da Lockheed» – diz uma nota do Secretariado da Célula do PCP na TAP emitida a propósito da demissão do presidente do Conselho de Gerência, eng. Santos Martins.

A célula do Partido Comunista na transportadora aérea nacional exige, na sequência das suspeitas que levantou à compra dos aviões, e pelo que «de atentatório tem para a TAP a compra de aviões a um fabricante em tal situação», a realização de «rigoroso inquérito ao processo que conduziu a tal decisão e à responsabilização judicial dos seus responsáveis».

«A acção dos gestores da TAP», diz ainda a célula do PCP, «tem estado mais voltada para a realização da política de destruição da empresa desejada pelos Governos de direita e em particular pelos Governos AD do que para a procura de soluções que viabilizem o futuro da empresa.»

Não passariam, assim, de demagogia as razões agora invocadas pelo demissionário presidente do Conselho de Gerência dizendo o PCP que se trata, apenas, de tentativa de sacudir «dos ombros do Governo AD/Balsemão/Freitas do Amaral as responsabilidades pela degradação a que foi conduzida a TAP».

●●●

O CONSELHO EMPRESARIAL DO NORTE manifestou, ontem, ao Primeiro-Ministro a sua preocupação pela degradação da rede de estradas na região Norte do País bem como a necessidade de construção de novas rodovias, como condição de base para o desenvolvimento económico e social.

O conselho fez-se representar por três dos seus elementos na audiência concedida por Pinto Balsemão tendo como pano de fundo a problemática do desbloqueamento rodoviário e ferroviário e, nomeadamente os acessos à fronteira. A região Norte vive, em grande parte, dependente da sua capacidade exportadora e esta é muito sensível à velocidade no escoamento dos produtos até à fronteira e na direcção da CEE.

Segundo os empresários nortenhos ouvidos pelo Primeiro-Ministro os eixos rodoviários são factor de capital importância para uma racional chegada de matérias-primas e escoamento dos produtos acabados para exportação. As dificuldades situam-se, principalmente, na ligação «prevista em auto-estrada entre o Porto e Famalicão, Porto-Coimbra, Porto-Bragança e Figueira da Foz-Vilar Formoso (fronteira)», disseram.

O Conselho Empresarial do Norte, sublinharam, constitui um grupo de pressão que defende os interesses sectoriais de mais de 40 mil empresas nortenhas congregadas em 35 associações, da Figueira da Foz a Castelo Branco e ao extremo Norte de Portugal.

●●●

A COOPERAÇÃO COM A ALEMANHA FEDERAL deu ontem um bom passo em frente ao ser assinado o contrato para a construção de uma central de vapor industrial.

O contrato foi assinado pelo secretário de Estado alemão federal para a Investigação e Tecnologia, Hans Hilger Haunschild, e o secretário de Estado da Energia, Carvalho Carreira. A central a construir por uma empresa alemã e outra portuguesa funcionará a partir da concentração de radiações solares.

O custo total do projecto está avaliado em 150 milhões de escudos, com 62 por cento desse valor a ser financiado, a fundo perdido, pela RFA, e os restantes 38 por cento pelo Estado português, também a fundo perdido, e pela União das Cooperativas Abastecedoras de Leite a Lisboa (UCAL)

A UCAL contribuirá com dez milhões de escudos que representa um montante equivalente à poupança prevista em combustíveis tradicionais durante a vida útil da instalação.

Após a assinatura do contrato e ao usar da palavra o secretário de Estado da Energia, Carvalho Carreira, salientou a importância desta nova unidade de produção devido à ocorrência da crise energética resultante do aumento dos preços do petróleo.

Salientou, por outro lado, a necessidade de saber corresponder ao esforço alemão federal em ajudar Portugal e acrescentou ser imperativo aproveitar o melhor possível as «oportunidades que nos são oferecidas, traduzidas por inestimáveis auxílios».

●●●

SALGUEIRO FALA AOS ECONOMISTAS – Foi adiada para o dia 23, pelas 21 horas, a conferência que o ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro vai fazer aos economistas sobre a «Situação e Perspectivas da Economia Portuguesa».

A conferência tinha sido primitivamente marcada para hoje e integra-se numa série de realizações em curso da Semana da Associação Portuguesa de Economistas.

●●●

FOI INAUGURADA EM CONSTÂNCIA, no Ribatejo, uma fábrica da Dartluso (Indústrias Lusitanas de Artigos Domésticos) que vai produzir em Portugal os produtos da linha Tupperware.

Esta é a primeira fábrica de um sector, que já estava instalado no nosso país há 16 anos mas apenas no domínio da comercialização. A fábrica representa um investimento de 300 mil contos e cria cem novos postos de trabalho.

O presidente do Instituto de Investimento Estrangeiro, Alexandre Vaz Pinto, que presidiu à inauguração da fábrica salientou a importância deste investimento em Portugal e, muito particularmente, o facto de ter sido efectuado numa zona do interior do País, contribuindo para a criação de cem novos postos de trabalho e o consequente desenvolvimento da região.

Esta nova unidade fabril é a vigésima sexta do mundo e a sexta que a «Dart and Kraft» constroi na Europa.

A concluir até 1984

Dois milhões de contos europeus para a estrada Setúbal-Algarve

Custo total da via rápida: 4,5 milhões

Dois milhões de contos vão ser emprestados a Portugal pelo Banco Europeu de Investimento (BEI) para a construção da estrada Setúbal-Algarve. O custo total desta via rápida está orçado em cerca de quatro milhões e meio de contos sendo a parte restante coberta pela Junta Autónoma de Estradas com verbas do OGE.

Este empréstimo do BEI integra-se nas ajudas à pré-adesão à CEE e para assinar o respectivo contrato, tal como o contrato de empréstimo de 30 milhões de unidades de conta europeias (uma uce: 71 escudos, ao câmbio do dia) para apoio às pequenas e médias empresas industriais e turísticas, chegam hoje a Lisboa o presidente do Banco Europeu de Investimentos, Yves Leportz, e o vice-presidente, Richard Ross.

A estrada Setúbal-Algarve está avaliada em 62 milhões de unidades de conta europeias e os trabalhos deverão estar concluídos em 1984.

Os responsáveis, pelo BEI têm marcados encontros com o Presidente da República, com o Primeiro-Ministro, ministros das Finanças, da Habitação e Obras Públicas e dos Negócios Estrangeiros, devendo, também encontrar-se com os embaixadores da CEE acreditados em Lisboa e com o governador do Banco de Portugal.

Verbas da ajuda à pré-adesão começam a ser desbloqueadas

- Deverá ser assinada até final de Janeiro a segunda convenção de financiamento da CEE no âmbito das ajudas pré-adesão de Portugal à Comunidade, segundo fontes portuguesas citadas pela ANOP.

A primeira convenção foi ontem assinada em Bruxelas, como noticiámos, e abrange donativos (financiamento a fundo perdido) de 700 mil contos para um programa de apoio e reorganização das pequenas e médias empresas industriais.

A segunda convenção visa o financiamento da via rápida Aveiro-Vilar Formoso. Ainda segundo as fontes citadas pela agência noticiosa nacional, todas as convenções afectas ao programa de pré adesão e cobertas pelas subvenções a fundo perdido deverão estar assinadas até Julho.

As convenções constituem o último passo de um complexo percurso burocrático-administrativo, a cumprir por cada programa, desde a sua apresentação até ao desbloqueamento dos meios financeiros necessários para passar ao «trabalho no terreno».

Esta «viagem» é feita, basicamente, no âmbito dos serviços da Comissão Europeia, mas a assinatura das convenções não pode concretizar-se sem a «luz verde» do Conselho de Ministros dos «Dez».

Foi precisamente o Conselho que bloqueou, em Outubro, o financiamento do Plano de Apoio às PME, a partir de objecções levantadas sobretudo pela França e Itália, que pretendiam impedir a aplicação das verbas em sectores industriais «sensíveis» para as suas economias (têxteis e calçado, agro-alimentares e mobiliário).

As delegações destes dois países pretendiam, inclusivamente, pôr em prática um método de aprovação dos projectos que atribuía ao Conselho de Ministros o controlo da fase de execução dos projectos, invadindo, assim, claramente uma área de competência da Comissão.

A oposição da Comissão a este tipo de abordagem e a acção diplomática portuguesa contribuíram para afastar as propostas franco-italianas e obter o consenso do Conselho em relação ao Plano.

Alargada cooperação com a Jugoslávia

Com vista ao alargamento das relações comerciais e industriais bilaterais encontra-se em Portugal o ministro jugoslavo do Comércio, Ratko Swilar, que chefia uma delegação do seu país.

Uma fonte diplomática disse que, entre os diversos contactos já realizados se destaca a negociação com a TAP-Air Portugal para a assinatura de um acordo, no sentido, de a partir de 1982, os aviões da JAT (Linhas Aéreas Jugoslavas) passarem a escalar Lisboa.

Outro sector onde o intercâmbio é possível, adiantou aquela fonte, e à televisão, para o que está prevista a elaboração de um programa de cooperação.

A missão jugoslava vai dirigir um convite ao presidente da Radiotelevisão Portuguesa, Proença de Carvalho para visitar as instalações da TV naquele país.

Aquela fonte diplomática acrescentou que está já na fase final a constituição de uma «Trading Company» denominada Yugoporto, com capitais portugueses e jugoslavos.

Perante o "quixotismo distante" de João Salgueiro

Orçamento e Plano aprovados na generalidade

As Grandes Opções do Plano e o Orçamento Geral do Estado para 1982 foram ontem aprovados na generalidade pela maioria AD na Assembleia da República. Votaram a favor de ambos os documentos 132 deputados da AD e, contra, 99 (no caso do Plano) e 100 (no que toca ao OGE) parlamentares do PS, PCP, MDP, UEDS, ASDI e UDP. Esta manhã a comissão parlamentar de economia iniciou já a apreciação das cerca de 150 propostas de alterações ao OGE apresentadas pela oposição e pela AD. Na parte da tarde começará o debate em plenário e na especialidade, esperando-se que a votação final tenha lugar durante o dia de amanhã.

A aprovação de algumas dessas alterações está já assegurada porque são da iniciativa dos três partidos da AD e João Salgueiro já ontem referiu na sua intervenção final a existência dessas alterações. Julga-se que entre elas se contam modificações, no orçamento da saúde respondendo assim às severas críticas do líder parlamentar do PSD, Moura Guedes, que levaram à demissão da direcção desse grupo parlamentar.

Durante a manhã de ontem, as diferentes bancadas fizeram as suas intervenções finais sobre o OGE e o Plano tendo falado Mário Soares pelo PS, Carlos Brito pelo PCP, Herberto Goulart pelo MDP, António Vitorino pela UEDS, Borges de Carvalho pelo PPM, Fernando Condesso pelo PSD e Rui Pena pelo CDS. Antes da votação, intervieram João Salgueiro e, depois, Pinto Balsemão.

A totalidade dos partidos da oposição reafirmou as críticas que formularam à política económica do Governo durante os debates, tendo Mário Soares retomado as posições defendidas na véspera por Vítor Constâncio, e que foram consideradas por muitos deputados da própria AD como traduzindo uma alternativa válida à política do Governo. Mário Soares salientou que o Orçamento e o Plano do Governo «comprovam a completa inversão de marcha relativamente às políticas preconizadas no tempo de Cavaco Silva, sem a coragem de assumir claramente, e com sentido de autocrítica, essa inversão».

Noutro passo da sua intervenção realçou que «há subjacente às grandes linhas do Orçamento e às opções do Plano uma orientação antipopular, monetarista e ultraconservadora que está longe de servir, no actual momento, o regime de democracia pluralista».

O secretário-geral do PS atacou igualmente, tal como já o fizera Vítor Constâncio, a visão catastrófica que João Salgueiro está a pretender comunicar da nossa situação económica e das soluções a adoptar. O objectivo dessa política, disse Mário Soares, que ressalvou porém aquilo a que chamou a honestidade profissional do ministro das Finanças, é jogar «no medo e no desânimo» das pessoas, tentando fazê-las acreditar que, face ao dólar, à seca, ao petróleo, etc., não há nada a fazer para debelar a crise. Mário Soares acrescentou que não é bem assim defendendo a alternativa proposta pelo seu partido.

A responsabilidade da AD

Carlos Brito, em nome do PCP, frisou que o debate do Orçamento e do Plano demonstrou claramente a responsabilidade dos três Governos da AD na situação actual e comprovou, sem margem para dúvidas, que os «últimos dois anos da vida portuguesa dominados pela governação AD constituem um período de grande agravamento de todos os problemas nacionais, de deterioração económica, social e política do país».

Carlos Brito acusou igualmente o Governo de pretender ter as mãos livres e «sacos azuis» à sua disposição para, depois de nos fazer viver nove meses de «penúria», antes das autárquicas poder usar de forma eleitoralista toda e qualquer verba, ao abrigo de um «ilegal pedido de autorização destinado a que na execução orçamental possa ser alterada toda e qualquer verba, toda e qualquer afectação. O dirigente comunista, referiu contudo que o Governo e a AD «não vão dispor de muito tempo para pôr em prática a «a manhosa política eleitoralista» que se vislumbra nessas medidas.

«Quixotismo hirto e distante»

«A defesa que foi feita pelo Governo e pelas bancadas da maioria da política ora explanada (no OGE e no Plano) soube-nos a pouco e muitas vezes a falso», sublinhou António Vitorino, da UEDS, ao mesmo tempo que destacara que «o forte da AD não é a previsão económica». A propósito da proposta de lei do Plano, o mesmo orador disse que ela era «sobrenceiramente desprezada pelo quixotismo hirto e distante do senhor ministro das Fianças e do Plano e que ela não aparece adequadamente integrada nas metas e objectivos que o «Plano a Médio Prazo definia».

Nas bancadas da AD o entusiasmo só veio quando Balsemão se lembrou de dizer (ao contrário do que frequentemente ficou demonstrado durante os trabalhos) que a AD, mais do que nunca, está coesa e sólida. Aí, foi aplaudido de pé e até pareceu que havia quem acreditasse na afirmação do Primeiro-Ministro.

Pouco antes, porém, Rui Pena do CDS, havia sido praticamente o único membro da AD a defender com convicção e calor as propostas de João Salgueiro e a condenar indirectamente aqueles que, na véspera, se tinham deixado seduzir, nas bancadas da AD, por algumas das posições de Vítor Constâncio. Rui Pena, tentando trazer as ovelhas tresmalhadas ao rebanho, lembrou, quase autoritário: a única solução para Portugal é aquela que está consagrada no OGE. Não há outra alternativa e o resto é demagogia. Moura Guedes não aplaudiu e só três ou quatro deputados do PSD se deram ao trabalho de se erguer. Aliás, o mesmo aconteceu em contrapartida quando Fernando Condesso do PSD fez uma morna intervenção final em que, como não podia deixar de ser, reafirmou o apoio do seu partido ao OGE e ao Plano proposto pelo Governo.

Antes da votação e do discurso de Balsemão, João Salgueiro falou ainda, exibindo sempre o «quixotismo hirto e distante» a que se referira António Vitorino, para de algum modo se congratular com o facto de Mário Soares e Vítor Constâncio terem apresentado uma alternativa que, disse, deixa aberta a porta à alternância democrática do Poder. Salgueiro reafirmou, contudo, a sua não concordância com as teses de Vítor Constâncio.

a palavra com...

Mário Murteira

Austeridade em tempo real

No documento apresentado pelo Governo à Assembleia da República sobre «As grandes Opções do Plano para 1982» pode ler-se o seguinte (p. 1 e 2):

Para a previsão económica poder ser útil «... tem de ser elaborada com alguma antecedência sobre o início do período a que se reporta: ou seja, muito antes de findar o período **n-1** *terá de se estimar o período* **n,** *o que é o mesmo que dizer que, antes de se prever para* **n** *terá de se ter uma ideia tão aproximada quanto possível de como será, de facto* **n-1.** *Noutros termos, para estimar o comportamento no periodo* **n** *precisamos de saber como se passam as coisas em* **n-1** *mas somos forçados a fazê-lo num momento em que a informação sobre* **n-1** *é ainda ex-ante, é ela mesma uma previsão».*

Com este discurso académico e um tanto (como dizer?) esfíngico, o Governo pretende desculpar-se daquilo que o Quadro I nos revela: a sua incapacidade de «prever» quer o futuro quer... o passado. E ficamos mesmo inquietos sem saber qual o **tempo real** *em que existimos – se é que efectivamente existimos, pois pre-ver é pensar e se não prevemos não pensamos, logo (Descartes dixit) não existimos. Mas deixemos a metafísica que o Governo nos propõe e vejamos os números.*

Com excepção da última linha, o Quadro apresenta-nos percentagens anuais de variação para as grandezas indicadas. As duas primeiras colunas respeitam às Grandes (grandecíssimas, mesmo) Opções do Plano a Médio Prazo no «cenário base» (a) e no «cenário moderado» (b). A terceira respeita ao Plano 81 revisto em Julho deste ano. A quarta é a previsão (actual) do Governo sobre o que **efectivamente se está passando** *em 1981. A última coluna é o sonho governamental para 82 (objectivos do Plano).*

Note-se que é possível que a «previsão» de 81 feita em Março de 82 (por exemplo) dê ainda resultados bem diversos da coluna respectiva do Quadro I. (O fado diz que ninguém foge ao seu destino, mas que sabemos nós do nosso próprio destino? diria talvez o Primeiro-Ministro).

Portanto, o crescimento do Produto Interno Bruto (primeira linha) tende para zero nas sucessivas previsões, as exportações **diminuíram** *3,5 % em lugar de* **crescerem** *4,8 %, as importações aparentemente portaram-se bem, em relação ao estimado, os consumos públicos e privado cresceram mais do que o previsto, o investimento (a Formação Bruta de Capital Fixo) ficou-se aquém do objectivo, o défice da balança de pagamentos excedeu-se e a inflação também.*

QUADRO I
Grandes Opções dos Planos

Variáveis	GOP a)	GOP b)	Plano 81 (revisto)	Precisão 81	Plano 82
P. I. B.	4,8	3,5	2,9	1,6	3.0
Consumo Privado	3,5	3	2,5	3,5	2,0
Consumo Público	2	2	2	3	2,0
F. B. C. F.	10	8	8	6	5,7
Exportações	7	5	4,8	–3,5	7,5
Importações	7	4,5	4,5	5	–3,0
Inflação	16	16	16	18,5	17
Défice transacções correntes (Milhões dols.)	1,3	1,2	1,7	2,0	1,4

Quanto ao desemprego, o Governo prometera no plano para este ano criar oitenta mil empregos, mas as estatísticas oficiais dizem que no termo do 1.º semestre de 81 havia cerca de sessenta mil desempregados mais do que em igual momento do ano passado.

A esta luz como considerar as metas – de certo modo, **metafísicas** *– que o Governo propõe para 82?*

O PIB e o investimento cresceriam benzinho, as exportações excelentes, as importações seriam verdadeiramente amigas na sua redução e a inflação, enfim, não se pode ter tudo:

É curioso notar, quanto à evolução prevista para este ano, que o consumo privado – e só ele; – atinge o objectivo inicial das GOP (Crescimento de 3,5 %) o que contrasta com um poder de compra dos trabalhadores estagnado ou declinante, aliás ao contrário daquilo que o Governo afirma. Parece assim que o consumo aumentou sobretudo pelos mais ricos (ou menos pobres) em paralelo com a reconcentração do rendimento que se tem verificado em Portugal como tendência fundamental da evolução socioeconómica depois de 76.

Travar substancialmente o acréscimo do consumo privado em 1982, com crescimento do produto quase duplo do verificado este ano, será objectivo atingido pela compressão dos consumos de quais classes sociais? Quanto a isto, o Governo pensa, ou diz que pensa, «controlar margens de lucro» no sector privado, mas não explica exactamente como (talvez seja má vontade da minha parte em entender estas coisas).

Mas talvez o traço mais flagrante do optimismo das previsões para 82 resida em supor, para uma taxa de crescimento económico quase dupla da provável para este ano, uma redução de 30 % no défice da balança de pagamentos (transacções correntes).

Pondo de lado o Plano, e considerando a proposta de Orçamento Geral do Estado verifica-se que (aí sim!) o Governo está mais à-vontade neste terreno. Promete-nos, entre outras coisas, reduzir (em termos reais) 25 % no défice corrente do Estado e fazer crescer o investimento das empresas privadas a uma taxa 50 % superior à prevista para as empresas públicas (7,5 % contra 5 %).

Manifestamente, este Governo não toma a sério as suas próprias «previsões» e os seus «planos». Mas assegurar-nos austeridade em tempo real, e apoio ao investimento privado interno e externo. Quanto à inflação, desemprego, satisfação das necessidades básicas da população – será o que a chuva, o dólar, os árabes, o petróleo, os russos e a Providência permitirem.

Naquela velha anedota, o médico diz ao paciente para tossir, o que ele faz, obediente. Ao que o sábio doutor diagnostica: o senhor tem tosse!

Esta terapêutica económica, de modo semelhante, atribui ao doente (a economia nacional) males que provêm do próprio médico (os Governos AD).

1 VOLUME

Curso de Economia Política

G. KOSLOV

Elementos Fundamentais do Comunismo Científico

O estudo sistemático de todos os fenómenos da Economia Política, desde os modos de produção pré-capitalista até à análise do agravamento das contradições sociais nos países imperialistas na etapa contemporânea.

Uma obra notável e indispensável feita por uma equipa de especialistas sob a direcção de G. Koslov, membro correspondente da Academia das Ciências da U.R.S.S.

UMA GRANDE INICIATIVA DAS
edições Avante!

TÉCNICO ORTOPÉDICO

- PRECISA-SE PARA INTEGRAR EQUIPA DE TÉCNICOS EM TRABALHOS A REALIZAR DURANTE DOIS ANOS NUM CENTRO DE REABILITAÇÃO MOTORA.

- REMUNERAÇÕES EM PORTUGAL EM FUNÇÃO DE «CURRICULUM» A APRESENTAR, NA ORDEM DE:
  - VENCIMENTO ANUAL 720 CONTOS
  - AJUDAS DE CUSTO 480 CONTOS
  - DESPESAS BÁSICAS LOCAIS PAGAS.

- RESPOSTA DETALHADA AO N.º 17128 DESTE JORNAL.

Israel: o direito do mais forte?

Israel anexou os Montes Golã. Begin assim o decidiu e a maioria dos deputados israelitas, ausente do Parlamento, pretendeu alhear-se do facto. Em Washington, Alexander Haig mostra-se surpreendido. A opinião pública internacional, mobilizada pelos dramáticos acontecimentos da Polónia, toma conhecimento deste acto como se de uma notícia de segundo plano se tratasse. Mas, a realidade é, apesar disso, brutal.

José Manuel Nunes

Israel é o único Estado do Mundo que estende as suas fronteiras de acordo com os seus desejos. Israel invoca para si direitos que mais nenhum Estado tem. Israel reivindica ora o direito a traçar fronteiras **bíblicas,** ora o direito de definir fronteiras **históricas,** ora o direito de construir fronteiras seguras, ora, ainda, o direito de desenhar fronteiras **naturais.** Israel ocupa o Sinai(fronteira de segurança), ocupa a Cisjordânia (fronteira natural), ocupa a faixa de Gaza (fronteira histórica), anexa o planalto do Golã (fronteira bíblica). Washington mostra-se surpreso. Alexander Haig que é capaz de saber se a sobremesa do almoço de Begin é de pêssegos de Gaza ou e laranjas de Jaffa, bastando-lhe para tal consultar os «files» e «reports» da CIA, declara a sua surpresa pela anexação do Golã. Haig não diz que Israel ameaça a paz mundial, embora tudo faça, através do seu enviado Habib, para que a Síria retire do Líbano meia dúzia de mísseis antiaéreos que só por ironia podem ser acusados de ameaçar a integridade territorial do Estado de Israel.

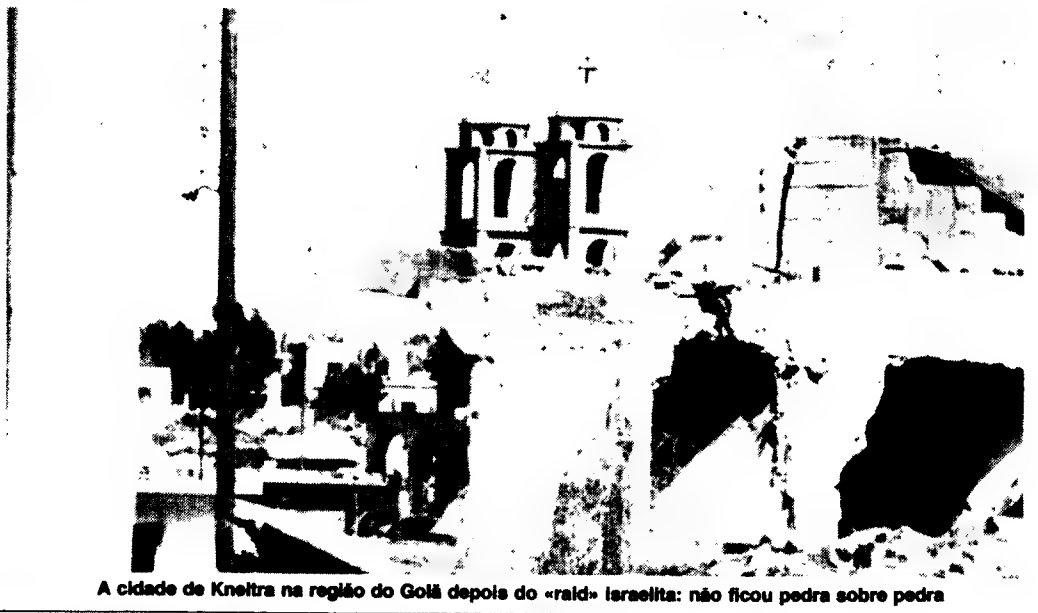
Israel anexa o Golã. Basta-lhe para isso uma votação da Knesset em que nem a maioria dos deputados está presente. Begin e os seus acólitos sionistas, à sombra da sofisticada tecnologia de guerra norte-emericana, violam Camp David, violam as resoluções das Nações Unidas, violam os mais elementares preceitos do direito internacional. E, contudo, os palestinianos são criminosos e terroristas. E, contudo, a Síria é belicista.

Que importa que durante séculos e séculos nenhum judeu tenha pisado o planalto do Golã? Que importa que durante gerações incontáveis, apenas árabes palestinianos lá tenham vivido, nascido e morrido? São fronteiras bíblicas, diz Begin. E assim, a partir de agora, um judeu eslavo, nascido na União Soviética, descendendo desde há centenas de anos de pais e avós nascidos para lá dos Urais, pode dizer: esta é a minha terra...

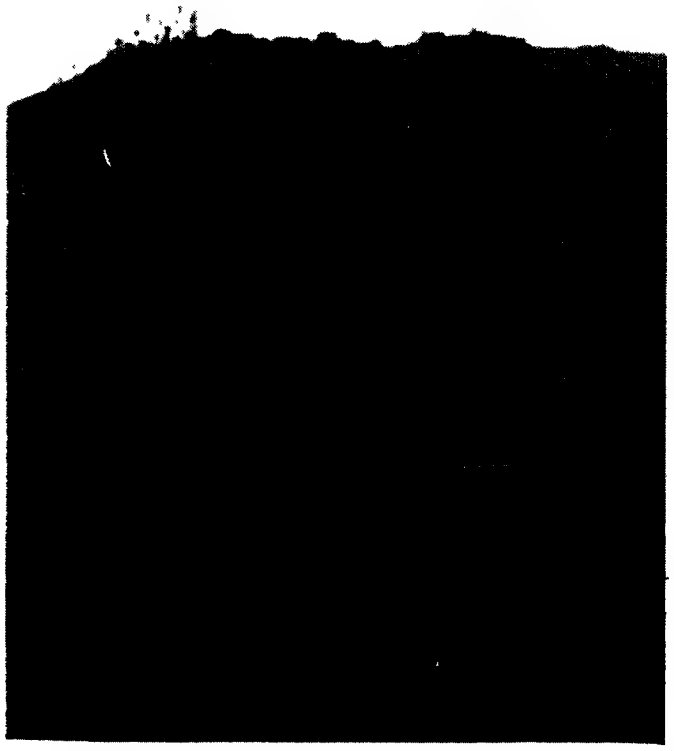
É possível que amanhã Begin queira aplicar a doutrina de Talmud e reivindicar todo o território do Nilo ao Eufrates. Pelo menos, uma coisa não necessitaria Israel de mudar: a bandeira que bem o simboliza. Duas linhas azuis, dois rios, e uma estrela de David, o Estado de Israel.

Hoje, nas escolas israelitas, crianças tão inocentes como os milhares de crianças dos campos de refugiados palestinianos, aprenderão que o seu país tem mais 1600 quilómetros quadrados. Só mais tarde saberão que esses 1600 quilómetros quadrados foram roubados, perdão, anexados a terroristas.

Na Polónia há o Estado de sítio. Em Lisboa discute-se o OGE. Em Washington Alexander Haig está «surpreendido».



A cidade de Kneitra na região do Golã depois do «raid» israelita: não ficou pedra sobre pedra



Montes Golã ocupados por Israel. No pico do monte sofisticada aparelhagem electrónica vigia território sírio. Antes de 1973 ali era a Síria

CITOFONE
COMUNICAÇÕES E ELECTRÓNICA, CRL.

ADMITE VENDEDOR

EQUIPAMENTOS TELEFÓNICOS E DE TELECOMUNICAÇÕES

Resposta à Citofone CRL:
Av. Álvares Cabral, 41 A/B
1200 LISBOA
Tel. 657881/2 --652951 --659533

Levantado do chão
José Saramago

O pé na paisagem
Filipe Leandro Martins

Eles vieram de madrugada
Manuela Câncio Reis

Dimensão 6

Oferecer livros um acto de amor

editorial CAMINHO

A situação na Polónia A situação na Polónia A situação na Polónia

João Paulo II apela ao fim do estado de emergência

O Papa João Paulo II, apelou ontem às autoridades polacas para que restabeleçam o «diálogo no respeito pelos direitos de cada homem e de cada cidadão».

O Papa, que falava em italiano e em polaco durante uma audiência geral no Vaticano, apelou para o final do estado de emergência no seu país.

João Paulo II disse que os acontecimentos dos últimos dias tinham «dirigido os olhos do Mundo inteiro para a Polónia o que manifestava uma clara inquietação e solidariedade para com o povo polaco».

«Esta inquietação tem fundamento», disse o Papa, acrescentando que «basta ler» o discurso pronunciado domingo, por monsenhor Josef Glemp «para entender a inquietação do país em consequência da imposição do estado de emergência».

Citando a intervenção do primaz da Polónia, João Paulo II sublinhou que «a Igreja tomou conhecimento com dor da ruptura do diálogo que se estava a levar a efeito com tanta dificuldade.»

«É preciso voltar ao caminho da renovação edificada com o método do diálogo, no respeito do direito do homem e de cada cidadão», repetiu João Paulo II.

Os polacos, disse o Papa polaco, «têm o direito de viver a sua própria vida».

João Paulo II observou que «esse caminho não é fácil, por razões compreensíveis, mas não é impossível», referindo, ainda que «a força e a autoridade do Poder expressam-se nesse diálogo e não no uso da violência».

Um porta-voz

Um porta-voz do «Solidariedade» acusou os Governos ocidentais de não estarem a dar uma resposta satisfatória à declaração do estado de emergência na Polónia.

«Contrariamente ao que afirmam os ministros de alguns Governos o que está a acontecer na Polónia não é apenas uma questão interna do país» – afirmou em conferência de Imprensa Stefan Tyrzcinskim, um dos porta-vozes do «Solidariedade» para a região de Varsóvia, que se encontrava na Suécia quando foi declarada a lei marcial.

«Sinto que a posição até agora tomada pelos Governos ocidentais é insuficiente e incorrecta» – afirmou o sindicalista, pedindo aos Estados Unidos e aos seus aliados que pressionem mais o Governo polaco para por fim às medidas tomadas.

Trzcinski năm tinha informações pessoais sobre os últimos acontecimentos no país, mas afirmou que o «Solidariedade» já há muito que tinha os seus planos para o que classificou de «defesa contra o Governo».

Washington: «Estamos inquietos»

«Estamos cada vez mais inquietos com a evolução dos acontecimentos na Polónia» – declarou um responsável americano no final da reunião havida na tarde de ontem na Casa Branca, do grupo especial encarregado de acompanhar a evolução da situação naquele país.

O grupo especial (Special Situation Group), constituído na passada segunda-feira pelo presidente Reagan, estava chefiado ontem, pelo vice-presidente George Bush, que foi dirigente da CIA.

O «Grupo Especial» não é presidido pelo próprio Reagan. A sua função é a de acompanhar as crises internacionais.

É constituído, designadamente, além do vice-presidente do país, pelo secretário de Estado, Alexander Haig, secretário da Defesa Caspar Weinberger, director da CIA, William Casey, pelos três principais conselheiros de Reagan e pela embaixadora americana na ONU, sra. Jeane Kirkpatrick.

As manifestações de rua

As manifestações de rua contra o estado de sítio na Polónia vão prosseguindo em toda a Europa.

Em Paris, alguns milhares de pessoas manifestaram-se, seguindo um apelo dos movimentos de direita e extrema-direita, pedindo «a liberdade para o Afeganistão e a Polónia».

O cortejo, dominado pela extrema-direita, gritou palavras de ordem contra o Governo e os comunistas franceses, entre outras.

Por outro lado, junto à Embaixada polaca, cerca de 600 pessoas manifestaram a sua «solidariedade com o 'Solidariedade'», seguindo um apelo de grupos da extrema-esquerda e de movimentos feministas.

Ainda na capital francesa, cerca de cem pessoas, concentraram-se frente à estátua do poeta e patriota polaco Adam Mickiewicvz.

Em Madrid, cerca de 1500 pessoas concentraram-se frente à Embaixada da Polónia, seguindo um apelo do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e do sindicato UGT. Um texto do PSOE, protestando contra o estado de sítio foi entregue ao embaixador.

No Luxemburgo, as duas centrais sindicais do país, a Confederação Geral do Trabalho (CGT) e o sindicato cristão, organizaram uma marcha silenciosa que reuniu 1500 pessoas. Em Salónica, cerca de 150 militantes da extrema-esquerda partiram as montras de duas livrarias. Na mesma cidade, uma manifestação de maoístas e eurocomunistas contra o Governo polaco e o regime turco reuniu várias centenas de pessoas.

Cimeira à vista

O chanceler Helmut Schmidt deverá encontrar-se a 5 de Janeiro próximo, em Washington, com o presidente americano, confirmou o porta-voz do Governo da RFA, Kurt Becker.

Schmidt terá assim oportunidade de discutir com Reagan as negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os euromísseis e as relações Leste-Oeste.

Segundo o primeiro-ministro francês

Nove mortos e 45 mil prisões

O Ocidente continua à escuta para saber o que se passa na Polónia. À escuta e à espreita. Espreita os passageiros vindos daquele país e cai sobre eles para sacar informações. Espreita as caixas secretas ou semi-secretas dos correios e descobre as mensagens com notícias mais ou menos frescas chegadas da Polónia.

Vamos fazer uma pequena ronda pelas notícias: o dirigente da central sindical francesa, CFDT, Edmond Maire, ligada ao PS, citando o primeiro-ministro, Pierre Mauroy, anunciou ontem ao fim da tarde que se registaram até agora nove mortos, dois dos quais em Wroclaw e que há 45 mil presos na Polónia. Pierre Mauroy terá recebido esta informação, segundo uns, por telegrama diplomático, segundo outros, por mensagem provinda da Igreja Católica polaca.

A mesma fonte terá informado que uma greve geral alastra pelo país. Por sua vez, o Solidariedade refere 48 mil prisões. Fontes diplomáticas de Viena, Paris, Bona e Varsóvia referem, por sua vez, que houve «milhares de detenções».

Contudo, a delegação polaca à Conferência de Madrid e a agência TASS negam a ocorrência de quaisquer mortes ou de quaisquer disparos de armas de fogo, confirmando os polacos em Madrid a utilização de gases lacrimogéneos e mangueiras de água contra manifestantes ou pessoas que tentam fazer greve. Por outro lado, os mesmos polacos referiram que os aviões soviéticos e húngaros até agora chegados à Polónia não transportam qualquer material militar, mas apenas abastecimentos

autoridades de Varsóvia. Esta informação é, aliás, confirmada por todas as fontes e ratificada tacitamente pelos EUA, que decerto não deixariam de elevar o tom das suas ameaças, se os aviões em causa tivessem transportado material militar. Fontes ocidentais contactadas em Moscovo pela agência EFE foram unânimes em afirmar que qualquer transporte de material militar seria neste momento irrisório, se feito através dos aviões cujas deslocações foram detectadas, pois esse material seria uma gota de água face às armas de que o Exército polaco e as forças soviéticas na Polónia dispõem. O certo é que as autoridades polacas, que enfrentam uma grave situação alimentar (como afirmou entre outros o embaixador da Polónia nos EUA) solicitaram aos países socialistas irmãos o envio urgente de alimentos. Aliás, mais de 120 camiões carregados de alimentos idos da Holanda chegaram ontem à cidade polaca de Poznan e, em Paris dois aviões continuam prontos a deslocar esperando que o tráfego aéreo seja reaberto. Por seu lado, o próprio Governo dos EUA, que suspendeu temporariamente o envio de alimentos para a Polónia, autorizou os envios não governamentais idos dos EUA. O Japão e o Canadá também enviam alimentos.

Greve ou não greve?

Nesta questão as notícias que chegam são contraditórias, como seria de esperar. A Solidariedade entrou na clandestinidade e está a conduzir um movimento de greve em todo o país – segundo informações que a AFP

quele sindicato em Varsovia. A AFP diz que o movimento de greve está a ser amplamente seguido por todo o país e que a Polónia vive uma situação de «pré-guerra civil». Contudo, a mesma agência confirma que os trabalhadores de Gdansk, Gdenia e Szczezin abandonaram toda a resistência. Este facto é noticiado por diversas fontes, inclusive por um jornalista holandês que assistiu à desocupação dos estaleiros de Gdansk e que conseguiu fazer passar a reportagem para o Ocidente.

O teor da maior parte das informações indica que o Exército controla a situação, que a vida se normaliza lentamente (há telegramas que dizem terem começado os polacos a comprar decorações de Natal) e que, como é natural, continuam prisões, buscas domiciliárias, e incidentes isolados, que, no dizer da agência TASS, se verificam nos locais onde elementos do «Solidariedade» não foram ainda neutralizados.

Prevendo a hipótese de acções de «provocação» para assinalar o aniversário que hoje passa dos sérios incidentes de 1970, onde muitas pessoas perderam a vida, as autoridades advertiram a população de que as forças de ordem têm instruções para disparar sobre quaisquer agitadores. As manifestações estão proibidas e quem participar nelas incorre em penas que poderão ir até à pena de morte – referem ainda as autoridades.

A situação de Lech Walesa é outro tema que suscita as mais diversas especulações. Segundo a ANOP, círculos clandestinos do Solidariedade revelaram que Walesa se encontra sob residência vigiada e que ape-

lou à resistência civil através de um padre que o foi visitar. O ministro italiano dos NE, Emilio Colombo, também confirmou que Walesa se encontra sob residência vigiada. No entanto, segundo a AFP, já correram em Varsóvia rumores – a que ninguém dá crédito, diz a agência que, mesmo assim, os transmite – sobre a morte do dirigente da «Solidariedade».

A UPI refere que tropas invadiram os estaleiros e as refinarias do Báltico pondo termo à mais importante greve de apoio ao «Solidariedade». A agência refere que os operários ofereceram apenas resistência passiva e que não houve feridos nem mortos.

Por outro lado, Rádio Varsóvia declarou que as instruções dadas aos trabalhadores dos sectores militarizados da economia equivalem às ordens do exército em tempo de guerra. Foram militarizadas as indústrias básicas, os transportes públicos e as indústrias energéticas. Por outro lado, a cidade de Katovice parece ter sido declarada «área militar limitada» (afirma a Rádio Viena).

Mitterrand

O presidente Mitterrand, da França, condenou o estabelecimento de um regime militar na Polónia.

Numa declaração especial feita aos membros do seu Governo, Mitterrand deplorou a supressão das liberdades públicas na Polónia.

O primeiro-ministro, Pierre Mauroy, informou formalmente o Parlamento da condenação da França à situação na Polónia, de acordo com instruções do presidente.

As reformas de Agosto não voltarão atrás

Exército ultrapassa o POUP?

As notícias sobre a Polónia continuam imersas num tom propagandístico que dificulta – ou impossibilita mesmo – qualquer tentativa honesta de fornecer aos leitores um retrato verdadeiro da situação. No plano interno e de fonte oficial a notícia de hoje é a da proclamação feita pelo Conselho Militar de Salvação Nacional, captada pela BBC de Londres, através dos seus serviços de escuta. Segundo essa fonte, o Conselho Militar de Salvação Nacional da Polónia (que, a partir de ontem, passou a ter como secretário o general Sygmunt Zielinski) assegurou que não voltará atrás «nos princípios fundamentais do processo de democratização» iniciado na Polónia em Agosto de 1980.

O general Jaruzelski

O Conselho declarou ainda que «forças hostis ao Estado socialista, explorando o choque psicológico em que a instauração da lei marcial mergulhou a sociedade polaca, tentam demonstrar que esta instauração significa a destruição da via democrática iniciada no ano passado». E a proclamação continha: «O Conselho está determinado a continuar a busca de um acordo com todas as forças sociais que reconhecem os interesses supremos do Estado socialista polaco. Em contrapartida, aqueles que o não reconhecerem serão combatidos com a maior firmeza». E a proclamação finaliza, «imediatamente depois de criadas as condições que garantam a ordem e o respeito pela lei iniciar-se-ão reformas, que prosseguirão com energia (...)

As primeiras medidas tomadas pelo Conselho demonstram já que este se encontra disposto a lutar pela melhoria da vida da nação.

Um comentário de Rádio Varsóvia confirmava estas palavras, declarando que «os acordos de Gdansk, de Hastrzebia e de Ustryki devem ser aplicados conjuntamente», e acrescentando que é de excluir qualquer hipótese de regresso ao «antes de Agosto de 1980».

Estas afirmações conferem certo peso à interpretação segundo a qual o Exército polaco assumiu o papel de liderança da sociedade em substituição do Partido Operário Unificado (POUP). As agências internacionais referem que «o partido desapareceu completamente da circulação», assinalando que uma enorme bandeira nacional vermelha e branca está içada no edifício do CC ao lado da bandeira vermelha do internacionalismo proletário. Na sede do Comité Central não há nenhum dirigente. Segundo a AFP, cujo noticiário se caracteriza por um tom de guerra fria, fontes dignas de crédito referem prisões em massa de membros do POUP, incluindo alguns do CC e da própria Comissão Política. O responsável pela Propaganda, Stefan Olszowski, teria «desaparecido». Um facto concreto, que, em si próprio não causa qualquer surpresa dada a situação de excepção que se vive no país, mas que pode ser significativo é o adiamento «sine die» da sessão do Secretariado do Controlo do POUP, que estava marcada para amanhã. Outro indício: o facto de a TV polaca, captada pelo escuta de BBC, ter noticiado, uma vez mais, que os processos contra os antigos dirigentes do Partido e do Estado vão seguir o seu curso.

Que concluir de tudo isto? Uma primeira constatação se impõe: não foi o Exército polaco que se sobrepôs, por um golpe de força, ao POUP: foi este que se mostrou notoriamente incapaz de controlar a situação. Se ultrapassagem houve, essa foi da responsabilidade do próprio Partido, que se deixou afundar na crise e foi ele mesmo atravessado por ela. As sucessivas remodelações no aparelho do partido e do Estado nada conseguiram, a não ser a entrada até no próprio CC de elementos hostis ao partido. Portanto, as especulações surgidas sobre a ultrapassagem do partido pelos militares começam por estar viciadas na base.

Mas algo de muito concreto parece poder concluir-se, se ligarmos esses factos com a proclamação feita pelo Conselho Militar e com declarações de fontes diplomáticas polacas ontem produzidas em Bruxelas. Segundo esses diplomatas, os sindicalistas detidos foram «internados» apenas para evitar a continuação das suas actividades que teriam desembocado num grave confronto, se não mesmo numa guerra civil. O Exército tenciona restituir o poder aos civis mas primeiro tem de sanar a situação do país e tinha de evitar as actividades do «Solidariedade» tendentes a porem em causa a própria estrutura do poder. Os antigos dirigentes políticos serão julgados porque são os responsáveis por terem conduzido o país à ruína.

Em suma: na sequência do que logo no primeiro dia foi afirmado, o Exército dispõe-se a encontrar um consenso nacional que afaste dois «extremismos» – o daqueles que pretendem a contra-revolução e o daqueles, que, incapazes de ultrapassarem velhos esquemas mentais se recusam a aderir às reformas positivas e favoráveis a todos os aspectos da vida polaca, que foram conseguidas através do diálogo responsável entre os dirigentes político-partidários, os elementos responsáveis e socialistas do «Solidariedade» e a Igreja. Esta parece ser a única interpretação possível dos acontecimentos.

A.N.

Haig e Savimbi zangaram-se?

O Congresso norte-americano decidiu ontem manter a proibição de ajuda às facções que lutam contra o Governo angolano, disse em Washington um porta-voz oficial.

Os congressistas, disse o porta-voz, aprovaram o programa de auxílio externo para os próximos dois anos, no montante de 11.900 milhões de dólares, levantando paralelamente as proibições de ajuda ao Chile, Argentina e Paquistão.

A decisão norte-americana surgiu dias após uma visita do líder da UNITA, Jonas Savimbi, a Washington e Nova Iorque, durante a qual conferenciou com o secretário de Estado Alexander Haig.

Os maiores beneficiados deste programa serão Israel e o Egipto, o que reflecte o interesse dos Estados Unidos relativamente ao Médio Oriente, segundo noticia a ANOP.

No decorrer do debate, o congressista republicano Paul McCloskey disse que se opunha à concessão de ajuda a Israel por este país ter anexado os montes Golã, considerando que essa decisão põe em perigo a paz no Médio Oriente.

O Paquistão, a Turquia e El Salvador, figuram também entre os países que irão receber maior ajuda.

Quanto a El Salvador, o programa prevê a atribuição de 101 milhões de dólares destinados a apoiar os sectores militar e económico, e a administração admite que essa verba possa ser aumentada.

Para o ano fiscal de 1982, o programa autorizado atribui cerca de 1.100 milhões de dólares para ajuda militar, 1.600 milhões para auxílio económico bilateral, mais de 2.600 milhões para ajuda económica relacionada com a segurança e 105 milhões para os Corpos da Paz.

Nações Unidas declaram nula "independência" do Ciskei

O Conselho de Segurança da ONU declarou totalmente nula a independência ontem «atribuída» pela África do Sul ao bantustão do Ciskei – soube-se junto do centro da ONU em Lisboa.

O Conselho de Segurança da ONU reafirmou não reconhecer os chamados bantustões independentes na África do Sul, condenando a recente proclamação da «independência» do Ciskei e declarando-a totalmente nula.

O Conselho de Segurança acentua que esta política de conceder independência aos bantustões «denunciada pela comunidade internacional visa dividir e desapossar o povo africano, criando Estados clientes de molde a perpetuar o «apartheid» através da criação duma classe de estrangeiros no seu próprio país», afirma a declaração do Conselho de Segurança.

O Conselho exorta todos os governos a recusarem qualquer tipo de reconhecimento dos chamados bantustões independentes, recusando-se nomeadamente a negociar com eles e a rejeitar quaisquer documentos de viagem por eles emitidos.

Até ao momento, o regime sul-africano já tornou independentes quatro bantustões: Transkei, Venda, Bophuthatswana e, recentemente, o Ciskei. Nenhum deles foi até ao momento reconhecido por qualquer país, à excepção da própria África do Sul.

A anexação dos Montes Golan

Assembleia Geral da ONU condena Israel

Por 141 votos a favor, 1 contra e três abstenções (Estados Unidos, República Dominicana e Guatemala), a Assembleia Geral das Nações Unidas adoptou na quarta-feira uma resolução declarando «nula e sem valor» qualquer iniciativa legislativa de Israel nos montes Golã.

A resolução invalida toda a legislação israelita «tendente a alterar o carácter e estatuto legal dos montes Golã sírios».

Adoptada apesar das objecções israelitas, o documento condena ainda o Estado judaico pelas «suas tentativas e medidas tomadas para impor a cidadania e cartões de identidade israelitas a cidadãos sírios», nos montes Golã.

Entretanto, no Conselho de Segurança da ONU, reunido a pedido da Síria para discutir a situação, o Governo de Damasco pediu a imposição de sanções contra Israel, se este país não anular a sua decisão. O embaixador sírio junto das Nações Unidas, Dia-Allah El-Fattal, afirmou ante o Conselho que a decisão israelita de impor as «leis, jurisdição e administração» no território sírio ocupado em 1967, constitui uma «descarada anexação».

O embaixador incitou os Estados Unidos a intervirem junto de Israel, levando-o a ver os perigos da decisão tomada. Não duvidamos, acrescentou El-Fattal, que qualquer cedência dos Estados Unidos ante tal acto será interpretado em Israel como um encorajamento na sua política agressiva e aventureirista na região.

Durante os debates, o embaixador egípcio juntou-se às críticas, praticamente unânimes, à medida tomada pelo gabinete de Menahen Begin, afirmando que, «ao actuar desta forma, sabotando as resoluções do Conselho de Segurança, Israel está também a minar intencionalmente o quadro em que se baseou, original e fundamentalmente, o processo de paz (Camp David)».

Entretanto, a Síria está a elaborar uma moção suficientemente maleável para concitar o apoio de Washington, que já fez saber que aderiria à condenação de Israel se esta não fosse expressa em termos considerados demasiado violentos.

Clovis Maksoud,es Golã paralisou ontem as suas actividades em protesto pela decisão israelita de anexar a zona que ocupa militarmente desde 1967.

Todas as escolas e estabelecimentos comerciais da zona encerraram as suas portas num protesto que está previsto durar três dias, noticiou a Rádio Israel. Além da paralisação que afectou as cidades de Masadeh e Majdam Shams, os operários residentes na zona dos Golã mas que trabalham em Israel também entraram em greve.

Enquanto isto, Israel colocava o seu Exército em estado de alerta e reforçava as suas unidades com reservistas.

Vivem na região dos Golã 10 000 drusos sírios e 6000 israelitas, estes em colonatos instalados nas colinas. Os colonos israelitas reforçaram a protecção das suas casas e juntaram grande quantidade de alimentos na perspectiva de uma guerra com a Síria.

Entretanto, os residentes da zona ocupada da faixa de Gaza decidiram regressar ao trabalho após 18 dias de greve provocada pela imposição pelas autoridades israelitas de um imposto adicional.

O presidente da câmara de Gaza, Rashid A-Shawa, anunciou que as autoridades israelitas aceitaram suspender o imposto por seis semanas e remeter a questão para o supremo tribunal.

Na margem ocidental do Jordão, estudantes da cidade de Jericó manifestaram-se contra a designação de funcionários pró-israelitas para os postos municipais e hastearam uma bandeira palestiniana, segundo noticiou a Rádio Israel.

A intenção das autoridades israelitas de anexarem os montes Golã tem provocado fortes reacções internacionais de protesto. Para além da votação de ontem na Assembleia Geral da ONU, vários países manifestaram o seu descontentamento para com a medida.

O Egipto, parceiro de Camp David de Israel, vai, segundo anunciou o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, lançar uma ofensiva diplomática contra a anexação israelita dos montes Golã e apoiará a queixa da Síria no Conselho de Segurança da ONU. O ministro Kamal Hassan Ali fez este anúncio após uma reunião do presidente Hosni Mubarak e oito dos seus ajudantes.

O embaixador dos **Estados Unidos** na Síria, Robert Paganelli, entregou na passada terça-feira ao Ministério dos Negócios Estrangeiros sírio um comunicado manifestando «a preocupaçao do Governo americano» perante a decisão de Israel. O comunicado americano, comentado pela agência «SANA», manifesta a oposição de Washington «a qualquer modificação unilateral do estatuto do Golã» e considera que essa alteração «viola a lei internacional relativa à ocupação decorrente da guerra».

Por seu lado, o Governo socialista da **França** denuncia, nos termos de um comunicado emitido após a reunião semanal do Conselho de Ministros, «esta iniciativa (a anexação dos montes Golã) contrária à lei internacional e às resoluções das Nações Unidas.» Contudo, o secretário-geral do Eliseu, Pierre Beregovoy adiantou em resposta a jornalistas que a França não está a pensar em suspender a sua participação na prevista força de manutenção de paz no Sinai.

A **Santa Sé** condenou a atitude israelita de anexar os montes Golã através de comunicados difundidos por «L'Oservatore Romano» e por Rádio Vaticano. Os dois órgãos de Informação sublinham que «as autoridades de Telavive quiseram aproveitar-se do facto deos governos e a opinião pública terem a sua atenção centrada na Polónia para fazer aprovar no parlamento (Knesset) um projecto de lei condenável».

No **Irão,** Khomeini considerou que a anexação israelita dos montes **Golã** foi «facilitada pelas divergências entre os países árabes provocadas pelo plano de paz saudita. Num discurso transmitido pela rádio de Teerão o líder espiritual da revolução iraniana afirmou que o plano Fahd «provocou fricções e dissidências» entre os países árabes, o «que abriu caminho a Israel».

A necessidade de uma unidade árabe foi também manifestada pelo **Conselho de Embaixadores Árabes** reunido ontem em Madrid, que também condenou a atitude israelita. «Trata-se de uma grave decisão que vai contra todas as resoluções da ONU e os princípios jurídicos mais elementares», sublinha o comunicado final. Uma atitude mais firme do mundo árabe foi também pedida pelo ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, que considera insuficiente o apoio verbal manifestado ao seu país pela comunidade árabe.

O exército espanhol e a democracia

Vários oficiais de Madrid solidários com o "Manifesto dos Cem"

Oficiais de diversos regimentos da Região Militar de Madrid sentem-se solidários com os signatários do «Manifesto dos Cem» – revelou, na sua edição de ontem o diário espanhol «El País».

Segundo relatórios entregues no comando da Região Militar de Madrid, os referidos militares aprovam grande parte do teor do manifesto dos cem oficiais e sargentos, publicado no passado dia 6, onde estes expressam a sua simpatia pelos autores do malogrado golpe de 23 de Fevereiro.

Entretanto, na terça-feira, passada, o ministro espanhol da Defesa admitiu, perante o grupo parlamentar da UCD, em reunião à porta fechada, que um grupo minoritário do Exército não consegue aceitar a democracia, embora – acrescentou – não haja perigo de golpe de Estado em Espanha.

Preso basco acusa Polícia

O professor universitário Victor Garcia Hoz – preso em Outubro último como presumível membro da organização separatista basca ETA-Militar – acusou ontem a Polícia de o ter torturado.

Garcia Hoz, acusado pelo comando único da luta antiterrorista de pertencer ao comando «Madrid» da ETA-Militar operando na capital espanhola, tinha sido deixado à disposição da justiça a 28 de Outubro depois de ter ficado dez dias isolado em virtude da Lei Antiterrorista.

Entretanto, vinte militantes da ETA-PM (Político-Militar) detidos em diversas prisões espanholas, foram transferidos, na noite de terça para quarta-feira, para a prisão de Nanclares de Oca, na província basca de Alava – revelaram fontes seguras.

Todos os militantes da ETA-PM, actualmente presos em Espanha, serão transferidos, nos próximos meses, para Nanclares, o que constituiu uma das suas reivindicações.

Senadores decidiram abolir a "emenda Kennedy"

O senado norte-americano aprovou ontem a abolição da chamada «emenda Kennedy», que proíbe a assistência e venda de armas ao Chile e à Argentina.

A decisão foi adoptada na altura em que era votado um programa de ajuda externa no valor de 11,4 mil milhões de dólares (cerca de 741 mil milhões de escudos) para os dois próximos anos.

Depois de o Congresso aprovar esta decisão, e com a assinatura de Reagan, será a primeira vez que entra em vigor um decreto sobre ajuda externa, desde 1979.

O programa foi aprovado com 55 votos a favor e 42 contra, e prevê também auxílio ao Paquistão e a outros países, mas sobretudo a Israel e ao Egipto.

Por outro lado, o Congresso manteve a proibição de utilizar fundos norte-americanos no financiamento de operações paramilitares em Angola e condicionou os 101 milhões de dólares solicitados pelo Governo para El Salvador.

O Senado instou a junta do Governo salvadorenho a fazer o possível para observar os direitos humanos de acordo com os princípios internacionalmente aceites.

O programa que passou pelo Senado também foi aprovado na «Conferência de Legisladores do Congresso dos Estados Unidos», formada por senadores e representantes.

Voto da ONU sobre El Salvador

A Assembleia Geral das Nações Unidas ratificou ontem à noite, por 68 votos contra 22, e 53 abstenções, uma moção pedindo «às partes interessadas» de El Salvador que negoceiem uma solução política que permita instaurar, em atmosfera livre de intimidação e terror, um Governo democraticamente eleito.

Argentina: eleições

Os principais partidos políticos argentinos convidaram a junta militar a efectuar eleições imediatas e a levantar as proibições que atingem a vida política e sindical do país.

Os partidos peronista Radical Intransigente o Movimento Integração e Desenvolvimento e a Democracia-Cristã, reunidos sob a designação de «organização multipartidária», afirmam que o país está a atravessar «crise vital».

«O regime actual não tem qualquer viabilidade», afirmam os partidos, pelo que se tornam necessárias eleições livres», antes de ser demasiado tarde para isso».

«Todos os aspectos negativos da situação nada mais fazem, para além de piorar», tanto a nível da vida do povo como nas instituições políticas e económicas. Chega-se assim à censura, à autocensura e à discriminação ideológica», conclue os partidos argentinos, que exigem liberdade de actuação política e sindical.

Moscovo continuará a apoiar o Governo de Cabul

O presidente Babrak Karmal do Afeganistão, partiu ontem de Moscovo, de regresso a Cabul.

O vice-presidente do «Presidium» do Soviete Supremo, Babkem Sarkisov despediu-se de Karmal no aeroporto, anunciou a agência TASS.

A TASS informou ainda que Karmal condecorou o presidente Brejnev, da União Soviética, com a ordem do «Sol da Liberdade», assinalando o septuagésimo quinto aniversário da União Soviética, país com o qual o Afeganistão tem um tratado de amizade e cooperação.

Ao receber a condecoração, Brejnev garantiu que a União Soviética continuará a apoiar o Afeganistão.

«A nossa amizade e cooperação estão a ser fortalecidos nas actuais condições em que o povo afegão tem de enfrentar problemas internos e externos», declarou Brejnev.

«Este nome (Sol da Liberdade) simboliza o futuro radiante pelo qual o povo afegão lutou e continua a lutar», disse Brejnev.

Brejnev disse ainda que a União Soviética apoia as propostas de Cabul para conversações com o Irão, Paquistão e Nações Unidas para alcançar um acordo no Afeganistão.

«Elas contêm possibilidades realistas e flexíveis para uma solução que não infr inja os interesses de ninguém», acrescentou Brejnev.

PRISMA
VIAGENS E TURISMO, LDA.
FIM DE ANO 81
14 SUGESTÕES MUITO DIFERENTES
— REVEILLONS DE LUXO —
VIAGENS EM MODERNOS AUTOPULLMANS
– BENIDORM (Hotel Pelicanos). . . . . de 29 Dez. a 03 Jan.
– ANDORRA / BARCELONA / MADRID. . de 28 Dez. a 03 Jan.
– TORREMOLINOS / GRANADA / CEUTA de 29 Dez. a 03 Jan.
– CIRCUITO MINI-MARROCOS . . . . . de 30 Dez. a 03 Jan.
– SEVILHA e CEUTA . . . . . de 30 Dez. a 03 Jan.
Em Portugal:
– ALTO MINHO e GERÊS . . . . . de 31 Dez. a 03 Jan.
– SERRA DA ESTRELA . . . . . de 31 Dez. a 02 Jan.
– ALGARVE / AYAMONTE . . . . . de 31 Dez. a 02 Jan.
– ALGARVE (Pedras da Rainha). . . . . de 31 Dez. a 01 Jan.
– ALMOÇO ESPECIAL DE «ANO NOVO» NO HOTEL DA ERICEIRA
MARAVILHOSO PASSEIO E CHÁ DANÇANTE NO CASINO DO ESTORIL
OUTROS DESTINOS (AVIÃO)
MADEIRA – BRASIL – GENEVE – PARIS.
Peça-nos os programas detalhados.
INSCREVA-SE JÁ!
Rua Ivens, 10 — 1200 LISBOA
Telefones 36 11 77-36 45 16-37 27 59-36 45 03
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

exclusivo

A independência do Ciskei proclamada em Pretória

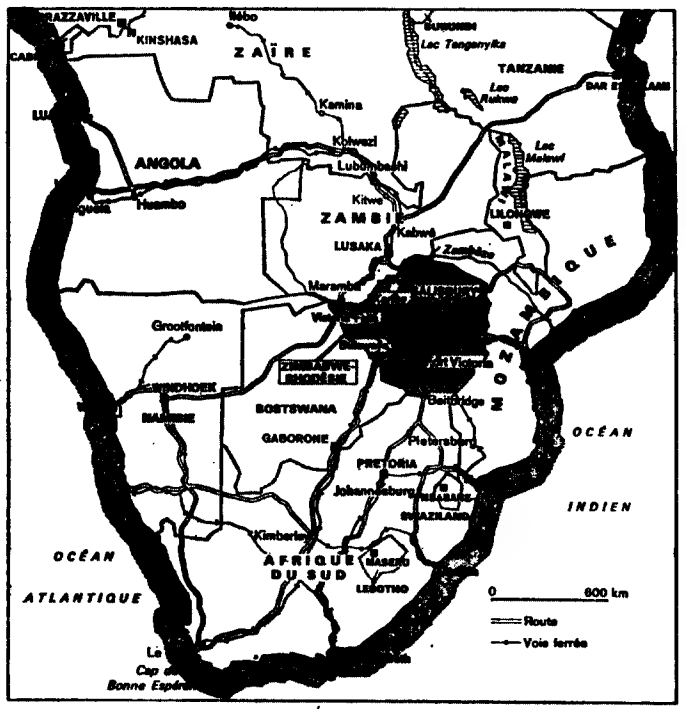
A política dos bantustões continua a ser um fracasso

■ **Patrice Claude** □ **Le Monde**

A nossa política tem por objectivo proteger o homem branco, conservar-lhe o poder de governar este país, permitir-lhe manter a sua supremacia. Quem, no partido nacional, mesmo entre os **«falcões»** ousaria fazer suas estas palavras pronunciadas em 1957 por J.-G. Strijdom, então primeiro-ministro? Mesmo a teoria do seu célebre sucessor, o doutor Hendrik Verwoerd, que foi o primeiro a dar as estruturas legais ao «apartheid», ainda parece demasiado brutal aos ministros do actual governo. Seria, no entanto, em vão, que se procuraria as diferenças importantes que se supõe existir entre a doutrina dos construtores do «apartheid» e a dos seus discípulos. Quando muito há **nuances...**

O arquitecto do desenvolvimento separado desejava criar **«um Estado branco, uma grande e forte nação rodeada por zonas bantu variadas... Estados, se preferirem»**, acrescentava ele, condescendente. A escolha, dizia, **«é entre um Estado branco seguro, mesmo que seja geograficamente mais pequeno do que dantes, e um Estado sul-africano, racialmente integrado, no qual os Bantus deverão eventualmente dominar»**. Durante o correr dos anos e dos motins, os **«Bantus, indígenas e africanos»** desapareceram em proveito das **«pessoas negras»**. Já não se trata de reserva nem de Bantostão, e os «homelands» logo que a **«independência»** lhes é atribuída tornam-se **«Estados negros»**. A justificação oficial da «balkanisação» do país adquiriu uma tonalidade filantrópica: terminada a manutenção dos direitos e privilégios dos brancos, trata-se agora da **«protecção das minorias, do desenvolvimento das nações negras, das suas legítimas aspirações, do seu direito à diferença, à autodeterminação»**, etc. **«Versão mais apresentável de uma política similar»**, comentam os que se lhe opõem.

Claro que a pesada máquina de propaganda nacionalista dedicou-se com êxito à modernização dos termos do problema, mas não pôde mudar os dados do dilema: vinte milhões de Negros de um lado e, do outro, quatro milhões e meio de Brancos bem decididos a conservar custe o que custar aquilo a que chamam o seu «direito à autodeterminação», o que na verdade



significa, segundo as palavras do actual primeiro-ministro, a manutenção do domínio branco no interior das fronteiras da República.

No entanto, se o último objectivo foi análogo, os meios de o atingir evoluiram. Os que forjaram o «apartheid» afastavam, por razões de segurança, toda e qualquer ideia de independência mesmo formal para as «reservas», e o doutor Verwoerd era contrário à aplicação **«do capital branco nos Bantustões»**. Dois erros magistrais que deixavam sem resposta duas questões fundamentais:

1) Como conter eficazmente o nacionalismo negro sem lhe oferecer vias aceitáveis para se exprimir? Canalizá-lo para «Estados independentes» surgiu mais tarde como a mais adaptada e a menos perigosa das soluções;

2) Como «vender» os Estados novamente fabricados a partir de conceitos históricos contestáveis às massas africanas e à opinião internacional se continuam vistos como aquilo que ainda são: bolsas de miséria, reservas de mão de obra barata à disposição de uma África do Sul branca próspera? O seu desenvolvimento económico torna-se sobre tudo sob o actual governo, uma das prioridades do poder.

Segundo as autoridades é **«demasiado cedo para julgar as autoridades da nossa política para com os Estados negros»**. Nada impede, no entanto, que façamos um balanço provisório. Afastar com a mão, a pretexto de que são «emocionais», as visões de pesadelo que qualquer visitante honestamente decidido a manter os olhos bem abertos leva consigo das homelands, não serve de nada. Cada olhar «emocional» sobre os campos de «reinstalação» para onde são anualmente mandadas dezenas de milhares de famílias negras cujos serviços se tornaram inúteis à República, sobre realidades estatísticas incontestáveis sobre a miséria social, económica e médica que reina nos homelands «independentes» ou não. Nenhum dos Estados negros artificialmente criados por Pretória é capaz de solucionar as necessidades alimentares das suas populações.

Não é por acaso nem por masoquismo exagerado que centenas de milhares de famílias africanas se arriscam diariamente à prisão, à deportação e a pesadas multas reservadas aos que se aventuram nas zonas industriais brancas sem as autorizações necessárias.

Os auxílios orçamentais concedidos aos «governos» dos homelands e feitos em função da sua boa vontade, não modificam nada ao facto de ser impossível e irrealista querer criar uma dezena de entidades económicas distintas e viáveis, em 13,7 % do território sul-africano (superfície total das dez homelands).

Nacionalidade e cidadania

No plano político, o «grande desígnio» de Hendrik Verwoerd, retocado pela actual equipa no poder, também surge como um fiasco. Longe de modificar criteriosamente o nacionalismo negro, a política dos homelands cristaliza nela e nas suas leis subsidiárias o essencial da luta anti-«apartheid». Os ataques armados do Congresso Nacional Africano (A.N.C.) contra os símbolos de autoridade dos bantustões (esquadras de polícia, edifícios administrativos) multiplicaram-se. Para os nacionalistas da A.N.C., **«a África do Sul deve manter-se unitária e tornar-se multirracial»**. Eles denunciam a balkanisação étnica do país como **«o principal instrumento do racismo e do neocolonialismo»** e acusam os chefes dos homelands de serem «fantoches». Uma coisa é certa: a coberto de um discurso por vezes violentamente anti-«apartheid», os novos «chefes de Estado», a maior parte das vezes escolhidos pelas autoridades sul-africanas, respeitam, à letra, as exigências do desenvolvimento separado.

As prisões maciças de sindicalistas e de estudantes, as detenções indefinidas, sem processo, de inimigos acusados, sem nuances, de comunismo, são moeda corrente no Transkai, no Ciskei, no Venda, e, talvez um pouco menos, no Bophuthatswana. Todos quatro proíbem em todo o caso os sindicatos e assinaram com Pretória irrisórios «pactos de não agressão». O artigo 2 desses pactos estipula que lhes é interdito abrigar **«organizações ou pessoas subversivas»** clara alusão aos movimentos nacionalistas). De facto, a cooperação entre os signatários na caça aos «terroristas» é perfeita.

Continua, no entanto, a haver problemas. A consolidação geográfica dos territórios tarda a realizar-se, e o primeiro-ministro fez saber recentemente que as terras resgatadas aos brancos que as possuem, nunca seriam atribuídas aos homelands, a não ser que o governo tivesse a certeza de elas serem **«bem utilizadas»**. Portanto, enquanto espera pela concretização de promessas feitas em 1975 e depois postas de parte devido ao seu considerável custo financeiro, o Bophutha swana continua a ser constituído por seis pedaços distintos, o Transkai por três, e o Venda por dois. Outro ponto de fricção: a cidadania sul-africana e os direitos que lhe estão ligados. Os quatro dirigentes, tinham todos eles, em tempos, ligado a aceitação da independência à manutenção da nacionalidade sul-africana, medida esta que, de resto, tinham prometido às suas populações. Vítimas ou cúmplices continuam ainda hoje (cinco anos após a «independência», no que diz respeito ao Transkei) as negociações com Pretória.

Hábeis, as autoridades sul-africanas que, elas, nada tinham prometido, mantêm a confusão entre a nacionalidade, que, em democracia clássica, permite votar e participar na gestão dos assuntos da República, e a cidadania, que, no espírito do poder, se aparenta com aquilo que um dia pode ser proposto aos europeus.

Testemunhos vivos de outro fracasso patente do «grande desígnio», que também tinha em vista restabelecer uma aparência de equilíbrio demográfico na República, os negros urbanizados são hoje uma dezena de milhões (contra 9,7 milhões nas homelands). Apesar das deportações, o seu número não diminui e serão vinte e cinco milhões no ano 2000. Apanhado pela dialéctica desenvolvida junto dos meios de negócios ligados à sua mão-de-obra e aos seus mercados, o governo aceitou, aparentemente, embora esforçando-se por lhe limitar o afluxo, a ineluctabilidade da presença física dos trabalhadores regulares.

Em suma, seja qual for o louvável esforço de explicação empreendido pela África do Sul, a fim de obter o reconhecimento internacional das suas «reservas bantustões-homelands», há verdades inespiáveis: a política dos homelands, mesmo englobada numa «constelação» que só existe no papel, é uniteralmente decidida, para os negros, por uma minoria branca. Ela consiste em retirar através de artifícios legais, todos os direitos civis e políticos a 70 % da população da República em 13,7 % do território. A O.U.A., para quem esta política, **«dividindo as etnias, tem em vista impedir o nascimento de um nacionalismo negro e engendrar conflitos fratricidas em benefício da supremacia branca»**, rejeitará a independência do Ciskei. As Nações Unidas farão o mesmo, porque há quimeras inaceitáveis. ■

É siamesa a primeira aldeia dotada com energia solar

■ **Feizal Samath** □ **IPS**

COLOMBO (Sri Lanka) – Várias organizações científicas no Sri Lanka estão a trabalhar em projectos experimentais para obter formas mais baratas e alternativas de energia. Como resultado concreto destes trabalhos foi inaugurada a primeira aldeia do país dotada de energia solar.

A aldeia chama-se Minneriya e está situada a 160 Km a norte de Colombo. No telhado de cada casa montou-se um aparelho com células fotovoltaicas, conhecidas como células solares, que alimentam uma bateria dotada de células de níquel e cádmio. O sol recarrega a bateria durante o dia e esta alimenta uma lâmpada fluorescente que ilumina durante a noite.

O primeiro-ministro do Sri Lanka, Ranasinghe Premadasa, que desempenha também as funções de ministro da Habitação, disse no acto inaugural que a experiência em Minneriya pode revolucionar a qualidade de vida em aldeias afastadas, num país em que muitas áreas ainda não têm electricidade.

A busca de fontes alternativas de energia começou de forma sistemática no Sri Lanka há dois anos, quando a Universidade de Mortuwa, a 16 Km ao Sul de Colombo, lançou um projecto de investigação para examinar a possibilidade das células solares na electricidade doméstica.

As novas unidades solares custam 175 dólares cada uma, mas segundo os investigadores, o custo poderia diminuir com o tempo e a produção maciça para cerca de 17 dólares a unidade em 1986. A conclusão primordial foi, portanto, que a energia solar, como fonte alternativa, é economicamente possível. Os programas de desenvolvimento, tanto neste como noutros países do Terceiro Mundo, começaram a concentrar-se em fontes renováveis de combustível que podem ser obtidas localmente, como é o caso da energia solar.

No caso do Sri Lanka, a produção de energia centrou-se em duas opções: lenha e potência hidroeléctrica. Porém, ao chegar-se ás proporções críticas da desflorestação, o Governo lançou um projecto para a construção de uma represa para a produção de energia hidroeléctrica que, quando ficar completada em 1985, será a maior do seu género na região.

Todavia, e perante a duração prolongada e o elevado custo deste tipo de projectos, as investigações que se efectuam neste país são cada vez mais viradas para o desenvolvimento da energia solar. ■

Construção civil paralisa na 3.ª feira

Após reunião realizada no passado dia 14, entre a comissão negociadora sindical do sector da construção civil e obras públicas, com as associações patronais, aquele organismo de classe resolveu convocar uma paralisação de 24 horas para o próximo dia 22. Com mais de 250 mil trabalhadores, o referido sector reivindica actualmente a revisão das tabelas salariais e subsídios de almoço com aumento global de 29,8 por cento.

Apesar de os representantes dos trabalhadores terem já reformulado as suas propostas (inicialmente os aumentos globais pedidos eram de 33,8 por cento) não houve qualquer contrapartida da parte do patronato limitando-se este, segundo afirma o CNS em comunicado «a fazer afirmações vagas e sem carácter oficial». Ainda segundo o mesmo comunicado, «ficou claro que as associações patronais não quiserem rever rapidamente o CCTV do sector procurando prolongar as negociações dificultando portanto a entrada em vigor a partir de Janeiro de 1982 das novas tabelas».

Químicos em greve pela negociação do CCT

Tendo em vista o reinício imediato das negociações do novo contrato colectivo de trabalho, os trabalhadores da indústria química iniciaram hoje uma série de três paralisações de três horas diárias.

Uma fonte sindical refere que as associações patronais têm-se recusado a «contribuir para o avanço do processo».

Com efeito, goradas as negociações directas, que não chegaram sequer a ser iniciadas, a fase de conciliação a que se transitou em 23 de Outubro também não trouxe quaisquer resultados.

Têxteis

Os trabalhadores do sector têxtil cumprem hoje uma greve geral que visa intensificar a luta por cadernos reivindicativos de empresa.

Os trabalhadores, que decidiram em reuniões não aceitar as portarias de extensão aplicadas pelo Governo à indústria têxtil, vão promover a recolha de assinaturas para a entrega de uma petição à comissão parlamentar do trabalho na Assembleia da República.

Cristalaria

A greve de 48 horas dos trabalhadores da cristalaria, que ontem terminou, segundo informa a Federação dos SIndicatos de Cerâmica, Cimento e Vidro, registou uma adesão total, à excepção de uma empresa de Alcobaça.

A Federação afirma que esta paralisação ficou a dever-se à negativa patronal em negociar valores superiores 17 por cento no aumento salarial que os trabalhadores reivindicam.

O sector de cristalaria em Portugal emprega cerca de cinco mil trabalhadores.

Não docentes das universidades

Os trabalhadores não docentes das universidades, que no passado dia 14 paralisaram, com uma adesão da ordem dos 75 por cento, decidiram enviar cartas ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Educação e Universidades, a fim de exigirem «garantias de que o diploma de quadros será enviado para promulgação, o mais tardar até ao dia 23 do corrente mês».

Estes trabalhadores efectuarão no dia 5 de Janeiro uma reunião na sede do Sindicato da Função Pública, prevendo-se a apresentação de uma nova proposta de greve, se entretanto a situação não sofrer qualquer alteração.

Firestone

Cifrou-se em 90 por cento, segundo refere uma informação sindical, a greve ontem observada pelos trabalhadores da multinacional Firestone.

A greve, de três horas por turno, visou forçar a administração da empresa a negociar uma proposta reivindicativa.

A Firestone emprega 581 trabalhadores, distribuídos pelas instalações fabris de Alcochete e os escritórios de Lisboa.

Greve do "Metro" continua sem solução à vista

Prossegue a greve de um dia por sector (num total de três dias) ontem iniciada pelos trabalhadores do Metropolitano e que, segundo um porta-voz da Federação dos Sindicatos Rodoviários regista uma adesão «praticamente total». Após a paralisação, ontem dos trabalhadores do sector de movimento, hoje é a vez dos de tracção e amanhã estarão em greve os restantes sectores. Como já noticiámos, esta greve, a mais prolongada desde sempre no «Metro», visa exigir do conselho de gerência a negociação imediata de novas tabelas salariais.

Entretanto, as carreira da RN em diversas zonas da periferia, sobretudo em Queluz, Costa de Caparica, Feijó e Almada, têm sofrido grandes atrasos, com maior incidência nas horas de ponta. Uma fonte ligada á RN afirmouèsta manhã ao «DL» (informação esta que coincide com a da CT) que esta situação é devida fundamentalmente ao facto de a grande maioria dos motoristas se terem solidarizado com a luta dos trabalhadores do «Metro», recusando-se a fazer horas extraordinárias. Este problema foi ali, focado em recente conferência de Imprensa dos representantes dos trabalhadores da Rodoviária, em que foram referidos «períodos de trabalho extremamente longos, que põem em causa a segurança». Com efeito, bastou que os condutores deixassem de trabalhar fora do horário normal, para causar uma série de transtornos a largos milhares de utentes, que durante estes três dias estão sujeitos a chegar atrasados aos seus empregos. Esta situação tem ainda a ver com a não criação de postos de trabalho na RN, que urge, conforme já por diversas vezes foi denunciado pelos trabalhadores.

Para já, é de presumir que a greve do Metropolitano se mantenha até ao fim, já que não se vislumbra qualquer tentativa de solução do conflito por parte do CG. Este, em conferência de Imprensa, a que fizemos referência na nossa edição de ontem, reafirmou uma posição «de firmeza», acrescentando que «não aceita que um sindicato vertical, faça greves sectoriais». Os trabalhadores, por seu turno, não aceitam o propósito da administração «de fazer depender o início das negociações de outras questões prévias».

FESAP entregou carta-aberta aos deputados

Os dirigentes dos sindicatos que constituem a Frente Sindical da Administração Pública (FESAP) concentraram-se ontem frente à Assembleia da República a fim de entregarem a cada deputado uma carta aberta na qual é contestada a imposição do tecto salarial e se pede aos deputados que assumam as suas responsabilidades por forma a serem introduzidos na proposta de lei do OGE os mecanismos que impeçam o Governo de degradar ainda mais o poder de compra dos trabalhadores.

Segundo uma nota daquela frente sindical, «apesar das dificuldades levantadas pelo presidente da Assembleia da República e de a PSP ter expulso do interior do edifício do Parlamento alguns dirigentes da FESAP, o referido documento foi entregue à maioria dos deputados e aos membros do Governo».

Na referida carta, além de ser criticado o «comportamento antinegocial do Executivo», são também apontadas as «contradições verificadas entre o programa do Governo e a proposta de aumento de 15 por cento para os trabalhadores da Administração Pública».

Função Pública de Évora

Também os trabalhadores da Função Pública de Évora tomaram posição contra as medidas preconizadas pelo Governo Balsemão para o sector. Efectivamente, refere que um comunicado distribuído por aqueles trabalhadores, «o Governo pretende tornar os funcionários públicos no bode expiatório da sua política económica e negar o seu direito à contratação colectiva». Quanto às suas condições de vida afirmam que irão ser agravadas devido à imposição de uma «massa salarial de apenas 15 por cento e a aplicação, já a partir de Janeiro, dos impostos profissional e complementar sem prévia clarificação dos mecanismos de compensação».

Açores

O Sindicato da Função Pública da zona sul e Açores tem, a partir de hoje, em Ponta Delgada, o seu primeiro secretariado das Ilhas de S. Miguel e Santa Maria. Eleito pela lista afecta à CGTP-IN, o secretariado é coordenado por Mendonça Pacheco.

No dia 4

Camionistas podem bloquear acessos a Lisboa

Um plenário de camionistas realizado no passado domingo, em Leiria, decidiu bloquear, no próximo dia 4, de Janeiro os acessos a Lisboa, caso sejam goradas as negociações para a obtenção das licenças de longo curso por que lutam desde meados de 1980.

O plenário que contou com a presença de cerca de meio milhar de camionistas, aprovou também a realização na próxima segunda-feira de uma marcha lenta «de aviso» sobre os acessos a Lisboa para onde convergem de madrugada, a partir de vários pontos do País.

A concessão de licenças até 100 quilómetros foi prometida pelo secretário de Estado dos Transportes Internos. Segundo um porta-voz dos camionistas, o «secretário de Estado garantiu verbalmente essa concessão como primeiro passo para as licenças de longo curso, mas, até agora, não vimos nada».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

1 Publicação

No dia 4 de Janeiro de 1982, às 9,30 horas, neste Tribunal Judicial, nuns autos de Carta Precatória vindos do 6.º Juízo Cível do Porto, e extraídos de Execução Sumária que Indofil-Sociedade Industrial de Filmes Plásticos, SARL move contra INTAURO-INDÚSTRIA DE ARTIGOS DE VIAGEM TAURO, LD.ª, com sede em Abóboda, desta comarca, há-de ser posto em praça, pela segunda vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido, sobre metade do preço da avaliação, uma máquina de coser mala — 1.604-K.

Cascais, 25/11/981
O JUIZ DE DIREITO,
(Rui de Almeida Mira)
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(José Luís Alves Madeira)

CML

proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 327
REFERENTE A DEZEMBRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saude e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver

Director e Proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI

- No Passado — Hipócrates fundou a «Escola Hipocrática»
  No Presente — Dr Colucci pretende fundar a «Escola Colucciana»
- A propósito de recentes declarações prestadas pelo Ministro dos Assuntos Sociais
  Porque não se dá uma oportunidade a Medicina Natural?
- Os doentes insurgem-se contra a passividade Governamental em materia de Saude
- Natal de Esper[illegible]
- Uma lição mes[illegible]a para médicos e doentes
- Conselhos para eliminar o ácido urico
- Curar o cancro? sim, mas
- 10 Técnicas para 3 curas Naturopaticas
- Osteopatia um mal de muitos
- O Controle do alcool
- Cuidado com o colesterol e a saude
- O Mundo maravilhoso das vitaminas
- Os nossos amigos — os frutos e os legumes
- Etc . etc

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS A ESTA ADMINISTRAÇAO

RUA ANTERO DE QUENTA[illegible]

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO, ESCRITÓRIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE COIMBRA

Trav. da Rua Nova, 1-1.º — Apartado 146
Telefs. 2 42 75/2 60 96
3002 COIMBRA CODEX

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

QUARTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO, ÀS 21.30 HORAS NA SEDE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO CENTRO

Convocatória n.º 11/81

Nos termos do n.º 1 do Art.º 44.º e dos n.ºs 1 e 2 do Art.º 62.º e para os efeitos da alínea j) do Art.º 44.º dos Estatutos convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL DO SINDICATO para reunir ordinariamente em plenário no próximo dia 30 de Dezembro de 1981 pelas 21.30 horas na Sede do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro, à Rua Simões de Castro, n.º 159-1.º, em Coimbra com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: Apreciação e deliberação sobre o orçamento proposto pela Comissão Directiva para o ano de 1982.

Coimbra, 15 de Dezembro de 1981

NOTA: A proposta de orçamento para 1982 enviada a todos os delegados sindicais está à disposição dos associados na sede do Sindicato e na Delegação da Figueira da Foz.

Pel'A Comissão Directiva
Abílio José Durão Soares

DESPORTO

MICROSCÓPIO

Hóquei excursiona

Vai a caminho da Holanda, a selecção de Lisboa de hóquei em patins na categoria de juvenis, que irá representar Portugal na Taça da Europa daquele escalão etário, que se disputa na cidade de Haia. A equipa, que foi seleccionada por José Lisboa, é composta pelos seguintes jogadores: Vítor Silva (Paço de Arcos) e Paulo Morte (Parede), guarda-redes; Nuno Martins (Parede), Campão (Parede), Vaz (Paço de Arcos) e Barroso (Campo de Ourique), defesas e médios; Baptista (Paço de Arcos), Albuquerque (Campo de Ourique) e Garção (Alenquer).

A prova decorrerá de amanhã até domingo.

Ordem dos jogos: Portugal-Inglaterra (11.45); Portugal-Itália (15 h) e Portugal-RFA (19 h); Sábado, Portugal-Bélgica (12 h) e Portugal-Suíça (21.45); domingo, Portugal-Holanda (16.30) e Portugal-Espanha (20.45).

Fernando Couto: benfiquista vence no Porto

Paranhos para o Benfica

Fernando Couto (Benfica) venceu a 24.ª edição da «Volta a Paranhos» em atletismo, que reuniu 550 atletas de 30 clubes. Couto (23 anos) que este ano ingressou no Benfica depois de ter representado o F.C. Porto e Espinho, gastou o tempo de 27.20,4 minutos para os cerca de 9000 metros do percurso.

David Tavares (Espinho) classificou-se em 2.º lugar (com 27.02,9 minutos) ficando o seu companheiro de clube José Paiva, na 3.ª posição (27.23,8 minutos). Rui Pinto (Salgueiros) obteve o 4.º posto (27.25,2) e Mário Silva (Malas Ferreira) ficou no 5.º lugar (27.33,8).

Outras classificações: 6.º Manuel Leite (Salgueiros). 27.36,2; 7.º Fernando Marinho (Salgueiros), 27.41,4; 8.º António Monteiro (INATEL) (27.47,9); 9.º Bernardino Pereira (Salgueiros) 27.50,3 e 10.º Manuel Paiva (Espinho) 27.51,9.

Nacional de basquetebol

Ginásio Figueirense: único vencedor fora

O Barreirense, que há três dias cometeu a proeza (relativa) de vencer o F.C. Porto («guia» legítino do «nacional» da 1.ª Divisão de basquetebol), foi ontem copiosamente batido pelo Benfica, que, por sua vez, tem feito uma prova irregularíssima, com a atenuamente de há vários jogos (como ontem aconteceu) não poder contar (devido a lesão) com o norte-americano Reffrige. Mas a resistência dos barreirenses foi efectivamente muito fraca e os lisboetas puderam concluir vitoriosos com «centena», o que já não estava muito nos hábitos dos comandados pelo prof. Eduardo Monteiro.

Nas Antas, o F.C. Porto dominaria, igualmente com «centena», o «arrumadinho» conjunto da Ovarense, prosseguindo no comando da prova. Em Alvalade, o Sporting «vingou-se» com juros da derrota na 1.ª volta, frente ao Atlético. O Sangalhos bateu (com dificulddes que não eram de prever) o CAC e, no outro jogo da jornada, o Ginásio Figueirense tornou-se o único visitante vitorioso: frente ao Olivais, de Coimbra.

As equipas do Olivais, CAC e Ovarense irão disputar a série dos últimos na fase a seguir, enquanto as restantes participarão numa «poule» de oito, que qualificará os quatro primeiros: os que, em dois fins-de-semana, discutirão o título.

A calma teima em andar arredia das quadras do basquetebol cabendo agora ao Ginásio, embora precipitadamente, conhecer os rigores da falta de disciplina: o jogador Lita e o técnico adjunto, António Azevedo foram expulsos das quatro linhas, em jogo morno e sem incidentes.

Entretanto, no próximo fim-de-semana (sábado e domingo) realizam-se os jogos correspondentes às duas últimas jornadas desta fase.

Resultados: Olivais - Ginásio, 74-89; Sporting - Atlético, 92-83; F.C. Porto - Ovarense, 120-74; Sangalhos - CAC, 67-62; Benfica - Barreirense 102-61. Descansou o Queluz. Pontuação: 1.º F.C. Porto, 18 jogos e 33 pontos; 2.º Sporting, 19-33; 3.º Atlético, 19-32; 4.º Benfica, 18-31; 5.º Ginásio, 18-30; 6.º Barreirense, 18-29; 7.º Sangalhos, 18-26; 8.º Queluz, 18-24; 9.º Ovarense, 19-21; 10.º CAC, 18-20 e 11.º Olivais, 18-20.

Bibliografia desportiva

Rui Silva: "Futebol Sua grandeza e seus dramas"

Periodicamente, uma fatia do trabalho de Rui Silva aparece em livro, entra na nossa biblioteca, licenciado em Educação Física, ex-futebolista profissional, treinador com passagem por diversas colectividades de plano cimeiro, Rui Silva é um homem permanentemente inoculado no mundo que o transportou para a popularidade. A sua longa experiência, o seu afã de estudo, a frontalidade com que disseca casos que desfilaram a seus olhos, concede-lhe preponderância entre muitos dos seus pares, em especial porque (insatisfeito) procura em cada dia novos motivos de ligação com o futebol, sua paixão.

Nesta obra agora editada (com prefácio de Manuel Sérgio) afloram capítulos merecedores de mergulho pleno dos adeptos da bola: casos de esboço da evolução histórica do futebol, da orgânica do jogo, do valor social e das positivas repercussões do futebol. Por seu turno, a face negra do espectáculo-rei também tem ensejo de mostrar-se, ainda que (em qualquer dos topos) o mais apaixonante dos jogos tenha sempre para contar novas facetas: muitas a merecerem aplauso, outras destinadas futuramente à mais severa apreciação.

«Futebol, sua grandeza e seus dramas» surge, no panorama pouco preenchido mas muito ávido do desportista, como uma fatia de cultura para o seu debruçar. Rui Silva, personalidade culta do Desporto português, justifica autenticamente o melhor aplauso por não querer entrar na rotina ou ficar no percurso até à grande escalada da opinião pública. Este seu livro é mais uma preciosa etapa no rumo de inocular nos aficionados pelo futebol um espírito mais desportivo, mais são, mais belo. Até por isso ingressa na pequena galeria que justifica inteiro aplauso.

"Enciclopédia Mundial de Futebol"

Magnífica obra: qualquer adepto do futebol terá de (incondicionalmente) tirar o chapéu a esta **Enciclopédia Mundial** que a Livraria Bertrand, numa iniciativa da mais vasta latitude e dm mais franco interesse, resolveu colocar ao alcance do público português.

Aquando do seu lançamento tivemos ensejo de fazer a aposta: e ela está prolongada, com todo o aplauso, nos números 3 e 4 desta **Enciclopédia Mundial de Futebol** que promete (gradualmente) atingir o zénite da nossa curiosidade e absorção de leitura, tal o modo suave e alegre como encaminha a narrativa e as diferentes incidências dm jogo-paixão até aos degraus de acesso aos nossos dias.

O Campeonato do Mundo (Uruguai, Itália, França: todo o período entre 1930 e 1938) é o

Continua na pág. 19

Hóquei: Porto-Sporting vai fazer correr tinta

A direcção da Federação Portuguesa de Patinagem decidiu suspender a homologação do jogo FC Porto-Sporting, da 2.ª mão da Taça de Portugal de hóquei em Patins, que os portistas venceram por 4-0. A FPP ordenou a instauração de um inquérito às ocorrências verificadas antes do início do encontro disputado no sábado, que culminou com a agressão a vários jogadores e dirigentes leoninos, tendo dois deles (Sobrinho e Realista) ficado impedidos de dar o seu concurso à equipa.

Os dirigentes federativos deliberaram ainda suspender preventivamente (para o escalão etário de seniores) o rinque do Futebol Clube do Porto. A Taça de Portugal, cuja 1.ª mão da final estava inicialmente marcada para o dia 19, foi igualmente suspensa até conclusão do inquérito às ocorrências, o que deverá efectuar-se no prazo de 30 dias.

Placard

Clube Nacional de Natação

Na secretaria do Clube Nacional de Natação (Rua das Gaivotas, 2, Lisboa) estão abertas as inscrições nas aulas de natação para os II Cursos de Inverno, que vão processar-se em Janeiro, nas piscinas do Areeiro e Penha de França (cobertas e aquecidas).

Ano zero

Por mais que me digam em contrário, este foi mesmo o ano em que, desportivamente, Portugal não deveria ter saído de casa. Ainda houve uns lampejos de Mamede e Joaquim Agostinho, mas até esses ficaram nas covas, talvez para não perturbarem o total fracasso de representações que, partindo com vela aberta a todo o pano, voltaram a remos, bússula perdida e esperanças afogadas.

Aconteceu com o futebol: de grande gala, tombámos (brusca mas logicamente) na mediania mais incontestada, seja a nível de selecções dos mais variados escalões etários até símbolos clubistas, somente nos continuando valente o Futebol Clube do Porto (na «Taça das Taças») para um pequenino sonho latejar.

Aconteceu no andebol, com uma formação demoradamente treinada, lançada e propagandeada à boa maneira do **marketing** norte-americano, envolvida num campeonato que (até por decorrer portas adentro, em ambiente de euforia) certamente estava atapetado para um brilharete. Resultado: se não tivéssemos, para além da hora prevista, batido os simpáticos mas incipientes nipónicos, éramos mesmo os piores de 16.

Acontece também com o hóquei patinado, em que já fomos reis e senhores. Sobre as pequenas quatro rodas, era tudo cá com a gente. Agora, é o que se vê: ficar em 2.º lugar já é motivo para festa. Porque, a nível mundial como simplesmente europeu, não podemos aspirar a melhor: o golpe impressionante sofrido pelos leões em Barcelona, mesmo colocando no favorável prato da balança o espírito anímico do «cinco» de Alvalade, após os vergonhosos incidentes nas Antas, não explica tudo. Claro que a falta de elementos-base e a quebra física provocada na infeliz deslocação ao Norte, logo reduziram a nada o potencial verde-branco na esgrima com os catalães que já se tinham dado ao luxo de, em Alvalade, vencer convincentemente e arrefecer (diluindo-o) o calor da multidão.

Não restam dúvidas: este foi o ano quase zero do Desporto português. Salvaram-se algumas boas intenções e os costumados projectos para o futuro.

NEVES DE SOUSA

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 18 DE 20. DEZEMBRO.

A Comarca de Arganil, 122 221 111 1xx1; Rádio Totobola, X2X 221 211 1221; Correio de Coimbra, X12 221 X11 1X11; Correio do Vouga, 122 221 X11 1221; Defesa de Espinho, 122 X21 21X XX1X--Diário de Coimbra, 1XX 121 X11 111X; Diário de Lisboa, 12X 221 21X 12X1; Ecos do Cacia, X22 221 21X 12X1; Estrela da Manhã, X22 221 X11 1XX1; Eu Sei Tudo, 12X 212 X11 112X; Folha do Domingo, 122 222 111 11XX; Gazeta das Caldas, 2X2 12X 211 X2X2; Jornal da Beira, 122 221 X11 1111; O Jornal de Felgueiras, 111 X21 21X 1X11; Jornal de Santo Tirso, X21 X21 X21 11X1; Jornal de Sintra, 1XX 221 111 1XX1; Jornal Linhas de Elvas, 12X X2X 111 X222; Litoral, 121 X2X X11 1221; Maria da Fonte, 122 221 211 1XXX; O Norte Desportivo, 122 221 X11 XXX2; Notícias de Chaves, XX2 221 211 122X; Notícias do Douro, 1X2 X21 X11 1221; Notícias de Felgueiras, XX1 X21 X1X XX11; Notícias de Gouveia, X22 221 121 1111; Jornal à Ordem, 1XX 221 121 X21X; Rádio Altitude, 122 221 X11 1X11; Reconquista, 121 222 111 12XX; RDP/Secção Desportiva, 12X221 X11 X211; Jornal a Voz das Beiras, 222 22X 211 1X11; RDP/Centro--Diário Desportivo, X22 22X 211 1211; A Voz do Domingo/Coluna Desportiva, X2X XX1 111 11XX; Voz de Lamego, 122 X21 111 11X1; A Voz de Palmela, X21 XX1 111 1111; Grafanola Ideal, 12X 121 XX1 11X2; A Voz do Domingo/Palpitações, 12X X2X X11 11X1; Rádio Renascença/Secção Desportiva, 121 121 112 11X1; Rádio Renascença/Música e Não Só, 112 XX1 211 2111; Notícias de Évora, 1X1 X21 111 1XX1; Jornal da Graça, 122 221 111 1111; A Voz dos Ridículos, X22 221 211 XXX1; Estúdio 64, 111 111 111 1111; Rádio Placard, X21 X21 1XX 2X12; Jornal de Gaia, 12X 221 X11 XX21; Manchete Desportiva, X22 X21 211 1X2X; Penalti, 122 121 211 12X1; O Comércio de Leixões, 122 221 X12 1X12; Jornal Porto, 121 121 1XX XX11; Alvo Desportivo, XXX 221 X1X 1XXX; Jornal de Notícias, 12X X21 111 1XXX; O Primeiro de Janeiro, 222 221 211 X2X1; Quadrante Norte, 122 221 211 1X22; Rádio Alvo, 121 X21 X1X 11XX; Repórter do Dia, 122 X21 211 1111; Resenha Desportiva, X22 X21 X11 12X1; Jornal a Voz do Ave, 121 221 111 XXX1.

	F	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
		1	X	2				1	X	2 a)	
1. PORTIMONENSE - SETÚBAL		36	16	3				8	3	1	
2. P. FERREIRA - BRAGA		4	9	42				1	2	9	
3. LUSITANO - A. VISEU		13	14	28				3	3	6	
4. SALGUEIROS - RIO AVE		7	19	29				2	4	6	
5. U. LAGOS - BOAVISTA		2	3	50				1	1	10	
6. BRAGANÇA - NAZARENOS		46	6	3				10	1	1	
7. LEÇA - SANJOANENSE		17	20	18				4	4	4	
8. COVILHÃ - U. TOMAR		50	3	2				10	1	1	
9. P. [illegible] - C. PIEDADE		44	8	3				9	2	1	
10. [illegible] - U. LAMAS		41	12	2				8	3	1	
11. REDONDENSE - B. C. BRANCO		17	23	15				4	5	3	
12. CAMPINENSE - SACAVENENSE		20	25	10				4	6	2	
13. LIMIANOS - ALMADA		34	13	8				7	3	2	

a) - Nos termos do Art? 14?. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :

122 221 x11 1xx1

DESPORTO

Particular mas a doer:

Bulgária, 5-Oliveira, 2

Oliveira marcou os dois golos do grupo português que perdeu com a Bulgária, em Haskovo, por 5-2, num encontro particular de futebol. O médio sportinguista inaugurou e fechou o marcador (aos 11 e 88 minutos), mas não evitou que a denominada **selecção portuguesa** sofresse pesada derrota. Irrefutável em qualquer prisma de observação.

Cinco minutos depois do golo de Oliveira, Yonchev foi derrubado em falta na área e Zdravkov igualou de grande penalidade. A Bulgária colocou-se em vantagem (aos 20 minutos) num lance de infelicidade para Dito, que introduziu a bola na própria baliza, depois de o esférico ter embatido na barra e ressaltado numa perna de Zdravkov. Yonchev aumentou para 3-1 com um violento remate ao ângulo direito da baliza de Bento (aos 23 minutos) elevando o mesmo Yonchev para 4-1 (aos 48). Aos 71, Zdravkov fez 5-1, a passe de Tapouzakov. O 2-5 de Oliveira foi (mais uma vez) obra do talento do jogador.

Sob o comando do checoslovaco Gregor, alinharam:

Bulgária: Velinov (Doney, 81); Nikoloy (Tsvetanoy, 81), Baleivski, Iliey e Zdravkov; Yonchev (Tapouzako, 60), Spassoy (Subotinoy, 54) e Vulchey; Markoy (Sadukoy, 37), Mladenoy e Blangev.

Portugal: Bento; Gabriel, Simões (Xavier, 46), Dito e Lima Pereira (Álvaro, 46); Shéu (Jacques, 46), Ademar e Romeu; Manuel Fernandes (Nené, 76), Oliveira e Costa.

Sporting desmente

O Sporting desmente, pela boca do dr. Sousa Marques (director do Departamento de Futebol) qualquer interesse no vimaranense Gregório Freixo como no madeirense Eduardo Luís. A notícia é vinculada por «A Bola».

Castigos, castigos

Nos castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina da FPF, em referências aos jogos do passado domingo (no que diz respeito aos encontros da 1.ª Divisão) foram punidos os seguintes jogadores: com três jogos de suspensão, Romeu (FC Porto); com um jogo, Diamantino (Boavista); Gomes e Amândio (União de Leiria), Hélder (Amora), Carlos Xavier (Sporting) e Duarte (Rio Ave). Ao Clube Desportivo Os Oliveirenses, de Fajá de Cima, (Ponta Delgada) foi mandado instaurar processo disciplinar e o seu campo interditado preventivamente.

Oliveira: «desta vez, servi para a opção de Juca»

Amora suspende

Inesperadamente (ou talvez não) o Amora suspendeu dois futebolistas profissionais: Quim Zé e José Domingos. Simultaneamente a provável rescisão do guarda-redes Jorge parece ponto assente.

Calendário muda

Foram antecipados para sábado os seguintes jogos da **Taça de Portugal, às 15 horas:** Leça -Sanjoanense e Salgueiros - Rio Ave. **III Divisão, ás 15 horas:** Prado - Ribeirão (jogo de repetição). **Juniores, às 15 horas:** Abambres - Cirandela, Vila Real - Tirsense, FC Porto - Sp. Espinho, Estarreja - Boavista, Lusitano de Vildemoinhos - Sanjoanense, Canas de Senhorim -Vilar Formoso, Estrela de Portalegre - Campomaiorense, Sporting - Montijo, Atlético - Belenenses, Amora - Torralta e Quimigal - Lusitano de Évora; **às 15 e 30:** Anadia - Fiais da Telha e Vitória de Setúbal - Desportivo de Beja.

Alterações relativas aos jogos do próximo domingo na **Taça de Portugal, às 15 horas:** Campinense - Sacavenense, em Sacavém, pois o Campinense tem o seu campo interditado. **Juniores, às 10 e 30:** Olivais e Moscavide - Benfica.

Jogos da jornada de 27 deste mês antecipados para o próximo domingo e referente à **II divisão, às 15 horas:** Águeda - Guarda. **III Divisão, às 15 horas:** Vilaverdense - Mirandela, Anadia -Tondela e Penalva do Castelo -Lusitano de Vildemoinhos.

Jogo marcado inicialmente para 3 de Janeiro e também antecipado para o próximo domingo: na **III Divisão, às 15 horas:** Marialvas - Alcains.

Reservas lisboetas

Prosseguiu ontem à noite o torneio de reservas da Associação de Futebol de Lisboa, tendo o Belenenses vencido o Sporting por 2-1 (no Restelo), e o Sacavenense derrotado o Estoril por 3-1 (em Sacavém). O jogo Benfica - Estrela da Amadora realiza-se hoje, às 21 e 30, no campo dr. Simões Alves (em Algés).

Belenenses: juniores óptimos

Belenenses e Benfica empataram a zero golos, em jogo atrasado da 11.ª jornada da série E (Zona Sul) do Campeonato Nacional de Juniores. Com este empate, o Belenenses continua (ao fim de 11 encontros) sem sofrer um único golo.

Espanha, «adiante»!

A Espanha venceu a Bélgica por 2-0 (jogo de preparação para o Mundial-82) em Valência. Ambos os tentos foram apontados pelo avançado centro, Satrustegui.

O fim da macacada

O trivial: o árbitro checoslovaco Gregor foi um «patife» que só marcou faltas contra os portugueses e validou tudo o que irregularmente (é óbvio...) chegava até junto das nossas redes.

Depois temos o caso do tempo: ou está quente de mais, ou faz frio a dar com um pau. Desta feita parece que estava assim assim o que, como todos sabem, só prejudicava a nossa rapazlada.

Houve também a falta de treinos, a falta de estágios, a falta de adequada planificação da viagem. E o impressionante acaso: logo depois de concluírem jogos pelos seus clubes, no último domingo, vários convocados setiram mazelas, lesões e toques em tal quantidade que mal tiveram tempo para telefonar a dizer que não contassem com eles. E até houve quem nem sequer tivesse três escudos e meio para dar o recado.

A pouca sorte foi de todo o tamanho: não se conseguiu contar com Alves, Humberto Coelho, Chalana, Jordão, Eurico, Pietra, Nogueira e José Luís. Por motivos diferentes, também foi impossível a comparência de Eusébio ou Travassos ou Matateu no Estádio de Hascovo. Mais um nadinha e era preciso que o roupeiro ou um dos três jornalistas que fizeram a viagem calçassem botas e fossem também experimentar habilidades. Para que o técnico Juca (pomposa ou tardiamente?) **tirasse conclusões**, como afirmou para o nosso colega Homero Serpa (de «A Bola») talvez perante o sorriso condescendente ou trocista de quantos já há muito tempo sabem que o seleccionador tem os dias mais que contados e que até a própria Federação não nega que já fez abordagens para a sucessão, nada ligando ao que pode tentar preconizar um responsável com a moral à borda de água.

Já se sabe que, quando chegar à Portela de Sacavém, Juca dirá que a infelicidade continua a perseguir-nos, que os juízes só marcam penalties a favor dos adversários (a fama de que não os sabemos concretizar já viaja pelo mundo...) e de que é preciso estarem em acção grupos de BB, de esperanças, de militares, de paisanos, de juniores, juvenis, infantis e dentes de leite. Mas, só agora é que se viu isso?

Por seu lado, chateados que nem perus, os bons dos jogadores devem entreolhar-se e ficar pasmados: decerto nunca imaginaram que uma defesa apanhasse 12 golos nos três últimos jogos fora do lar e que o ataque vivesse só e simplesmente de um excepcional Oliveira que (pobre do moço!) não pode disfarçar a mediocridade atrós dos esquemas congeminados pelas altas patentes e ainda menos suprir as carências físicas de toda uma equipa arregimentada como no tempo em que, lá na minha rua, só jogava quem dava uns cobres para a bola ou quem trazia sapatos para a esfola.

É evidente que nenhum adepto, mesmo o mais irreverente ou audacioso, vai imaginar que teve alguma coisa a haver com esta clamorosa derrota o facto de os jogadores estarem **em brasa** com a Federação, por aquele **pormenorzito** dos prémios serem pequenitos, não valerem uma corrida, um salto, um esforço mais. Lógico que não cabe na cabeça de ninguém que algum dos 16 profissionais de futebol que conseguiu ser «filado» para a inacreditável viagem, algum minuto pensou em problemazito menor. A malta é **furiosa, dramática**: quer é jogar, está-se nas tintas para qualquer outro incentivo que não seja a honra de ser escolhida por Juca, mesmo quando o nome não ficou na peneira só à última tentativa, em desespero de causa.

O futebol português chegou a isto: perante um adversário que permitia toda a sorte de aventuras e substituições, toda a gama de hipóteses e tácticas, já só exporta serradura.

Eis o que resta da árvore erguida por Eusébio.

Neves de Sousa

MICROSCPIO

Ténis conimbricense

Com a desistência de Manuel Costa, na final que deu a vitória a Mário Grilo (do Ténis Clube da Figueira da Foz) terminou (em Coimbra) o Torneio de Encerramento em Ténis. A desistência de Manuel Costa quando estava a 5/1 no 1.º set, deveu-se a incapacidade física. Rui Correia e António Moura foram os semifinalistas (vencidos) de uma competição que contou com 31 inscritos, provenientes de Coimbra, Figueira da Foz, Leiria e Lisboa. Resultados nas 1/2 finais: M. Grilo-Rui Correia, 6/3 e 6/3; M. Costa-António Moura, 4/6, 7/0 e 6/4. Final: M. Grilo-M. Costa. 5/1 e desistência.

Manuel Grazina disse adeus

Foi criança na Argentina e passou aquilo que o Diabo não merece, lá por Olhão. Pescador, operário conserveiro, homem ao balcão de uma casa de pasto. Chegou a fazer o horário diário como serralheiro mecânico: mas do que ele gostava, para o que ele vivia era para a bola.

Nascido em São Braz de Alportel (em 1910) tornou-se o Mathews português, jogando futebol (oficialmente) dos 27 aos 44 anos e, porque começou tarde, nenhum seleccionador o julgava com força atlética para envergar as cores de Portugal, muito embora (temporadas a fio) a crítica o catalogasse como dos melhores médios cá do burgo.

Estreou-se com as cores do Estrela de Vendas Novas, defendeu depois a camisola do Marítimo Olhanense, esteve a um passo do Belenenses mas acabaria por se tornar uma legenda inesquecível do Olhanense, a sua maior figura de sempre.

O nome talvez nada diga às novas gerações: chamava-se Manuel Viegas Grazina, jamais sofreu uma distensão muscular mas, aos 71 anos de idade, o reumatismo derrubou o imbondeiro. Sob o estandarte do Sporting Clube Olhanense foi ontem a enterrar, no cemitério de Olhão. Era o último descendente de uma época em que o símbolo clubista pesava sobre o peito dos futebolistas.

Bibliografia desportiva

Continuação da pág. 18

tema de interesse destes mais recentes tomos de uma publicação verdadeira e autenticamente imprescindível na biblioteca de qualquer entusiasta pelo futebol. E não só: afinal, fenómeno social de todas as latitudes o futebol obriga a cuidado estudo de cada faceta, a longo exame de incidência e casos.

A **Enciclopedia Mundial de Futebol** a justificar (logicamente) o aplauso soberano do desportista comum.

«Futebol»: revista

Com uma Redacção e edição da responsabilidade integral da Federação Portuguesa de Futebol, sem jornalistas profissionais, mas apresentando um punhado de nomes salientes em diversas facetas, acaba de ser distribuído o n.º 4 (3.ª série) da revista «Futebol», que inclui textos de Mirandela da Costa, Manuel Sérgio, Bruce Ogilvie, Thomas Tutko, Lesseps Lourenço Reys, Ben Weider, A. Calligaris, Vasconcelos Raposo, José Curado, Jozef Venglos, Ian Branfoot, Tom Passey, Nicolo Caputo e Olavo Malveiro. Alguns momentos de leitura interessante a par de excessos de matérias rebuscadas no estrangeiro, quando temos por cá especialistas de idêntico interesse. De qualquer modo, um esforço para sair da pasmaceira ancilosada e sem norte em que vive o futebol português.

Revista «Atletismo»

Acaba de ser posto à venda o n.º 1 da revista «Atletismo» (publicação mensal) inteiramente dedicada a uma modalidade desportiva de plano cimeiro, que pretende abordar todos os sectores da disciplina primordial da Educação Física.

Dirigida por M. Arons de Carvalho, com a colaboração permanente de Luís Lopes, Norberto Santos, Nuno Nogueira, José e Luís Dias, a revista «Atletismo» conta com vasto leque de correspondentes e a saliente presença fotográfica dos excepcionais repórteres António Capela e Nuno Ferrari.

Neste primeiro «sprint», a revista «Atletismo» oferece ao leitor, no naipe de matérias, uma entrevista com o eng.º Correia da Cunha, análise de Moniz Pereira ao treino de Fernando Mamede, o detalhe dos máximos mundiais de Carl Lewis, um balanço do ano, a reportagem-evocação da «Meia Maratona da Nazaré» e de outras provas que se implantaram, para além de adiantar noticiário sobre as diferentes competições marcadas no calendário de Dezembro e Janeiro. O duelo Benfica -Sporting em transferências e um debruçar sobre a marcha são (igualmente) temas de interesse nesta revista a bem merecer apoio e incentivo. Para a frente, rapazes!

Colectividades

Ginásio Clube Português

Hoje, reunem-se os sócios do Ginásio Clube Português: às 20 e às 22 horas, respectivamente, para (em duas assembleias gerais) apreciarem e eventualmente aprovarem o Relatório e Contas da Gerência de 1980 e o Orçamento para o ano de 1982.

Na sua agenda

Atletismo: a partir das 20 horas de 26 do corrente, efectua-se a 3.ª «Corrida de S. Silvestre» promovida em Santarém, pelo Sindicato dos Trabalhadores de Comércio e Serviços do Distrito. Podem concorrer crianças e adultos, desde que praticamente populares.

★

Natação: «Torneio do nadador completo» a 2 e 3 de Janeiro, na piscina do Areeiro (Lisboa) Provas de 100 e 200 metros, masculinas e femininas.

★

Ciclismo: assembleia geral extraordinária da Associação de Lisboa, pelas 21 horas de 19 do corrente. Às 16 horas, igualmente de sábado, tem lugar a cerimónia da distribuição de prémios no Restaurante Caprilia (Rua Braamcamp, 22-A)

★

Boxe: assembleia geral extraordinária (para discussão dos novos estatutos) promovida pela Federação para as 16 horas do próximo sábado, na sede do organismo centralizador da modalidade.

Enciclopédia Mundial de futebol

dirija-se ao seu vendedor habitual
COMPRE JÁ!

TEATRO DO MUNDO
NA
ESTUFA FRIA
ÚLTIMA SEMANA

terramoto no chile

A EXCEPÇÃO E A REGRA

de BERTOLT BRECHT
encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT
tradução
LUIS FRANCISCO REBELLO
cenários
NUNO AMORIM
direcção musical
BERNARDINO NASCIMENTO

TODOS OS DIAS
ÀS 21.45

GRUPO DE CAMPOLIDE
TEATRO ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

PAPEIS de parede

Campanha de Outono

PAPEL
180$ ROLO

BARROS & BARROS, LDA.
R. JOSÉ DURO 22 E TEL 892057
1700 LISBOA (Alvalade)

Tribunal Judicial da Comarca da Lousã

2.ª Publicação

ACÇÃO ESPECIAL N.º 46/77 — 2.ª Secção.

AUTOR — SILVINO MARTINS NUNES — LISBOA.

RÉUS — ARMANDO PERES PACHECO CORTE REAL, morador em Avelar-Ansião e MARIA DARLINDA CARVALHO FIGUEIRA, solteira, moradora na Pensão Gare — Mem Martins — SINTRA;

Faz-se saber que pela 2.ª Secção de processos do Tribunal Judicial da comarca da Lousã, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste, citando a ré MARIA DARLINDA CARVALHO FIGUEIRA, solteira, residente em Pensão Gare, em Mem Martins, comarca de Sintra, actualmente em parte incerta, para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, a acção acima referida e o pedido de beneficiário de assistência judiciária, na qual o autor pede a condenação solidária dos réus no pagamento da indemnização de cento e setenta e três mil cento e setenta e oito escudos, em virtude do acidente de viação ocorrido no dia 16 de Abril de 1976, cerca das 19,30 horas, na Estrada Nacional que liga Avelar a Penela, junto ao lugar de Venda das Figueiras, concelho de Penela, — acção que foi proposta nos termos e com os fundamentos constantes da respectiva petição, cujo duplicado se encontra à disposição da citanda na Secretaria Judicial.

Lousã, 11 de Novembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO
José da Mota Ponce de Leão

O Escrivão Adjunto
João de Jesus Rodrigues

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

As novas peripécias dos jovens conquistadores e suas garotas ao som do Rock dos anos 50!

Gelados de Limão III

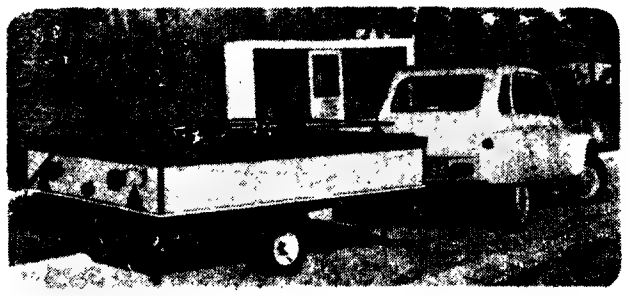
HOT BUBBLEGUM (LEMON POPSICLE III)

ZACHI NOY / YFTACH KATZUR / JONATHAN SEGAL / realiz. BOAZ DAVIDSON

CINEMA CASTIL ESTREIA HOJE ÀS 21.30 ROMA

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS FILMES OCIDENTE

atrelado PELIANTE COSTA VERDE



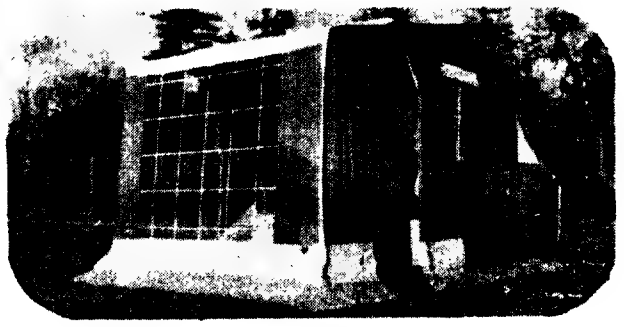
1.250$00 MENSALMENTE

MONTA-SE EM 5 SEGUNDOS FÁCIL DE TRANSPORTAR ROBUSTO E RESISTENTE

GRANDE PROMOÇÃO LIMITADA

PARA FINS SEMANA E FÉRIAS

VISITE-NOS



MOTOVELO — AV. BRASIL, 118-C — TEL. 897592
1700 LISBOA
ABERTO AOS SÁBADOS DURANTE TODO O DIA

Um ser de corpo e alma, entre o amor, as paixões, o dinheiro, o poder, a Imprensa...

ROMY SCHNEIDER

A BANQUEIRA

LA BANQUIERE

Entre duas guerras, nos anos loucos de Paris, uma bela mulher domina os destinos da Banca.

MARIE-FRANCE PISIER ◦ CLAUDE BRASSEUR ◦ JEAN CARMET
JEAN-CLAUDE BRIALY ◦ JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
um filme de FRANCIS GIROD

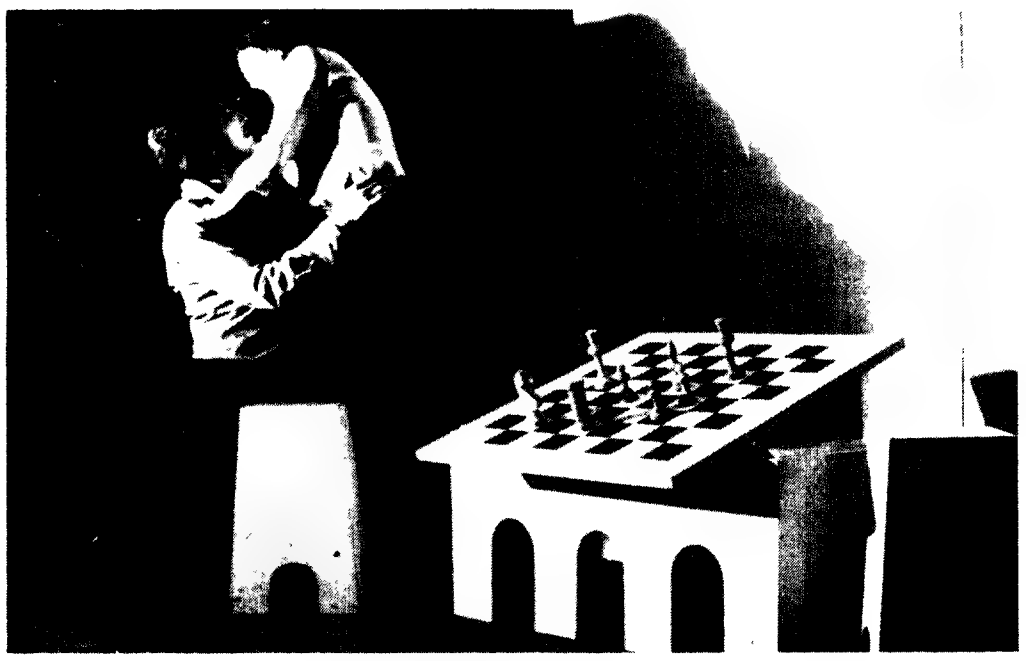
estúdio 6.ª SEMANA A PARTIR DE HOJE ÀS 21.30H estúdio 444

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS sacil

crítica de teatro

CARLOS PORTO

"Estórias" de José Viana



Teresa Roby e Jorge Nery numa cena de «Estórias de Pouca Vergonha»

«ESTÓRIAS DE POUCA-VERGONHA», de vários autores. Dramaturgia, encenação, música, cenários, figurinos e adereços: José Viana. Assistentes: Alexandre Melo e Gracindo Neves. Conjunto musical: Jorge Nascimento. Interpretação: Alexandre Melo, António Martins, Carlos Gonçalves, Dora Leal, Elisabete Logo, Gracindo Neves, Jorge Nery, José Viana, Luís Alberto, Vasconcelos Viana, Velez de Lima. Companhia de Teatro Popular. Estreia: Teatro Laura Alves. 5-12-1981.

José Viana, autor, encenador, actor, pintor quando calha e músico, persiste em abrir um espaço no espectáculo comercial para aí criar um teatro de qualidade capaz de interessar as grandes plateias. Propósito louvável, não sei se projecto utópico realizado nas condições isoladas em que o artista é obrigado a actuar (o que não significa uma censura). É que o público dos grandes centros, como parece inegável, tem o gosto pervertido por condicionantes de que é quotidianamente vítima, sobretudo tanto no que se refere ao teatro que vê como à televisão (em especial a telenovela) que lhe impingem.

Seja como for, José Viana teima em trabalhar para o maior número sem por isso lhe alienar o seu próprio gosto e a sua própria vontade, e sem que o seu trabalho seja uma teoria de alienações, como é normal. Para esta nova tentativa, Viana optou por um conjunto de histórias que se articulam em volta de alguns temas que lhe dão alguma unidade. Aliás, o próprio título é ilucidativo do teor destes textos que têm no sorriso e na melícia, ou o contrário, as armas para conquistar o público.

Desde Juan Timoneda, erudito e comediógrafo espanhol do século XVI, Lope de Rueda, Bocaccio, com três histórias, Chaucer, uma história de «As Mil e Uma Noites», e uma outra do Infante Juan Manuel (mais uma versão do famoso «O rei vai nu»,), estas histórias permitiram, umas melhor do que outras, criar alguns momentos saborosos, sobretudo em situações mais rápidas e em que as personagens surgem mais fortemente tipificadas.

O espectáculo não tem o ritmo trepidante que pede (e se calhar não poderia ter), por vezes é frouxo. Mas sobe consideravelmente sempre que José Viana está em cena. José Viana continua a ser um actor dotado de extraordinárias capacidades expressivas e comunicativas. Por vezes, é razoavelmente acompanhado por Luís Alberto, Carlos Gonçalves, Vasconcelos Viana, Alexandre Melo. Dora Leal pareceu-me menos à vontade do que habitualmente.

Espectáculo que cumpre, pelo menos em parte, a função que lhe é destinada, resta saber se será capaz de despertar um público que infelizmente permanece fechado para este tipo de teatro.

"O Rufia na Escada" estreia este mês

Especialmente interessado num tipo de teatro virado para a análise do quotidiano, em vários registos, o Grupo Teatro Hoje conseguiu alguns dos seus maiores êxitos com peças como «Feliz Natal, Avózinha» que marcou a estreia de Ivone Silva no teatro independente, «I SLAG» de David Hare, e «A Vida Intima de Laura» de Clarice Lispector, peças que, precisamente, falavam da relação existente entre o dia-a-dia de todos nós, em ambientes diferentes, e a estrutura do poder que origina e condiciona a vida do colectivo que é a Sociedade em que vivemos.

O próximo espectáculo do Grupo, é a peça «O Rufia na Escada ou Crime Passional» do inglês Joe Orton, violentamente assassinado em 1967. Orton, faz parte do novo teatro britânico que surgiu e ganhou força na década de 60, e que tinha como principal característica uma visão altamente desiludida e céptica face aos valores mais tradicionais duma sociedade que é ainda, um dos bastiões do mundo capitalista e da sua ideologia.

A personalidade de Joe Orton definiu-se num estilo fortemente satírico e agressivo. Nas suas peças todas as instituições que suportam o tipo de vida da civilização ocidental, Igreja, Polícia, Exército, Justiça, e mesmo a noção de Moral, são atingidas por um jogo verbal que, sobretudo através da violência e do cómico, visa provocar e abalar os alicerces dessa sociedade. Especialmente agressivo face à Moral, que encara como mais uma arma de opressão do Sistema contra o indivíduo, Orton, cuja homossexualidade era do conhecimento público, faz, da recusa em aceitar o código moral e sexual vigente, uma das linhas de força de toda a sua obra e todas as suas peças encontraram aquando da estreia, dificuldades, tanto com as autoridades como com a Imprensa e por vezes, até, com o próprio público. Hoje, porém, o teatro de Joe Orton é considerado como dos mais importantes e originais da dramaturgia inglesa contemporânea.

Em «O Rufia na Escada ou Crime Passional», todos os temas de que Orton trata estão presentes. Tomando como modelos, os filmes de gansters dos anos 40, o escritor parte dum enredo que tem bastante de cinema negro, para nele inscrever e desenvolver alguns dos problemas da sociedade actual. As suas três personagens debatam-se desde o início numa trama que acabará por conduzir à morte violenta duma delas.

«O Rufia na Escada ou Crime Passional», com estreia prevista para muito em breve, será apresentado em tradução de Helena Domingos, com encenação de Carlos Fernando, que também participa como intérprete, além de Fernanda Barreto e José Eduardo.

A cenografia é de Dalton Salem Asseff. A montagem de Fernando Correia. Operador de Luzes: Manuel José Alves.

Simultaneamente decorrem os ensaios de «A 135ª Mulher» original de Jean-Claude Carrière, traduzido por Filipe Jarro, que marcará a estreia como encenador teatral do cineasta Luís Galvão Teles. A interpretação está a cargo de José Ananias e Margarida Carpinteiro. O espectáculo estreará pouco tempo depois de «O Rufia na Escada ou Crime Passional». A Cenografia é, igualmente, de Dalton Salem Asseff.

Carlos Fernando e José Eduardo em «O Rufia na Escada» (foto de ensaios)

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6-3.º – Lisboa – Tel: 4 17 51

CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do estabelecido no art.º 32.º alínea a) com referência ao art.º 31.º alínea c), convoco todos os sócios deste Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 29 às 16.30 h, na sala de conferências do Hospital D. Estefânia, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciação e deliberação sobre o Orçamento Geral, proposto pela Direcção para o ano 1982.

NOTA: Esta Assembleia Geral realizar-se-á em 2.ª convocatória com qualquer número de sócios, meia hora depois da 1.ª convocatória.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1981.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(assinatura ilegível)

PUB

PRÉ-AVISO DE GREVE

Ao Ministério do Trabalho
À Associação de Empresas de Construçao e Obras Públicas do Sul (AECOPS)
À Associação dos Industriais de Construção de Edifícios (AICE)
À Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICCOPN)
À Associação Nacional dos Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP)
A todas as empresas do sector da Construção Civil e Obras Públicas

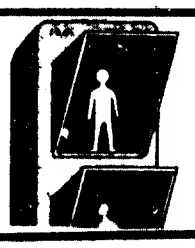
Nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 5.º da Lei n.º 65, 26 de Agosto de 1977, comunica-se que os trabalhadores das indústrias da Construção Civil e Obras Públicas realizarão uma greve geral, no próximo dia 22 de Dezembro, das 00 horas às 24 horas, em todo o território continental.

Lisboa, 16/12/81

A CNS
— Federação Nacional bs Sindicatos da Construção Civil e Madeiras;
— Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas;
— Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FESINTES);
— Federação dos Sindicatos da Metalúrgica, Metalomecânica e Minas de Portugal;
— Sindicato dos Técnicos de Desenho;
— Sindicato Nacional dos Construtores Civis

SQUARE TOLSTOI
NUNO BRAGANÇA

assírio e alvim



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular e viver

TEATRO NA CAIXA

AV. DA REPÚBLICA, 31
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS
ÀS 21,15 H.
BILHETES NO TEATRO,
NOS DIAS DE ESPECTÁCULO
A PARTIR DAS 20 H. - OU NA
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
SERVIÇOS SOCIAIS
Encenação de
Rogério de Carvalho
Cenografia de
José Castanheira

... a mais genial imagem do teatro de Tchekhov...
... um espectáculo que é uma raridade no nosso teatro...
Carlos Porto

... excepcional... criação global de qualidade rara...
... que belo espectáculo, quase um sonho...
Jorge Listopad

3.ª a Sáb. 21H30
DOM. (só 16H)

encenação HELDER COSTA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.

A BARRACA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc. n.º 139/81

Pelo 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras, 2.ª Secção na Acção de Investigação de Paternidade, movida pelo Digno Magistrado do Ministério Público contra Luís Fernando Morgado Saraiva, com última residência conhecida na Avenida Visconde Valbom n.º 38 - 2.º Esq.º, Lisboa, e actualmente residente em parte incerta, é este réu citado para no prazo de 20 dias, para contestar, apresentando a sua defesa naquele prazo, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em ser declarado pai do menor David Moller Freitas Gonçalves.

O Escrivão de Direito — (a) Moro Flores.

Verifiquei, O Juiz de Direito — (a) Verdasca Garcia.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ESPECTÁCULOS DA

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

em colaboração com a
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

6.ª-feira, 18 - 21.30 h.
Sábado, 19 - 21.30 h.
Domingo, 20 - 16.00h.
3.ª-feira, 22 - 21.30 h.
4.ª-feira, 23 - 21.30 h.
Sábado, 26 - 18.00 (a) e 21.30 h.
Domingo, 27 - 16.00 h. (a)

ROMEU E JULIETA

coreografia de GEORGE SKIBINE, música de S. PROKOFIEFF, remontagem de TONY HULBERT, realização plástica de LUÍS FILIPE DE ABREU

realização artística de ARMANDO JORGE

PREÇOS ENTRE 60$00 E 150$00, COM DESCONTO DE 50% A JOVENS E 3.ª IDADE

(a) dia 26, às 18 h. (dedicado a crianças)
(a) dia 27, às 16 h. (dedicado à 3.ª idade)

Tarde: m/ 6 anos **Noite: M/10 anos**

20.ª SEMANA

quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier
baseado na sua própria experiência

MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER

corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

O NOVO FILME DA DUPLA MÁGICA
TERENCE HILL · BUD SPENCER

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Um grande êxito de gargalhada e pancadaria!

FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO

(WHO FINDS A FRIEND FINDS A TREASURE)

com JOHN FUJOKA · LUISE BENNETT · SAL BORGESE

REALIZAÇÃO DE SERGIO CORBUCCI

A TAKE 1 PRODUCTION Inc · A WARNER BROS and COLUMBIA PICTURES Release

AVIS HOJE ESTREIA ÀS 14.45, 17.00, 19.00 E 21.30

BATALHA PORTO EM LISBOA E PORTO 14.15, 16.30, 19.00 E 21.30

POLITEAMA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE, só às 16 h

Romvlo o grande

DE
DÜRRENMATT

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
DAVID MOURÃO-FERREIRA
CENÁRIOS E FIGURINOS
OCTÁVIO CLERIGO
MÚSICA
FERNANDO GUERRA
ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO
VARELA SILVA

ANTÓNIO ANJOS ASSIS
PACHECO MARIA AMÉLIA
MATTA CARLOS DUARTE
CARLOS FONSECA BARRO
SO LOPES ANTÓNIO RAMA
ROGÉRIO PAULO ANTÓNIO
BANHA CARLOS COSTA
GERMANO MARTINHO
ETC E
RUI DE CARVALHO
NO PROTAGONISTA

Matinées a Sábados e Domingos às 16.00
Preço de 100$00 (3.º Balcão) a 200$00 (Plateia)

Redução de 50% a estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas
Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos
Descanso da Companhia à Segunda-Feira

Vem aí "O Chico Fininho"

Um filme português é sempre notícia. Porque o cinema em Portugal, por muito que exista desde o tempo dos irmãos Lumière – uma vez que Aurélio da Paz dos Reis o introduz escassos meses depois no nosso país – tem andado para cima e para baixo, por difíceis caminhos, à procura da sua identidade enquanto indústria e espectáculo. De onde uma cinematografia que nos últimos anos tem tentado superar os obstáculos refugiando-se na arte e ensaio e no cinema de autor, evitando os caminhos mais prolixos do comercial. Com este panorama não admira o aparecimento mais ou menos sebastianista dos que aspiram à reconciliação do público do país com o cinema do país.

A estreia, antes do fim do ano, do filme «O Chico Fininho», reveste-se neste contexto de alguns aspectos interessantes que gostaríamos de relevar.

Trata-se, antes do mais, e conforme já foi noticiado, de um filme inteiramente produzido no Porto, o que não acontecia desde há mais de 50 anos, quando a Invicta Film abandonou a produção. Feito no Porto, e arredores, sem quaisquer subsídios oficiais, não poderia o filme deixar de ser sobre a cidade. E sem dúvida que tem sido característico nestes últimos anos o aparecimento de numerosos músicos de Rock no Porto que depois encontraram projecção nacional, como é o caso do Rui Veloso ou dos Taxi. Sendo o filme baseado no tema da canção com o mesmo nome, não poderia deixar de focar este aspecto, tanto mais que se passa nos «meios» mais consumidores do género.

Sem pretender ser o Filme que vem **salvar** o cinema nacional, a supor que este estaria em perigo, o filme é, muito mais modesta e directamente, uma forma de abordar um lado da vida na cidade, habitualmente considerada como fazendo parte do submundo.

E para tanto, parte dos vagos elementos de identificação que já estavam na canção como numa espécie de retrato-«robot», para tentar penetrar de um modo não moralista nem – o que seria o mesmo – satírico, no perfil do personagem.

Para o fazer, mostra diversas situações com forte probabilidade de veracidade de um dia na vida do suposto Chico Fininho.

E porque este cristaliza uma franja social, mais do que um indivíduo preciso, tratou-se de procurar os traços mais nítidos dessa franja produzida nas sociedades urbanas industriais, como seja o problema do crescente desemprego dos jovens, o modo como ocupam o seu tempo, as relações de grupo, os lugares de convívio que escolhem, etc., dramatizando em algumas situações-tipo aspectos dessa realidade.

Trata-se, em resumo, de experimentar olhar para o «Chico Fininho» e para aquilo que ele representa, sem esquecer quanto há de caricatural no personagem, mas sem tão-pouco focar cego àquilo que nele é digno e positivo.

Com o «trayler» pronto – que já suscitou a surpresa de entidades oficiais – e com a cópia síncrona a ser ultimada na Tobis, este filme que foi rodado com inovações técnicas consideráveis – nomeadamente o uso do Steadicam, câmara móvel que Kubrik usou em «Shining» – está prestes a ser lançado nos écrans, seis meses depois da rodagem. O que não acontece por cá todos os dias.

«O Chico Fininho» é um filme de Sério Fernandes.

Pedro Marin: Olá, Portugal!

Na casa de Fernando Tordo («O cantador-mor») Pedro Marin voltou a estreitar relações com os órgãos de Comunicação Social, desta feita para apresentar o seu mais recente LP («Rebelde») que inclui trechos como «Cantare», «Sigueme», «No, no lo creas», «1, 2, 3», «Laura», «Baila, bailarina, baila», «Tímida», «Juke-box» e «Quein de las 100», um álbum com promoção e lançamento da Rádio Triunfo.

Pedro Marin, a trepar vertiginosamente nos «top's» de países de língua latinas, foi o criador de composições como «Que no», máximo de vendas em 1979. Agora (apenas com 20 anos), digressões cumpridas pela Argentina, Chile, França, Alemanha, Itália e Holanda, Pedro Marin surge como um eventual continuador de Júlio Iglésias nas preferências de milhares de discófilos.

Teatro da Trindade — INATEL

Apresenta

O «T.A.S. -Teatro Animação de Setúbal»

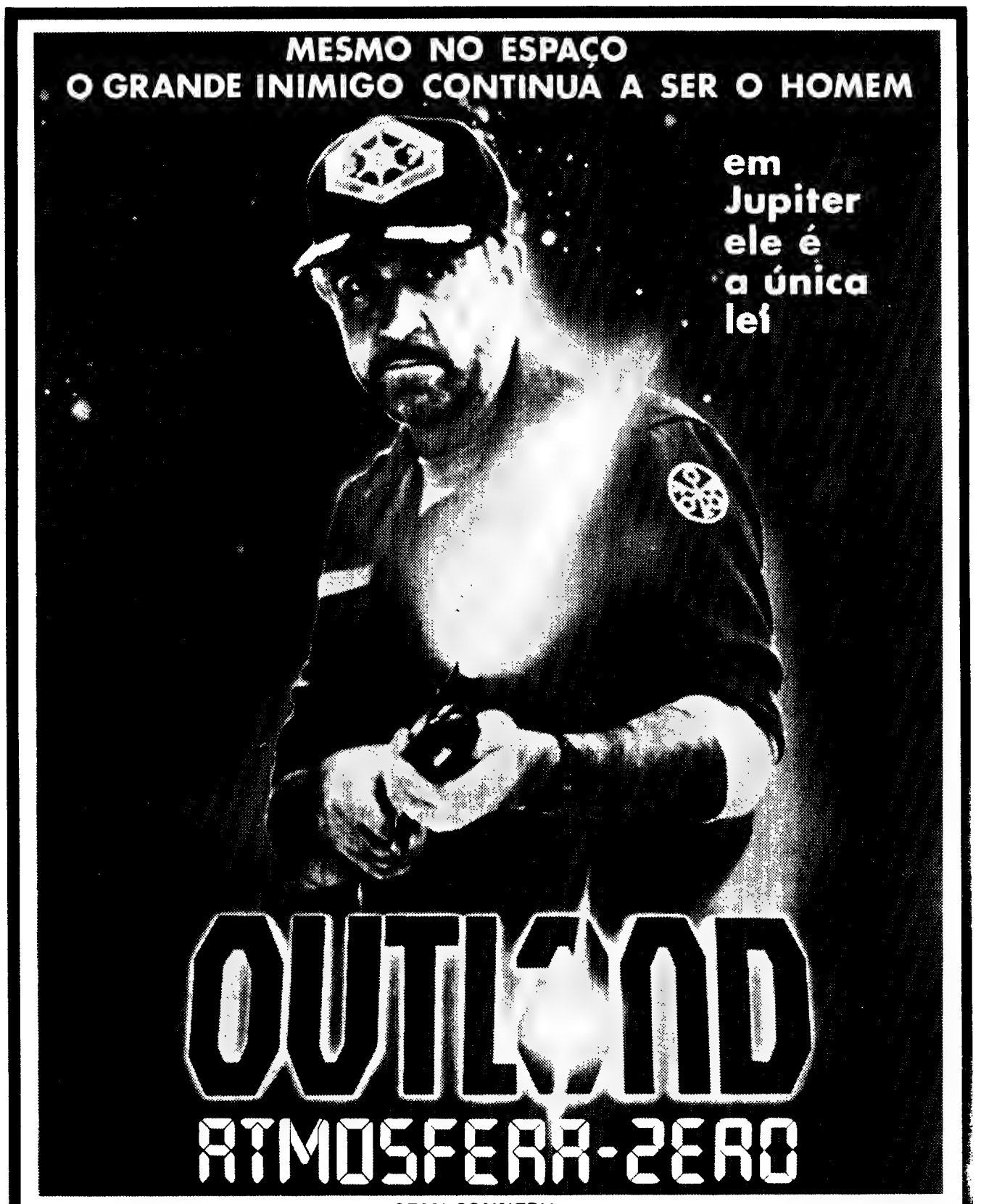
com a peça de teatro infantil

«TATIPIRUN»

A Terra dos Meninos Pelados
de Graciliano Ramos

Dezembro de 1981
Sábado, 19 e domingo, 20 às 18.30h
Terça, 22 e quarta, 23 às 16.00h
Sábado, 26 e domingo, 27 às 18.30h
Terça, 29 e quarta, 30 às 16.00h

BILHETES À VENDA
(Espectáculo para todos)



SEAN CONNERY em
"OUTLAND"
PETER BOYLE
FRANCES STERNHAGEN JAMES B. SIKKING KIKA MARKHAM
Produção de RICHARD A. ROTH Produtor Executivo STANLEY O'TOOLE
Música de JERRY GOLDSMITH Escrito e Realizado por PETER HYAMS

PANAVISION®
TECHNICOLOR®

A LADD COMPANY RELEASE
THROUGH WARNER BROS
A WARNER COMMUNICATIONS COMPANY

Copyright © 1981 The Ladd Company All Rights Reserved

TRINDADE PORTO JÚPITER SETÚBAL

ESTREIA SIMULTÂNEA EM 3 CIDADES
HOJE ÀS 21.30 H

IMPERIAL VENDAS NOVAS

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

RESTAURANTE SONICRIST

Exposição permanente de velharias e antiguidades
- Cozinha Regional
- Mariscos
- Serviços de gelados
- Grelhados a carvão

ESPECIALIDADES

- Strogonof
- Cordon bleu
- Wiener Schnitzel
- Tournedo

Rinchoa — Rio de Mouro (Junto à estação)

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 2961450
RECORTE ESTE ANÚNCIO E TERÁ O DESCONTO DE 10%

PÔR DO SOL
BENAVENTE

Faça o seu fim de ano em ambiente castiço.
Jantar ou ceia tipicamente ribatejano cantares
e danças regionais
Marque a sua mesa pelo telf: 52546-BENAVENTE

VASCO MORGADO APRESENTA

COMPANHIA DE TEATRO POPULAR

TEATRO LAURA ALVES
Metro Saldanha Tel. 86 47 56
NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 21.30
DOMINGOS E FERIADOS -MATINÉES- ÀS 16 HORAS
9 HISTÓRIAS PARA RIR!

Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro S.O.S. voz amiga

uma voz amiga estará contigo

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes
Ao conduzir um 2 rodas tenha em atenção a estabilidade do veículo e mantenha uma distância segura em relação aos outros veículos
Assinale com antecedência qualquer mudança de direcção.
Nunca circule aos ziguezagues

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

Circular é viver.

Um móvel no sapato

Até é possível no sapato do Natal.
Para isso criámos uma grande Campanha de Natal.
Escolha connosco o móvel que vai pôr no seu sapato.

um quarto de Casal S/R	16.000$00
um quarto de Criança S/R	12.000$00
um quarto de Casal Luxo	22.500$00
um quarto de Criança Luxo	18.500$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo	**45.000$00**
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo	**55.000$00**
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo	**67.500$00**
Móveis de Sala modernos	**23.500$00**
Móveis de Sala modernos	**27.500$00**
Mesa de Vidro e 6 Cadeiras	20.000$00
Jogo de Maples Veludo Luxo	23.000$00
Jogo Maples Cama Francesa Luxo	38.000$00
Jogo de Maples de Canto Luxo	25.000$00

e muitos outros modelos.
Esperamos por si até 31 de Dezembro.
Em Dezembro estamos abertos até às 21 horas e aos sábados à tarde.

DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

4 · 1000 **ALVERCA** • R Proj a Cap Meleças Lote 1 (junto as escolas)
LISBOA • Est de Benfica 174 (a 500 m de Sete Rios)
ALMADA • Av 25 de Abril 45 Telef 276 90 01
BAIXA DA BANHEIRA • R Ville Plaisir 23-B (Antiga R 5)

Seguindo a tradicional reputação da Telemec

a

MECEL

está ao seu serviço como distribuidor da aparelhagem eléctrica

Telemecanique

ESCRITORIO: Rua D. Estefânia, N.º 92-A – 1000 Lisboa
Telef: 57 14 77 • 53 73 29 • 54 21 76 • 57 13 99

ARMAZÉM: Rua Conselheiro Mariano de Carvalho
N.º 45 Arm. G - Olivais – 1800 Lisboa
Telef: 31 30 25 • 33 00 73 • 33 00 74

RN

LISBOA — CEP 10

SERVIÇO EXPRESSO «SERTÃ»

Início em 14 de Dezembro de 1981

HORÁRIO

07.45	16.30	Lisboa		10.10	20.35
08.50		Cartaxo			19.30
09.05	17.45 C	Santarém	P	08.55	19.15
09.10	17.47 P		C	08.53	19.10
	17.55	Almeirim		08.45	
	18.01	Alpiarça		08.39	
	18.20	Chamusca		08.20	
	18.32	Golegã		08.08	
09.30	Pernes			18.50	
09.50	C	Torres Novas			
09.55	P				18.30
10.25	19.00 C	Tomar	P	07.40	18.00
10.25	19.10 P		C	07.40	17.55
11.00	19.45	F. do Zêzere		06.58	17.13
11.40	20.25	C. do Bonjardim		06.15	16.30
11.55 C	20.40	Sertã		06.00	P 16.15
12.00 P					C 16.10
12.26	—	Proença-a-Nova		—	15.45
12.40	—	Sobreira-Formosa		—	15.30

(Viagens diárias)

RN

INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:
LISBOA – Gare RN — Av. Casal Ribeiro Telf 577715
PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE AS AGÊNCIAS E FILIAIS RN

Nós podemos transportar tudo (ou quase...)

Serviço Comercial da Região Centro	Lisboa 86785
Secção Comercial de Abrantes	206
Secção Comercial de Caldas da Rainha	23693
Secção Comercial de Coimbra	2206
Secção Comercial de Covilhã	24975
Secção Comercial de Entroncamento	65113
Secção Comercial de Lisboa (Rossio)	32755

Caminhos de Ferro Portugueses

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A Polónia — e o resto

1– A minha profissão não é ver TV: é sofrê-la. Por isso, qualquer dia passo a bola. Tenho currículo que bonde para entrar na folhinha dos mártires...

2 – Que eu nem preciso dela para coisíssima nenhuma. Sei, a respeito da Polónia, muito mais do que o **Telejornal**. Este ainda sabe da poda por intermédio de «um cidadão de Bona», como sorridentemente crítico, acentuou ontem o embaixador da Polónia, ou por «uma fonte de Estocolmo» ou ainda (pela minha saúde se eles não disseram isto, no **Telejornal**!) **por um homem de negócios inglês chegado a Viena, do Sul da Polónia** o qual relatou **que as tropas atacaram** e **várias mulheres ficaram com os braços fracturados...**

O tal inglês, por acaso, até acrescentou que muitos desses braços foram amputados pelo dr. Eugénio, dos «Lírios do Campo». Mas **Telejornal** omitiu o facto...

3 – A mim, quem me diz tudo sobre a Polónia é o filho docunhado do primo da vizinha do meu amigo Parsifal, que é caixeiro viajante de botões, couves lombardas, mazurcas interiores, fios de retrós e artigos similares.

Nisto de fontes de informação, o **Telejornal**, como se vê, não me leva a palma!

4 – Quanto ao **Telejornal** vejam-se os termos calmos em que a «mulher de ferro (forjado)», a Thatcher, se referiu aos acontecimentos na Polónia.Curiosamente, entretanto, quando ela falava de liberdade e direitos humanos, a câmara mostrava ao fundo o homem que pendurava ao pescoço um grande retrato de Bobby Sands...

5 – Antes de mudar de assunto: Teresa Cruz está com a voz muito rouca. Deviam-na ter poupado, depois dos últimos dias em que a usou de mais. Cuidado, olhe que a voz tanto dá, até que fura. E quando fura, perde-se a voz. Para sempre.

6 – Passei-me para a **Quarta há Noite**. Francamente, não dei a mudança por mal empregada. Era sobre a Polónia. Notícias fresquinhas e terríficas e, depois, um «filme memória» com todos os ingredientes da mentira organizada a partir de factos. Assim, a mentira costuma ser mais eficaz...

7 – Só que, «Quarta há Noite» tivera a ideia de entrevistar o doutor Eugenio Szleper. Para já, uma grande vitória polaca no nosso país: apenas em duas aparições na TV, o doutor Szleper ficou na retina do espectador. Ele possui esse misterioso «qualquer coisa», esse indiscutível sinal chamado telegenia. O dr. Eugenio Szleper tem videocarisma, essa complexa mistura de simplicidade, de fluência, de capacidade de aproximação. Ele sabe criar pontes com o espectador, e isso é telegenia.

8 – O embaixador da Polónia mostrou, sem recurso a nenhum sofisma diplomático, que o diálogo **agora**, sim, ia tornar-se possível, pois os extremistas tudo tinham feito para o destruir. No diálogo e no trabalho responsável do povo polaco assentava a renovação socialista – enquanto a acção desagregadora dos extremistas empurravam a Polónia para o caos.

9 – Na segunda parte do programa, houve debate com a participação de Nascimento Rdorigues (PSD), Vítor Hugo Sequeira (UGT) e Domingos Lopes (PCP). Refira-se que, desde que a AD tomou o poder, é a primeira vez que um responsável deste último partido vai à televisão. Uma vez, imaginem. Estão a abarrotar de pluralismo...

10 – Os factos mais evidentes deste debate tiveram cariz nacional. Propriamente sobre a Polónia, as posições eram previsíveis. Domingos Lopes expôs o seu ponto de vista sobre os acontecimentos, manifestou a sua esperança na força do socialismo para ultrapassar a crise. Mas os fenómenos não são estanques – e assim acentuava a hipocrisia dos que «defendem» os trabalhadores polacos e esqueçam o que se passa noutros países – em Portugal, nomeadamente.

Nascimento Rodrigues falou da posição assumida pelo PSD face aos povos da América Latina e outros povos. Domingos Lopes lembrou que talvez ele se estivesse a referir aos contactos do Governo com o Pinochet, aos empréstimos ao ditador chileno; à colaboração na repressão do povo de El Salvador; às armas para a África do Sul, contra Angola...

Vítor Sequeira diz que a UGT não organizrara manifestações «folclóricas» a favor dos trabalhadores portugueses («Pois não, mas organiza-as a favor de estrangeiros – recorda Domingos Lopes – e é tudo para o Walesa, nada para os sindicalistas presos na Turquia, por exemplo...») mas convocara uma greve geral...

Ai convocaram? Eu não dei por nada. Não estará o Vítor Hugo a ver fantasmas?...

11 – Domingos Lopes, com uma grande serenidade e simplicidade, dominou a situação. Nunca fez demagogia: procurou sempre a via do esclarecimento. Não perdeu um lance, nem à defesa, nem ao ataque, inclusivamente recusou-se a entrar no jogo da desinformação, numa atitude digna que o moderador, dignamente, aceitou.

12 – Sobre a desinformação, para acabar.

O telejornal afirmou que a Intersindical **considera que as decisões agora tomadas na Polónia irão solidificar o socialismo e destinam-se exclusivamente a pôr fim às acções contra-revolucionárias.**

De facto, a CGTP escrevera «**se** destinadas exclusivamente...», etc.

O corte de uma palavra. Uma palavra tão pequenina. **Telejornal** não gostou. Mas o dever de um órgão de Informação é gostar – ou respeitar?

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

MONICA VITTI
NA EXTRAORDINÁRIA OBRA DE
MICHELANGELO ANTONIONI

O MISTÉRIO DE OBERWALD

12ª

FILME DE QUALIDADE

SEMANA NO quarteto

UM MARCO NA HISTÓRIA DO CINEMA

ANTONIONI SERVE-SE DAS TÉCNICAS MODERNAS PARA REFAZER VELHOS TEMPOS. O RESULTADO É EMPOLGANTE
EXPRESSO

O MISTÉRIO DE OBERWALD É UM DAQUELES TRABALHOS QUE PEDE ADJECTIVOS NO SUPERLATIVO EM QUALQUER ABORDAGEM
DIÁRIO DE LISBOA

EASTMANCOLOR NÃO ACONS MENORES 13 ANOS

FELIZ NATAL COM OS 100 000 CONTOS
NA CASA VIOLA — LOTARIAS Lda.

Rua da Assunção, 67 Lisboa
Avenida Central, 87 Braga

JÚLIO PEREIRA

Sassetti

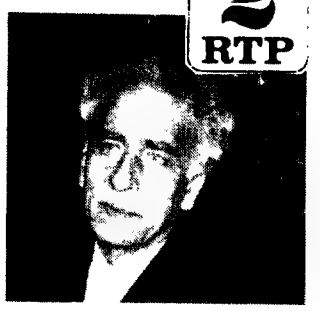
DIAP 20001

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO RUSSIO) T. 371001/2

Hoje

Na RTP-1 desta noite é exibido o 4.º episódio da série «A Segunda Oportunidade»

17.37 **Sumário**
17.42 **Tempo dos Mais Novos**
18.15 **País, País**
18.45 **Res-Pública** – Soure em foco.
19.10 **«Olhai os Lírios do Campo»** – 45.º episódio.
19.50 **O Tempo**
20.00 **Telejornal**
20.30 **Direito de Antena** – com o Sindicato Nacional de Actividades Turísticas, Confederação Nacional de Agricultura, Associação Portuguesa dos Orientadores Escolares e Associação dos Engenheiros Técnicos Portugueses (APET).
20.40 **«A Segunda Oportunidade»** – 4.º episódio.
21.45 **Primeira Página**
22.45 **24 Horas** – últimas notícias.



O programa da RTP-2 intitulado Êxitos de Ontem na RTP, é dedicado ao prof. Elísio de Moura (na foto)

18.40 **«Sítio do Picapau Amarelo»** – «A Morte do Visconde».
19.10 **Êxitos de Ontem na RTP** – biografia de Elísio de Moura. Elísio de Moura foi um homem que deixou o seu nome ligado às crianças que ele tanto amava...
19.35 **Musical Ligeiro** – programa de jazz.
20.00 **Informação/2**
20.30 **Portuguesmente Falando** – com o prof. António Freire.
21.00 **Complemento Directo**
20.00 **«O Exército Secreto»**

Amanhã

Das **13.20** às **15.20:** Ciclo Preparatório TV; **15.50:** Sumário; **15.55:**« Aventura de Pinóquio»; **18.15:** País, País; **18.45:** O Mosa e o Reno; **19.10:** «Olhai os Lírios do Campo» – episódio n.º 46; **19.50:** O Tempo; **20.00:** Telejornal; **20.30:** Direito de Antena – com STN; **20.35:** «A Balada de Hill Street»; **21.35:** Concurso Noves Fora... Nada; **22.50:** 24 Horas.

18.15: País, País; **18.40:** «Sítio do Picapau Amarelo»; **19.05:** O Mundo dos Animais; **19.30:** Jeito e Efeito; **20.00:** Informação/2; **20.30:** Ópera – «O Castelo do Barba Azul»; **21.30:** Animação/2; **22.00:** Pare, Escute e Olhe; **22.30:** O Homem é um Mundo.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

«A Segunda Oportunidade» (20.40)

Prof. Elísio de Moura (19.10)

Alem de um programa à escolha oferece-lhe

Resumo do episódio de hoje

Filipe diz a Isabel que irá morar com a filha no apartamento que ele alugou.
O dr. Seixas e Quinota são convidados para padrinhos do casamento de Ernesto e Madalena. Ângelo pede a Eugénio que lhe ofereça um corte de fazenda e o médico promete trazer-lhe no dia seguinte, de modo a poder fazer um fato para o casamento de Ernesto.
O dr. Seixas tenta convencer Ernesto a casar pela Igreja, mas o jovem diz-lhe que o não fará porque Madalena não quer. Seixas insiste, mas Ernesto encerra a discussão, recusando falar mais sobre tal assunto.

ASSISTÊNCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO Rua D. Jesus Cardia Cruz Quebrada Tel. 2112871

TEATRO MESTRE GIL
Apresenta
a revista à portuguesa

NA FILARMONICA
DA AMADORA
Rua Elias Garcia, 142 - Telef. 93 45 61

TODOS OS DIAS AS 21.30 h
DOMINGOS E FERIADOS AS 16 h
DESCANSO AS 2.ª FEIRAS

A bilheteira abre às 18 horas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO ANÚNCIO

ALÍPIO DUARTE CALHEIROS, Juiz de Direito neste Juízo Cível

Faz saber que foi distribuída à 3.ª Secção deste Juízo e sob o N.º 521, uma acção de interdição por anomalia psíquica, contra Carlota Isabel Maria de Siqueira, residente no Largo do Sequeira, N.º 7 em Lisboa, a fim de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica, requerida por sua irmã Maria Teresa de Jesus Rafael de Siqueira Cabral.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1981

O Juiz de Direito
Alípio Duarte Calheiros

O Escriturário
Manuel Gomes Ferreira

roteiro cultural

Teatro

Terramoto no Chile, o 6.º espectáculo do Teatro do Mundo que tem estado em reposição na Estufa Fria, ao Parque Eduardo VII, vai ter a sua última representação no prórimo domingo, 20 de Dezembro. Até lá, quem estiver interessado em ver o espectáculo pode fazê-lo todas as noites pelas 21.15.

«Terramoto no Chile» é uma adaptação de uma novela de Kleist, encenada por Michel Mathieu e cenografada por Roberto Moscoso. O desempenho está a cargo do elenco do Teatro do Mundo composto por António Branco, Conceição Costa Cabral, Cucha Carvalheiro, Fernanda Neves, Gabriela Morais, Jean-Pierre Tailhade, José Mário Branco, Manuela de Freitas e Teo de Carvalho.

«Auto da Índia», de Gil Vicente, vai estrear hoje, às 18 horas, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, numa montagem da Bonifrates. A encenação é de Mário Barradas e tem cenário, adereços e figurinos de João Vieira. A interpretação está a cargo de António da Mota, Eduarda Coelho, Fernando Romeiro, Gil Nave, Esabel Bilou e José Santos Silva. O espectáculo que será dirigido prioritariamente aos alunos das escolas secundárias de cujo programa de estudo faz parte o teatro de Gil Vicente, foi já solicitado por várias escolas secundárias da cidade e da região.

José Rodrigues Migueis será amanhã evocado na Associaçãm Portuguesa de Escritores

A Jornada Teatral apresentada pelo Grupo Maizum na Casa da Madeira (R. do Século, 65) termina as suas representações no próximo domingo, dia 20. O espectáculo será apresentado hoje, amanhã e no sábado às 21.30, e no domingo às 18.30 horas. Encenada por Adolfo Gutkin, a Jornada Teatral é composta por fragmentos de «A Gaivota», de Tchekov; «O Amante», de Pinter; «De Madeira», adaptação teatral de um conto de Villafañe, e «O Cabaré do Botto», dramatização de poemas de António Botto.

Cinema

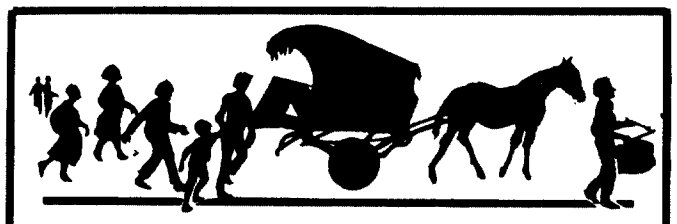
Termina amanhã o Ciclo Americano dos Anos 50 que tem estado a decorrer na Gulbenkian desde Outubro passado. Hoje, às 21.30, serão apresentados os filmes «Gata em Telhado de Zinco Quente», de Richard Brooks, e «Bruscamente no Verão Passado», de Mankiewicz, ambos a partir de peças de Tenessee Williams. Amanhã às 22 horas, passa o filme de Vincente Minelli, «Deus Sabe Quanto Amei».

O Ciclo «O Cinema e a História» termina hoje, com a exibição, no Auditório da Biblioteca Nacional, às 21 horas, do filme «A Terra da Grande Promessa», de Andrzej Wajda, seguindo-se um debate orientado por Lauro António e Jorge Custódio.

Conferências

A figura e a obra de José Rodrigues Miguéis serão amanhã evocadas pelos escritores David Mourão-Ferreira e Rafael Gomes Filipe numa sessão que irá realizar-se na sede da Associação Portuguesa de Escritores (R. do Loreto, 13-2.º), a partir das 21.30. David Mourão-Ferreira tratará «Avatares do Narrador na Ficção de José Rodrigues Miguéis» e Rafael Gomes Rodrigues ocupar-se-á fundamentalmente da parte biográfica.

O prof. Helmut Kyrieleis, que dirige o Instituto Arqueológico Alemão de Atenas, e desde 1976 as escavações no Santuário de Hera, em Samos, profere amanhã, às 18 horas, no Instituto Alemão de Lisboa, uma conferência sobre os surpreendentes achados que continuam a surgir no solo da Grécia, o país clássico da arqueologia. A conferência será ilustrada com diapositivos a cor e traduzida em simultâneo para português.



O inferno teve ordem de despejo.
E os diabos andam à solta.
veja o que acontece

LÁ NAS TRASEIRAS DO MUNDO
pelas Marionetas de S. Lourenço

HOJE ÀS 22 HORAS
SÁBADO ÀS 22 HORAS
E DOMINGO ÀS 18.30

No AR.CO R. Santiago, 18 --(ao miradouro de S. Luzia. Tel. 872749)

SUB. SEC - Não aconselhável a menores de 13 anos

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	62$60	67$60
ALEMANHA FED (marco)	28$40	29$50
AUSTRIA (xelim)	3$95	4$15
BELGICA (franco)	1$538	1$736
BRASIL (cruzeiro)	$332	$570
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	54$05	56$05
(notas de 5 a 1000)	54$55	56$55
DINAMARCA (coroa)	8$75	9$15
ESPANHA (peseta)	$629	$729
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	64$30	66$30
(notas de 5 a 1000)	64$80	66$80
FINLÂNDIA (marka)	14$75	15$35
FRANÇA (franco)	11$10	11$80
HOLANDA (florim)	26$00	27$00
INGLATERRA (libra)	122$65	126$65
IRLANDA (libra)	101$60	105$60
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$269	$304
NORUEGA (coroa)	11$15	11$65
SUECIA (coroa)	11$60	12$20
SUIÇA (franco)	35$30	36$40
VENEZUELA (bolivar)	13$10	14$10

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. - Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimaráes Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

15.30: Paralelo; **17.00**: Ovo de Colombo; **17.05**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.15**: A década prodigiosa; **20.00**: Ler, ouvir e falar - poesia, ciclos musicais; **21.00**: Educando...; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **16.30**: Cantata BWV 82, de Bach; **17.00**: Os olhos férteis; **18.05**: Poemas sinfónicos de Strauss; **19.00**: Para além da leitura; **19.45**: Concerto, em dó maior, de Leclair; **20.05**: Sonatas para piano; **21.00**: Transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera «Arabella», de Richard Strauss; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.15: Espelho meu; **15.45**: Teatro Trágico; **16.15**: Os meus segredos de cozinha; **17.03**: Todos no top; **18.08**: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3 P; **20.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**: Diversos; **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.20**: Mensagens bíblicas; **22.25**: Diálogo; **22.40**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Rolls rock; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto; **00.03**: O vapor da meia-noite; **01.03**: Encerramento. Noticiário de hora a hora

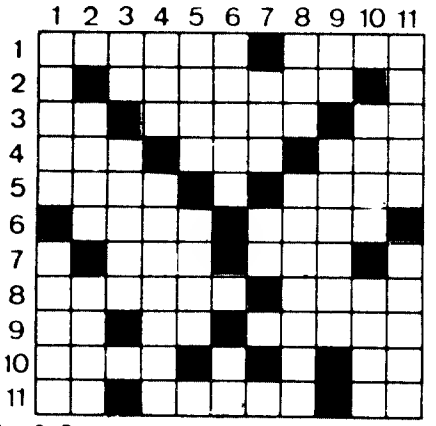
RÁDIO RENASCENÇA

15.30: Três vezes seis; **16.30**: Aqui e agora; **17.30**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.25**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Revista de Imprensa; **20.30**: Dê no vinte; **21.00**: Discos LAR; **21.30**: Diálogo e vida; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Bola branca (2.ª edição); **23.00**: O que fica do que passa; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30.**

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 305



HORIZONTAIS

1 O mesmo que crinolina (pl.). Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
2 Brejeira.
3 Ondas curtas. Preparar com ópio. Mulo.
4 Rente. Fruto da ateira. Ecoa.
5 Mãe de Ismael. Aquele que.
6 Arão (jarro) Árvore de grande porte.
7 Negativa. Prefixo que designa ar.
8 Acarreta. Ramalhete.
9 Isolado. Seguia. Rodar.
10 Planta têxtil do Ceará. Ruim.
11 Em partes iguais. Tempo do verbo ser Artigo definido.

VERTICAIS

1 Lastima. Invólucro.
2 Invisual. Enrubesce.
3 Prefixo de negação. Ronha (do cavalo)
4 Recusa. Saírias frequentemente à rua.
5 Lança o arpéu a. Apelido.
6 Mata de castanheiros. Centímetros.
7 Sede de concelho ou de julgado (ant.). Basta!
8 Cidade da Ucrânia. Tencionavas.
9 Carta de jogar. Bater.
10 Triturai. Suga o leite materno.
11 Recuam. Mulher do filho em relação aos pais dele (pl.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 165

HORIZONTAIS

1 Içai. Gritas.
2 Capital do Senegal. Rezo.
3 Em mais alto grau. Remam para trás.
4 Antes do meio-dia. Nome de letra. Nota musical.
5 Ilha e cidade perto da península de Malaca.
6 Ecoo. Levante. Bário (s.q.).
7 Vila e concelho do distrito de Aveiro.
8 Animal doméstico. Sugaras o ieite materno.
9 O sono das crianças. Porção de peixe que se vende em leilão.
10 Sulcos. Muito.
11 Criminoso. Esmoncam.

VERTICAIS

1 Equipas. Repetir.
2 O mesmo que perda.
3 Acrescentei. Dito. Estrépito de desmoronamento.
4 Seguias. Distrito da ex-Índia portuguesa. Pronome pessoal.
5 Miriare. Antiga unidade monetária da Alemanha. Gálio (s.q.).
6 Botequim. Estacionamos.
7 Érbio (s.q.). Saltem. Abreviatura de Santíssimo.
8 Lugar onde há cerejeiras.
9 Rata. Perfume.
10 Terra nova e arroteada de fresco. Peixe do Algarve.
11 Adicionara. Vai para fora

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 304

HORIZONTAIS:
1 Atearas.
2 Arrás. Mamo.
3 Réu. Cai. Sem.
4 Gr. Moiro. Se.
5 O. Terreal.
6 Cr. Mios.
7 Crer. Obas.
8 HOMEM. Ode
9 Ega. Em. Ia.
10 Gera É. Rada
11 Acaso Prosa

VERTICAIS:
1 Pargo. Chaga.
2 Rer. Cró. EC.
3 Aru. Tremera.
4 Ta! Regas.
5 Escora. Má. O.
6 Air.
7 Irem. De.
8 Am. Oaio. Mar
9 Sás. LOBO. DO.
10 Mês. Sadias
11 HOMEM Seara.

PROVÉRBIO O homem é o lobo do homem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 164

HORIZONTAIS:
1 Camas. Maura.
2 Acerar. Irás.
3 Todas. Rodes.
4 Ali. Asira.
5 Anão.
6 Ar. Atuava.
7 Ga. Elos Am.
8 Amasso. Asse
9 Doce. Satá.
10 Ir. Sais. Or.
11 Razão. Messa

VERTICAIS:
1 Cata. Agadir.
2 Acolá. Amora.
3 Medina. Ac.
4 Ara. Ar. Sé.
5 Sasão. És. Só.
6 Alora.
7 Rasto. Im.
8 Aios Usasse.
9 Urdira. Sa
10 Raer Vastos.
11 Assa Ameara.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE [illegible]
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14 30, 17 30 e 21 15
– 13 a
FRANCISCA
As 24 – 18 a
SALÓ E OS 120 DIAS DE SODOMA

SALA B

As 14.45, 17 19, 21.30 e 23.45
– 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland

ALVALADE [illegible]
Av de Roma
As 14 16 30, 19 e 21 30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectaculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Falado em português
2.ª semana

APOLO 76?319
Av Julio Dinis 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – N. ac men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
7.ª Semana

AVIS 547163
Av Duque de Avila, 45
Às 14.15, 17, 19 e 21.30
Um grande êxito de gargalhada e pancadaria!
– N ac. men 13 a.
FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO
c/ Bud Spencer e Terence Hill

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Festival Irmãos Marx
A CULPA FIO DO MACACO

CASTIL 530194
Rua Castilho

Estreia às 21 30 – Int men 13 a.
GELADO DE LIMÃO III
Às 15.30 e 18.30 – Ultimas
A BANQUEIRA

CINE 222 [illegible]
Av Pr da Vitoria 37 (ao Saldanha)

Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.

TRINITA COWBOY INSOLENTE
c/ Terence Hill e Bud Spencer
Copia nova

CINEBOLSO [illegible]
R Actor Taborda 27 B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21 30
– Int men. 18 a.
TABOO, O INCESTO
3.ª Semana
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – Int men 18 a
VIOLÊNCIA EM NAPOLES

CINE BLOCO [illegible]
Gaveto Av 5 de Out e Pinh Chagas
Às 14 30, 16 45 19 e 21 30
- Int men 18 a.
O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
c/ Chritiane Maybach e Karl-Heinz
5.ª Semana
Às 24 – N ac. men 18 a.
A QUADRILHA

CINE CAMÕES [illegible]4194
Rua do Loreto 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30 – Grupo D 18 a.

A RAPARIGA INVENCIVEL

c/ Mao Ying e Caster Wong
Um filme de Hung Feng

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– N. ac. men. 18 a.
EU TE AMO
A grande revelação do Festival de Cannes de 1981
6.ª Semana

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões às - 14 00, 17.45 e 21 15
Não acons. a men 18 anos
SHOGUN
O SENHOR DA GUERRA
Um filme de Jerry London
Technicolor

ESTUDIO 555134
Alam Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21 30
– N. ac. men. 18 a.
Um ser de corpo e alma, entre o amor, as paixões, o dinheiro, o poder, a imprensa. .
A BANQUEIRA
5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B
As 15, 17 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Ela fez dele o amante o herói, o homem rico . e o assassino!
ATLANTIC CITY
c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon
6.ª Semana

IMPERIO [illegible]
Av Afonso Henriques 35
Estreia às 21 30 - N ac men. 13 a
OUTLAND, ATMOSFERA ZERO
c/ Sean Conery
Às 15.15 e 18.30 – Int. men. 13 a.
– Últimas
AMIGOS E AMANTES

LONDRES [illegible]
Av de Roma 7 A
As 14 16 30, 19 e 21 30
- N ac men 13 a
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
6.ª Semana

MONTECARLO [illegible]
Av Pedro Alvares Cabral 37

As 15.30 18 30 e 21 30
– N ac men 13 a
A CANÇÃO DA ESPERANÇA c/ Jeetendra, Reena Roy e Rameshawri
Um filme de J Om. Prakash

MONUMENTAL 5551?1
P Duque de Saldanha

Estreia às 15.15, 18.15 e 21 30
– Para Todos
POPEYE
c/ Robin Williams e Shelley Duvall
Revelion 81/82 – Bilhetes à venda

MUNDIAL 538743
R Martens Ferrao 12 A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
10.ª Semana

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16 15, 18 30 e 21.30
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sonia Braga e Paulo Pereio
Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283 4
R Condes 12 a 20
As 15, 18.15 e 21.30
– N ac men. 13 a.
ESQUECI-ME DE VIVER
c/ Júlio Igésias
Colondo
2.ª Semana

PATHE 821933
R Francisco Sanches 122
As 14.00, 16 30 e 21.30
Interdito a men. de 13 anos
DUPLA SUSPEITA
COLORIDO – com Giuliano Gemma, Martin Balsan e Laura Trotter

ROMY SCHNEIDER numa cena do filme «A BANQUEIRA» em exibição nos cinemas ESTÚDIO e ESTÚDIO 444.

QUARTETO [illegible]
R Flores de Lima 16

SALA 1

Às 14, 16.30 19 e 21.45 h
- M 18 a.
MISMISTÉRIO DOBERWALD
Realização de Antonioni

SALA 2

Às 14, 16 30, 19 e 21.45
M. 18 a.
O BOM POVO PORTUGUÊS
Realização de Rui Simões

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21 15 e 23 30
AS LAGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT

SALA 4

Às 14 30, 16.45, 19, 21.15 e 23 30
- Int. men. 18 a
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realização de Daniel Duval

ROMA [illegible]
Av de Roma, 14 M-N
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a
Um novo e sensacional êxito!
O grande espectáculo da juventude!
GELADO LIMÃO III
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
CALÍGULA

ROXY 54856.
Av Almirante Reis, 20
14, 16 30, 19 e 21.30
– N. ac men 18 a
Reze para entrar Reze para sair!
ACIDENTE NO LUNA PARQUE

S. JORGE [illegible]
Av da Liberdade 175

S. JORGE SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21 30
– N. ac. men. 18 a.
O LADRÃO PROFISSIONAL
c/ James Caen e Tuesday Weld
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
12.ª Semana

S. JORGE SALA 3
As 14, 17.30 e 21 – N. ac. men. 13 a.
FRANCISCA
Um filme de Manoel de Oliveira
2.ª Semana

SATELITE 562632
Av Fontes Pereira de Melo, 61
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac men. 13 a
A FILHA DO MINEIRO
32.ª semana

7.ª ARTE CINEMA [illegible]
Av Republica a Est de Entre Campos
Às 14 45 17 19.10 21 30 e 24
– N ac men. 18 a
O LADRAO PROFISSIONAL
c/ James Caan
Domingo às 11 15
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR [illegible]
Av Guerra Junqueiro 14-C
Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
Um filme de Claude Lelouch
Filme de qualidade
3.ª Semana

TERMINAL [illegible]
Estaçao do Rossio
As 10.30, 13, 15.30, 19.30, 21.30 e 24
– Int. men 13 a
Uma espada forjada por um Deus semente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
7.ª Semana

TIVOLI [illegible]
Av da Liberdade 188
As 14, 16 30 19 e 21 30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectaculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Technicolor
Falado em português

VOX [illegible]
Av Fr Miguel Contreiras Lote 879
As 14 15 16 30, 18 45 e 21 30
N ac men 13 a.
Um filme encantador
O PEQUENO LORD
c/ Ricky Schroder e Alec Guinness
3.ª Semana

XENON [illegible]
Av da Liberdade 9
As 14 15, 16 30, 19 e 21 30
– N ac. men 18 a
O filme de maior «suspense» de John Carpenter
O NEVOEIRO
6.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Aristogatos», às 21 30 (6 anos)
ALFA 3 – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
OLÍMPIA – Sessões permanentes – «Sexo Infernal», às (18 anos)
CITY CINE – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
CAPITOLIO – «Lisa, sexo Fatal», às 21 e 23 h (18 anos)
RESTELO – «O Mistério de Oberwalo», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Misténo da Adolescente Violada», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «Foi-se o Tesouro. Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Beco do Paraiso» às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «Acrobatas do Crime», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «O Pequeno Príncipe» às 21.15 (6 anos)
ALMADA – Academia – «O 5.º Mosqueteiro» às 21 15 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Phobia Os 5 Alibis», às 21 30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Encontro Fatal», às 21.45 (18 anos)

Linha de Cascais

PAREDE – Royal-Cine – «A Rapariga de Ouro», às 21 15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Carteiro Toca Sempte Duas Vezes» às 17 e 21 15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Clã dos Sicilianos» às 21 15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Travões Avanados, Carros Estampados», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Raulita, a Orfã Rebelde» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «McArthur, o General Rebelde» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Carnaval Sangrento» às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «A Menina Bontia» às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «O Tiro de Escape» às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «América Violenta» às 21.30 (18 anos)

MOSCAVIDE – Stop – «As Duas Eram Dinamite» às 21.30 (18 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «O Ódio que Gerou o Amor» às 21.30 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO – «Uma Vida na Escuridão», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Hannie Caulder», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Popeye», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Outland», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Francisca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA L – «A Turma dos Repetentes», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Ninfa, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Os Dragões Atacam», às 21 30 (18 anos)
RIVOLI – «O Dr. Jekyll Gosta Delas Quentes», às 21 30 (13 anos).
AGUIA – «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21 30 (18 anos)
COLISEU – «O Exterminador», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Lili Marleen», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)
BÉBÉ – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo» às 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

MENDES GOMES – Cç. da Ajuda, 222 (Telef. 638256); **ESTADOS UNIDOS** – Av. Est. Unidos América, 16-B (Telef. 885859); **FIGUEIRAS** – Av. Marquês Tomar, 20-22 (Telef. 44995); **ZIRA** – Pç. das Casas Novas, Lt 66 (Telef. 311216); **RENASCENÇA** – Rua Damasceno Monteiro, 104-AB (Telef. 831504); **CAPUCHOS** – Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Telef. 572076); **S. A. E. SILVA FILHOS** – Rua São João da Mata, 72-74 (Telef. 661010); **ALCALIS** – Rua Carvalho Araújo, 46-B (Telef. 841708); **DIMAR** – Rua COnde de Monsaraz, 17-B (Telef. 842533); **MARLUZ** – Cç. da Picheleira, 140-BC – Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (Telef. 880703); **SOARES** – Av. Álvares Cabral, 1 (Telef. 684282); **VITEX** – Est. de Benfica, 373-B (Telef 780548); **DIAS & SARAIVA** – Rua Major Afonso Pala, 19 (Telef. 2114487); **CORREIA** – Est. Principal, Lt. 172 (Telef. 993148); **AMARAL** – Rua Antero Quental, 8-8-A (Telef. 925455).

REFORÇO

TELES – Rua João de Barros, 2-Frente (Telef. 638176); **ZIL** – Av. da Igreja, 9-D (Telef. 891780); **ONILDA** – Av. João XXI, 13-A (Telef. 886848); **AZEVEDO IR. & VEIGA** – Rua Misericórdia, 24 (Telef 323540); **SIMÕES** – Cç. Tojal, 102-A (Telef. 749649), **OURIQUE** – Rua Freitas Gazul, 32-B (Telef. 671667); **CENTRAL CAMPOLIDE** – Rua General Taborda, 17 (Telef. 680304); **ESTEFÂNIA** – Rua Pascoal de Melo, 90 (Telef. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR** – Alm. Linhas Torres, 254-B (Telef. 798063); **CORREIRA DE ALMEIDA** – Av. Fontes Pereira de Melo, 21-BC (Telef. 547385); **ZEMA** – Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A (Telef. 832580); **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6-A (Telef. 970660); **NOVA** – Rua Açores, 11-A (Telef. 910305); **MATOS** – Tv. Pnoras, (Viv. Morgadinho) (Telef. 2519939); **PIMENTEL** – Az. dos Bezouros, Lt. R-8

Linha de Sintra

AMADORA – Clabel – R António Sardinha, 23-D (Tel. 938551) Permanente; **Amadora** – P 25 de Abril, 3-A (Tel 935518) Até às 22 horas; **DAMAIA – D. João V** – Av Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 970461); **QUELUZ – Correia** – L do Mercado, 3 (Tel 950906); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliv.ª, 5 (Tel. 2518669); **CACÉM – Araujo e Sá** – Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781), **MEM MARTINS – Cristina** – Av Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 2914820) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas, **SINTRA – Misericórdia** – Vila (Tel. 2930391) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088).

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690363) Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.º (Tel. 2421015) Até às 21 horas; **CAXIAS – Nova** – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839); **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conc.ª, Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058) Até às 22 horas); **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, lote 24 r/c (Tel. 2478737) Até às 21 horas; **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueiro Mendes** – Até às 21 horas; **S. PEDRO DO ESTORIL – S. Pedro** – R. 9 de Abril, 24 (Tel. 2683052); **S. João do Estoril – S. João** – Quinta da Carreira, Lote 29-A (Tel. 2681186); **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 21 horas); **AMOREIRA – Amoreira** – (Tel. 262313/267314) Até as 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R de Espinho, 1 (Tel 260391) Ate às 21 horas, **Cordeiro** – Av. Comb G Guerra, 40 (Tel 280170) Até às 21 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis, 24 C (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra banda

ALMADA – Magalhaes – R. Capitão Leitão, 8-B (Tel 2750242)); **COVA DA PIEDADE – Cerqueira Afonso** – P. 5 de Outubro, 18 (Tel 2750254); **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av da República, 23 (Tel. 240002); **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Tel 2233028); **BARREIRO – Pimenta** – R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259 (Tel. 2073012); **AMORA – Matos Lopes** – R. 1.º de Maio, Lote 401(Tel. 2216355); **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO – Montepio** – R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

SETÚBAL – Alice – P. do Quebedo, 6. (Telef. 23743)- **SOROMENHO** – P Machado Santos, 24. (Telef 22691)X

LOURES – Saraiva – Av da República, 86. (Telef 2530027) Permante; **MOSCAVIDE – Império** – R. de Olivença, 48. (Telef. 2511234). Até às 22 horas; **SACAVEM – Soares** – R José L Morais, 15. (Telef. 2518025). Permanente

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINO, SUC. – Pr. Marquês de Pombal, 122; **POMBEIRO** – Campo Mártires da Pátria, 152; **PRELADA** – Rua Central de Francos, 316; **AMEAL** – Rua do Amêal, 1227; **CAMPO ALEGRE** – Rua do Campo Alegre, 723; **PENINSULAR** – Rua Chã, 100; **S. LÁZARO** – Av. Rodrigues de Freitas, 297; **QUEIJA FERREIRA** – Largo de S Pedro, 64 – Campanhã

(De dia e toda a noite)

MELO TAVEIRA – Rua Alcaide Faria, 77; **S. Roque da Lameira** – rua S. Roque da Lameira, 1111, **SA DA BANDEIRA** – Rua Sá da Bandeira, 236, **FERREIRA DA SILVA** – Rua Mártires da Liberdade 150.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

S. JOSÉ – Arcos do Jardim, Telef. 24697; **M. Nazaré** – Av. João das Regras, 132. Telef. 23033.

teatros

Lisboa

A BARRACA – «Fernão, Mentes?», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «Romulo O Grande», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL CIRCUS – «Circo Chen» (P de Espanha), (6 anos
VASCO SANTANA – «O Homem que se Julgava Camões», às 21 30 (13 anos).
COLISEU – Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
LAURA ALVES – «Estórias de Pouca Vergonha» às 21 30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – TEATRO DE CAMPOLIDE – «A Excepção e a Regra», às 21 45 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Seis Aparições de Lenine sobre um Piano», às 21.45 (13 anos)
ABC – «O Escabeche» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20 30 e 22 45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Não Há Nada que me Escape», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Não se Paga! Não se Paga», às 21.30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Oh Zé Arreganha a Taxa», às 21 30 (18 anos)

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade.
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção. 320271/2/3
Mensagens gravadas. 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto.
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
7.33 **3,8m** 0.44 **1,6m**
20.11 **3,5m** 13.39 **1,6m**

Dia 18
8.34 **3,7m** 1.50 **1,8 m**
21.17 **3,4m** 14.52 **1,7m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	7°
PORTO	10°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	14°
C. CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	16°
ÉVORA	12°
BEJA	13°
SAGRES	13°
FARO	16°
P. DELGADA	12°
FUNCHAL	16°

últimas

SANEADOS da função pública depois do 25 de Abril foram agora reintegrados, por decisão da Comissão de Análise de Recursos de Saneamento, dirigida pelo tenente-coronel Canto e Castro, do Conselho da Revolução. Os beneficiários foram o antigo director do Instituto Superior Técnico, Sales Luís, o antigo ministro das Corporações, Veiga de Macedo e o dr. Almeida Garrett. O mesmo oficial louvou alguns dos elementos que trabalham na Comissão de Análise: o terceiro-oficial Melo Canasta, a escriturária Isabel Saraiva, a escriturária Mexia Barnabé Pinguinhas, a terceira-oficial Barraca Cabral e a escriturária Natália Basílio.

PARA ANALISAR os trabalhos preparatórios da «Marcha da Paz», que se vai realizar em Lisboa, do Saldanha ao Rossio, no dia 16 de Janeiro, efectua-se esta noite uma reunião alargada na Associação Portuguesa de Escritores, à rua do Loreto, 13, 3.°.

Nesta reunião serão tratados os aspectos políticos e práticos do trabalho preparatório da «Marcha da Paz», sendo dadas informações sobre as adesões já verificadas sobre o carácter da «Marcha», propaganda e palavras de ordem.

DEZ DIAS DEPOIS NOVAMENTE PRESOS pelo mesmo motivo: apanhados dentro de uma residência onde entraram por arrombamento para furtarem. Hélder e Helena, ele de 27 e ela apenas com 17 anos, entraram na casa situada na Rua Circular Norte, 32, ao Bairro dos Olivais em Lisboa e já se encontravam na posse de modestos artigos, no valor de 20 contos, quando a locatária regressou e deu o alarme. Dez dias antes haviam sido presos pelo mesmo motivo dentro de uma outra residência.

Encontro de sete minutos com Balsemão foi o primeiro sinal

Eanes mudou de atitude face ao Governo AD

O encontro Eanes-Balsemão na terça-feira, ao princípio da noite, constituiu o primeiro sinal concreto da mudança de atitude do Presidente da República perante o Governo AD e revestiu-se de enorme significado político que o futuro imediato se encarregará de comprovar.

Contrariamente ao que Marcelo Rebelo de Sousa, primeiro, e um comunicado do Conselho de Ministros, depois, pretenderam fazer crer, o encontro durou apenas sete minutos não pela falta de tempo de Pinto Balsemão, «muito ocupado com a discussão do OGE», mas simplesmente porque o general Eanes, depois de ouvir as explicações que entendera pedir ao Primeiro-Ministro, terminou a audiência – confirmaram ao «DL» fontes do PSD onde o assunto não é desconhecido – com um seco «por agora não preciso de mais nada».

Balsemão foi convocado por carta entregue em mão própria por um elemento da Presidência – e ficou perplexo. A carta invocava razões de Estado. E, de imediato, a dúvida assaltou o espírito inquieto do chefe do Executivo, que achou por bem reunir-se com pessoas a quem manifestou as suas preocupações e perguntou o que poderia estar por detrás de tão intrigante convocação.

(Na Assembleia da República, onde os deputados se encontravam reunidos e muitos jornalistas trabalhavam, chegaram a correr os mais desencontrados boatos. E a possibilidade de o general Eanes retirar a confiança política ao Executivo foi um deles).

De qualquer modo quando Balsemão chegou a Belém – e continuamos a citar as mesmas fontes – estava longe de imaginar que o chefe de Estado queria saber «porque é que as posições do Governo e de personalidades com responsabilidades no Executivo não são em consonância com a dos países aliados de Portugal, designadamente com a da NATO».

Da resposta do Primeiro-Ministro nada se sabe de concreto. Há quem diga, no entanto, que Balsemão terá respondido ao Presidente que a posição do Governo português não era única, enredando-se em explicações que Eanes terá considerado pouco convincentes.

O PR – como o deixa entender também o comunicado do Conselho de Ministros –, chamou também a atenção de Balsemão para o comunicado do PSD, ofensivo para o PR, sobre a posição por este tomada em relação ao caso Polónia. O Primeiro-Ministro, sem tomar uma posição clara, deixou no entanto transparecer alguma discordância pessoal quanto ao conteúdo do documento, o que não evitou que o Presidente da República perguntasse se a tão falada solidariedade institucional funcionava apenas num sentido.

A guerrilha

A guerrilha AD-Governo contra o PR está de novo a funcionar em pleno. Os objectivos são evidentes: a AD quer fazer esquecer os seus problemas internos e externos (não resolveu um único dos graves problemas nacionais) e procura um «inimigo» que possa unir a família desavinda e sirva de bode expiatório para os seus fracassos.

Daí, a «guerra». E o caso Polónia é apenas mais um caso, mais um pretexto, na linha de muitos outros que se têm vindo a registar mesmo contra a opinião de cada vez mais largos sectores dentro da própria AD.

Na verdade – referiram ao «DL» deputados do PSD – é altamente significativo que Mota Amaral tenha vindo ontem a Belém para transmitir ao Presidente da República o teor das conversações que manteve durante dois dias no Funchal com Alberto João Jardim, mostrando assim de um modo inequívoco que cada vez mais os dirigentes sociais-democratas insulares privilegiam os contactos com Eanes, a quem não consideram «inimigo». Com esse gesto, e num momento em que a guerra AD contra Eanes estava no auge, tornaram claro igualmente a sua discordância com os métodos seguidos pelos seus correligionários.

Ainda Camarate

Outro ponto de desentendimento entre elementos da maioria é o comportamento seguido em relação a Camarate. Na AD há cada vez mais gente que está em desacordo com as insinuações levantadas relativamente ao «papel» de Eanes face a uma hipotética sabotagem do avião em que seguiam Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa. De resto, e o «DL» pode afirmá-lo, numa das últimas reuniões do Conselho da Revolução o caso foi ventilado e o general Ramalho Eanes mostrou-se particularmente sensível a essa questão, classificando em termos violentos o comportamento de certos sectores do PSD no Congresso realizado no Porto recentemente. Eanes – soube o «DL» – considerou inadmissível que o Primeiro-Ministro e presidente do PSD não se tivesse demarcado publicamente de tais posições.

A tudo isto há a acrescentar os públicos desentendimentos entre os deputados do PSD e do CDS, que ora atacam o ministro da Saúde (centrista) ou o da Educação (social-democrata). E como o próprio Freitas do Amaral (o «DL» já o referiu na sua edição de ontem) afirma que a AD já não existe... não será de surpreender que se avolumem as expectativas sobre a posição do Presidente da República quanto ao Governo AD, que até agora tem merecido a sua confiança política.

Os comunicados

Voltando à «guerra» originada pelo encontro de sete minutos de Eanes com Balsemão: Joaquim Letria, porta-voz da Presidência, referindo-se ao comunicado emitido pelo Conselho de Ministros, revelou que «nenhum elemento da Presidência colaborou na sua elaboração» e considerou depois que tal documento «é mau para o Primeiro-Ministro».

«De resto, quando o PR, nos termos constitucionais, convoca o PM para discutir assuntos de Estado, certamente este não vai com os minutos contados», acrescentou Letria.

O comunicado do Conselho de Ministros ontem divulgado e de certo modo contraditório com posições tomadas por Marcelo Rebelo de Sousa (este veio afirmar que não tinha havido atritos no encontro de Belém), é do seguinte teor:

1. O Presidente da República solicitou ontem à tarde, por carta, a presença em Belém do Primeiro-Ministro, para tratar de «assunto urgente do Estado».
2. O gabinete do Primeiro-Ministro, como habitualmente nestas circunstâncias, não deu qualquer publicidade à realização da audiência nem ao que nela se passou.
3. Face, porém, à sua divulgação em termos incompletos, atribuída a porta-voz da Presidência da República, o gabinete do Primeiro-Ministro esclarece o seguinte:
   - Ao longo da tarde de ontem, o gabinete do Primeiro-Ministro tentou, em vão, saber qual o assunto ou assuntos que o Presidente da República pretendia tratar na reunião.
   - Durante a audiência, não foram apenas abordadas as tomadas de posição do Governo português e de outros governos de países da NATO, perante os acontecimentos na Polónia.
   - O Presidente da República referiu ainda o seu conceito de solidariedade institucional, face a um comunicado recente do PSD, partido do qual o Primeiro-Ministro é presidente.
   - O Primeiro-Ministro não costuma cronometrar as suas audiências com o Presidente da República, mas confirma que esta foi curta, não apenas por não lhe ter sido previamente fornecida a agenda, mas também por, ao longo desta semana, se manter absorvido pelo debate do Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano, em curso na Assembleia da República. o que, em qualquer caso, o impediria de ficar mais de 10 a 15 minutos em Belém.
4. O Primeiro-Ministro e o Governo, a quem compete dirigir a política externa, reafirmam a sua posição relativamente aos acontecimentos da Polónia. O Governo foi o primeiro órgão de soberania a exprimir a sua preocupação perante o cerceamento das liberdades na Polónia, através das declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros na manhã de domingo passado, logo reforçadas pelo vice-Primeiro-Ministro e por um porta-voz do Primeiro-Ministro.
5. O Governo, através de várias fontes e dos seus contactos com governos dos países aliados, estava, e está, amplamente informado do desenrolar dos acontecimentos na Polónia, tendo mantido os seus aliados ao corrente das posições que se dispunha a tomar.

Esta é, de resto, a prática corrente já que, sendo a NATO uma associação de países livres, a estes compete colaborar na formação de consensos quanto ao essencial, e não aguardar que uns tomem posições para depois as seguir.

6. Nestas como noutras matérias, o Primeiro-Ministro não aceita lições nem pretensos atentados de infantilismo seja de quem for, e menos ainda quando se destinam a obliterar acções ou omissões de terceiros.

Carta Aberta ao MAS

PCP acusa Luís Barbosa de criar "impostos de doença"

O PCP acusou o Governo de Balsemão de ter instituído novos «impostos de doenças» ao cortar o «orçamento de miséria do sector de saúde». Será por «solidariedade nacional» que um doente passará a pagar doze contos por vinte dias de internamento até aqui gratuito?, pergunta a SIP do PCP.

Questiona mais: será por «solidariedade nacional» que as consultas externas dos hospitais passarão para 200 e 300 escudos? Que ir de urgência ao «banco» vai custar 400 escudos?» E que solidariedade haverá em negar a comparticipação nos medicamentos de uso corrente ou em baixar a percentagem dos SMS no pagamento das especialidades farmacêuticas que ainda por cima vão aumentar de preço?»

«É uma triste prenda de Natal» para os portugueses, essa de o Governo instituir novos «impostos de doença» ao cortar o «orçamento de miséria» do sector de saúde, que vão ter de «desembolsar 12 milhões de contos», afirmam as organizações de saúde em carta aberta ao ministro dos Assuntos Sociais

No protesto, de que a SI[illegible] do PCP dá conta, os comunistas afirmam que os «cerca de 70 mil trabalhadores do sector continuam sem ver definidas as carreiras profissionais» e a «assistirem à imposição de carreiras que não têm em conta os seus legítimos interesses e aspirações». Os médicos, por exemplo – referem os autores da Carta Aberta –, continuam a ganhar por uma letra abaixo dos outros técnicos da Função Pública, os enfermeiros estão em luta pelo cumprimento de compromissos assumidos e os técnicos auxiliares sanitários fazem greve pelo justo enquadramento profissional.

PARIS
***** «cidade luz»
INVERNO 81/82
4 e 8 DIAS DE VIAGEM
FERIAS ou NEGOCIOS
PARTIDAS:

DEZEMBRO	4, 11, 22 e 29
JANEIRO	5, 15, 22 e 29
FEVEREIRO	5, 12, 19 e 26
MARÇO	5, 12, 19 e 26

PREÇOS DESDE 15.300$
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO: Av. Aliados, 207 •Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. Liberdade,160•Telef. 37 13 41
" Av. Roma, 66 B •Telef. 80 36 09
COIMBRA: Rua da Sota, 2•Telefs 27011/2
FARO: Av. Republica, 124 •Telefs.25035/6
FUNCHAL. Rua Gorgulho,1•Telefs. 310 77/8

DL ler/escrever

N.º 41 • 17 de Dezembro de 1981

Suplemento Literário

OBRAS COMPLETAS DE RODRIGUES MIGUÉIS

Reedição de «Páscoa Feliz»

De um desespero mudo e frio se constrói esta ficção: uma degradação progressiva do espaço moral que desde logo sabemos condicionar o espaço físico. A libertação ocorre afinal na própria prisão-clínica em que se encontra o protagonista. Tudo se altera: inclusivamente a própria noção esquemática e imprecisa que temos de liberdade e felicidade.

Porque **Páscoa Feliz,** de José Rodrigues Miguéis, é uma reflexão profunda e desmedidamente anatómica das dimensões, da possibilidade (ou impossibilidade) da felicidade na existência humana. Panorama de um ódio surdo e lento que se vai construindo no cérebro de um vulgar contabilista, ódio à mulher e mãe do filho, ao emprego, ao patrão, às condicionantes do quotidiano, **Páscoa Feliz,** com o seu sabor levemente anárquico, é uma crítica inteligente e subtil à nossa própria sociedade, à nossa própria condição de seres irremediavelmente presos, mesmo quando gozamos de uma aparente liberdade. Edição da ESTAMPA, patrocinada pelo Instituto Português do Livro. Ilustrações de Maria Keil. •

RACHEL BASTOS

Quem hoje a conhece ?

Rachel Bastos, diz-nos o **Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária,** nasceu em Lisboa em 1903 e foi não só escritora como cantora (soprano ligeiro) tendo iniciado a carreira artística no papel de Gilda da ópera **Rigoleto** no Coliseu dos Recreios. Dessa vocação musical nos informam, também, os seus livros, dos quais o primeiro significativamente intitulado **Um Fio de Música,** onde o sonho se mistura à memória e o mundo da imaginação segue a par do mundo real, transfigurando-o: «Pousei os dedos sobre o teclado; o som rolou pelo ar, misterioso como alma que se evola. E o facho da Arte rasgou o véu do Além e iluminou as trevas do Mundo. Vieram os Grandes Mortos!...»

Aliás, a faceta mais importante desta escritora da primeira metade do século XX em Portugal parece-nos ser precisamente a vaguidade das paisagens e dos acontecimentos e o refúgio na fantasia. **Diário Fantástico e Coisas do Céu e da Terra** (contos) são outros títulos sugestivos de uma personalidade meditativa e romântica. Sonâmbulas, melancólicas histórias em que entram Nossa Senhora e os anjos, memórias da infância da autora, desconsolo de viver – tudo sublinhado pelo amor às coisas e às pessoas, o pressentimento e o susto de uma vida futura, e, de longe em longe, a tentativa de luta contra o próprio cansaço: «Hoje não quero pensar. Vou atirar-me sobre a minha vida e sorvê-la toda sem respirar (...) Loucura do Mundo, mistérios do Além, porque aterrais os meus olhos e a minha alma sedenta de vida!? (...) 'Tenho saudades de mim' – murmuram os meus lábios. E é como se me despedisse de alguém muito amado a quem não tornasse a ver».

Rachel Bastos, **retrato de Manuel Mendes em «A Hora das Sombras»**

Adolfo Casais Monteiro que, em 1937, saudou, entusiasmado, o aparecimento de **Um Fio de Música,** chama-lhe «um fio de água», comparando a arte de escrever de Rachel Bastos com a de uma Katherine Mansfield e de uma Rosamond Lehmann, o que a nós se nos afigura pouco rigoroso pelo menos, no que diz respeito à escritora inglesa. A verdade é que Rachel Bastos, como é natural, não demonstra nem a agudeza psicológica nem o fino humor, tão-pouco a precisão e a sobriedade estilística de Katherine Mansfield. Todavia, «fio de água» é o termo perfeito para classificar os textos da autora de **Um Fio de Música:** fonte que corre livre e leve, com frescura e naturalidade, mas sem volume nem rumor, secreta, a gotejar, a esvair-se.

Além das obras acima mencionadas, Rachel Bastos escreveu mais um romance, uma peça de teatro, e outros contos, sendo, no seu tempo, colocada na primeira fila das mulheres escritoras, ao lado de Maria Archer, Maria Lamas, e da grande Irene Lisboa então ainda escondida sob o pseudónimo masculino de João Falco. Hoje, porém, aparte os da sua geração, quem a conhece, quem fala dela, quem lhe bate à porta? Onde o sentido da fidelidade?

Maria Ondina Braga

Lu Sun (conclusão)

Como se pode ser chinês?

Na sua diversidade, o seu jornalismo apresenta contudo uma unidade profunda. Trata-se primeiro duma unidade que se poderia classificar de poética (neste sentido, os volumes do bloco-notas de Maurice poderiam propocionar aqui uma boa analogia). Mas essa analogia tem também a ver com o recurso a alguns temas dominantes. Em primeiro lugar, poder-se-ia dizer que toda a obra de Lu Sun não passa do acompanhar, no fundo, uma longa, implacável e dolorosa pesquisa sobre o «carácter dos chineses»: como somos nós então feitos, pergunta incansavelmente, para tolerarmos uma tal inumanidade na nossa sociedade? Neste impiedoso exame clínico que mais de uma vez faria arrepiar os seus compatriotas, ele é alternadamente o escalpelo e a ferida. Os outros grandes temas derivam do primeiro – assim, por exemplo, as suas reflexões sobre a missão da literatura. Grito de apelo para despertar as consciências, a literatura é, ao mesmo tempo, irreprimível e fundamentalmente impotente.

A força triunfante é sempre muda – são as vítimas que gritam: o gato apanha silenciosamente o rato, enquanto o gato se esganiça. Escrever é, por definição, a confissão de um fracasso, escrever é acção de vencidos. Mas a literatura toca a revolução na medida em que o escritor, como revolucionário, refusa o actual estado de coisas. Um e outro perturbam a ordem estabelecida, mas só o revolucionário (e Lu Sun proibia-se explicitamente de o ser) têm o privilégio da acção. Todavia, se a revolução é necessária, ela é também necessariamente um fracasso; pois o seu triunfo transforma-a num novo poder. A aliança do escritor e do revolucionário é pois fatalmente provisória: os seus caminhos divergem no momento em que a vitória pertence ao segundo, visto que deixa então de ser um revolucionário para ser uma autoridade estabelecida; daí que ele vá por sua vez amordaçar o escritor, que, enquanto crítico permanente do poder, lhe parece agora subversivo e intolerável.

O incómodo companheiro de jornada

Em Lu Sun, o pessimismo radical do pensamento conjuga-se com o optimismo da vontade; perante um estado de coisas inaceitável, toma resolutamente o partido das vítimas, mas não tem qualquer ilusão sobre as possibilidades da revolução nem sobre as suas consequências. O desespero é a única certeza razoável; a ausência de esperança não justificaria todavia a inacção: ela está lá como esses caminhos nos campos, que nascem simplesmente da passagem repetida dos peões – um caminho nasce onde não havia nenhum. É, pois, preciso caminhar. A imagem estranha da chama gelada que inspirou um dos seus poemas em prosa é uma muito boa metáfora da sua própria condição: o fogo revolucionário que vive nele continua aprisionado sob o gelo da inteligência lúcida.

Nestas condições, imagina-se facilmente que incómodo «companheiro de jornada» ele foi para os comunistas. As perseguições do Guomindang nunca lhe fizeram grande mal, pessoalmente. (Até quatro anos antes da sua morte ele continuou a receber – com boa intenção – uma renda generosa que lhe concedia aquele mesmo governo que ele escarnecia tão ferozmente!) mas foi cruelmente atingido na pessoa de discípulos queridos, assassinados pelo terror branco: a vista dessas atrocidades levou-o a alinhar mais pelo Partido Comunista, que representava então, para todos os oprimidos, a única forma de resistência organizada.

Contra os comissários

Mas se ele se pretendia solidário com essa luta, não entendia que por isso tivesse que abdicar uma onça sequer da sua independência crítica ou da sua autonomia de artista, o que o fez entrar imediatamente em conflito com os comissários. O último ano da sua vida foi ocupado por um duplo combate, tanto mais esgotante quanto a tuberculose o estava a corroer: a batalha que travava a descoberto contra o governo e aquela, ainda mais cruel, que o opunha aos «guardas de galé» (o termo é dele) de que o Partido achara por bem rodeá-lo. A morte veio interromper este último conflito e os que o perseguiram até na agonia, estão hoje em Pequim encarregados de organizarem o seu culto...

A verdadeira grandeza de Lu Sun não reside pois – é inútil dizê-lo! – no «amor e fidelidade que ele testemunhou ao partido comunista», como nos quiseram fazer acreditar hoje os seus antigos inimigos, nem nas suas realizações literárias, de certo modo empoladas por aqueles espíritos simplistas que julgam verdadeiramente necessário provar ao mundo que a literatura chinesa sabe guindar os seus escritores ao nível de um Nobel.

A grandeza de Lu Sun é antes de mais, de ordem intelectual e ética. Reside na lucidez inflexível com que enfrentou a tragédia chinesa – uma lucidez que de resto viveu como uma maldição, pois ela votou-o a uma solidão quase absoluta e condenou-o à hostilidade daqueles mesmos que quis salvar – e na rigorosa «**honestidade** com que assumiu até ao fundo as suas próprias contradições, recusando a dupla tentação de se refugiar no empenhamento partidário cego ou de se exilar no individualismo misantrópico. Produto de uma época de transição, nunca se resignou a sofrer passivamente o caos inumano da história. Nele, a crise formidável e confusa da China moderna transforma-se inteireinha em consciência; não é só à volta dele mas em si próprio que ele descobre essa interminável agonia dum mundo antigo que conserva a sua mortal influência sobre os vivos e esse doloroso parto dum mundo novo que não chega a nascer.

Ao dedicar-se à denúncia dos vícios da sociedade chinesa, Lu Sun afligia-se por constatar que, apesar do rolar dos anos, os seus propósitos continuavam actuais: «Parece-me que em todos os ataques contra os horrores de uma época, os escritos deveriam desaparecer ao mesmo tempo que os males que denunciaram!». Que desgosto não teria se tivesse podido prever que a sua obra ia adquirir hoje ainda maior pertinência. Com efeito, a leitura de Lu Sun permanece, ai de nós! a mais penetrante das introduções às realiades chinesas actuais... Cada novo episódio do martírio que atravessa o povo chinês encontra imediatamente no seus escritos um comentário profétivo. Ontem ainda, por exemplo, como nos prevenia o testemunho de Liu Qing sobre o pesadelo dos campos onde são torturados os jovens democratas chineses (1), como não pensar imediatamente nas palavras de Lu Sun: «O mais horrível, não é um governo que põe em cena execuções públicas, é um governo que faz desaparecer as suas vítimas em segredo.» E essas vozes constantemente amordaçadas que contudo renascem sempre, essa corrente retomada sem cessar, de Fu Yuehua a Wei Jingsheng (2), de Ren Wanding a Wang Xizhe, depois a Liu Qing... não confirmam as palavras do rebelde irredutível: «Enquanto houver pedras, a semente do fogo não morrerá?».

Simon Leys

1) O testemunho de Liu Qing, «Recordações e esperanças de um homem sem ilusões. Acuso diante do tribunal da sociedade», apareceu em Fevereiro de 1982, nas edições Robert Laffont.

2) Victor Sidane e Wojtek Zafanelli, «Perseguições políticas em Pequim»: Wei Jingsheng, Fu Yuehua. Ed. Maspero.

A NATUREZA MORTA DA PINTURA CLÁSSICA

III
A representação dos objectos na pintura dos Países Baixos

Hogarth, «**Lord**

Não tem, contudo, o mesmo sentido da escola francesa a representação de frutos, objectos e alimentos nas **naturezas-mortas** da pintura holandesa do século 17.

Não penso muito diferentemente do que sobre o assunto Claudel escreveu em **Introduction à la peinture hollandaise** (Gallimard, col. Idées-Art).

Nestas telas – e refiro-me em particular a duas «naturezas-mortas», uma de Pieter Claez outra de Jan-Davidzs de Heem – mais do que o processo de um morticínio, ou da decomposição de um corpo, é-nos dada a abertura desse movimento (quantitativo, fragmentário) para outro infinito sentido: um sentido que não está contido à partida na mera acumulação dos índices figurativos e que se produz no quadro como o **excesso** significante do acto (mesmo que a forma assuma, aparente, de um desperdício...). Esta **mise enabime** (que desestabiliza, perturba, a mise en scéne da pintura) inscreve-se na – é a própria produção do **ponto de fuga** imaginário (Infinito) – do quadro (o **ponto** para o qual o olhar do espectador antes de se perder se dirige, ou onde o convoca o infinito...) (1).

A figuração do representado nestes quadros coincide, assim, com a própria produção ilusória de um outro sentido (pictórico e imaginário o mais possível). É essa a grande diferença entre estas telas e as da «escola francesa» (de influência flamenga): as segundas fecham-se sobre a (sua) ausência,ou a decomposição de um sentido ultra-saturado; as primeiras – como os céus prolongam os espelhos (**«cenas de interior»**) ou a superfície das águas (nas paisagens) –, referem o finito para se abrirem, tornarem intuível, sensível, a própria existência e experiência do seu «fim» (nunca por completo acabado e definido).

Escrevo deste modo a tese: **«Partipris das coisas (na composição) equivale a produção significante (diferencial: mais económica, produtiva), do sentido** (2).

Veja-se a tela **«Interior holandês: Jogadores de cartas»**, de Peter de Hooch (s.17).

Ao contrário do que Fromentin (em **«Les Maitres d'autrefois»**) escreve – «não há nenhuma espécie de 'partipris' nesta expressão tão ingenuamente sincera das coisas, que torna a sua fórmula quase imperceptível» (Livre de Poche/Art, p. 230) – neste quadro existe um verdadeiro **partipris** das coisas (e do seu articulado), assumido de maneira a que, ao olhar do outro (do espectador), a fórmula de composição do quadro (dada pela forma) se torne mais sensível.

A exposição da fórmula – não do princípio para o fim deduzida (como num elementar cálculo) mas materializada no seu exercício – não esgota contudo, aqui, do quadro o sentido.

Com efeito, pelo seu carácter ultra-retórico denunciado à superfície (o sentido é aqui investido como **uma referência da tela ao género** em que aparentemente se inclui), a obra funciona, do ponto de vista da forma, como uma produtividade e, quanto ao sentido, como a materialização (significante) de um excedente (a-)temático (à partida não preconcebido no género, ou na ficção do quadro).

A lei gnómica – a principal operação da fórmula – que preside à composição do quadro é, talvez, a dos **contrastes** (diferenciados).

Anote-se, p. ex., os seguintes contrastes (primários): (**cor**) branco/negro; **luninosidade**-/opaco/claro-escuro (sendo este o 3.º termo); (e do ponto de vista **temático**) dois pares, na profundidade da tela distanciados (cada um com um **terceiro** elemento a ele ligado).

O trabalho significante de produção (material) da tela consiste, assim, na diferenciação, complexificação, inversão destes opostos (singelos, primários).

Os pares, por exemplo, encontram-se colocados em zonas de diferente luminosidade: o primeiro (mais à frente) veste roupas claras enquanto o segundo, junto à janela, prefere outras mais opacas. O terceiro elemento preso ao primeiro par, de negro vestido, é um eclesiástico. De pé, junto á janela, o segundo par, ainda que as rendas das roupas da mulher sejam iluminadas directamente pela luz, encontra-se (por contraste?) na sombra: o feixe solar que entra pela janela alta da sala, com efeito, incide apenas no primeiro par, em relação ao qual, por seu turno, contrasta a figura sombria do padre... Mas também o vitral branco (não plurifacetado, da janela rectangular) se vê enquadrado por espessos reposteiros de «treva» (correspondente simétrico do ladrilhado branco e negro do solo que pára o Sol e reflecte a sua luz no primeiro plano frontal do quadro onde, antes de ser interrompida pela galante homenagem, se processava a **partida de cartas**...).

Estamos pois perante um bem mais complicado processo especular. E embora esta descrição da tela seja muito incompleta, julgo ter tornado manifesto o carácter extremamente elaborado do trabalho de significância resultante do «partipris» investido pelo pintor no acto de composição do quadro.

Um semelhante trabalho poderia denotar-se no domínio da produção do «sentido» do quadro.

No átrio desta íntima cena clássica vemos dois pares de enamorados. Contudo, enquanto a mulher do primeiro dos pares joga às cartas (com o padre), o segundo, no seu conjunto, entrega-se a outros jogos, bem menos sofisticados. O **jogo** é aqui o substituto, o «moral» simulacro do prazer erótico – restrição, travesti mais do que metamorfose, imposta ao primeiro par pela presença maciça do eclesiástico (O terceiro elemento do segundo par – que corresponde ao padre que joga às cartas com o elemento feminino do duo (e que, do ponto de vista da cor, se apresenta mais esbranquiçado – ou menos contrastado, segundo os efeitos da luz) é uma figura não censurante – muito antes pelo contrário, **um pajem**!). Eis quanto basta para se poder concluir: na tela há só um jogo, o **do erótico**. Tudo o mais constitui o seu simulacro...

Assim também o sentido – equilíbrio teórico do género – é aqui cândido (efeito de fissura numa aparentemente fácil especularidade) e sobre si mesmo trabalhado (num processo em aberto que nenhuma «moral» cobre ou esgota, por completo).

Claro que estes dois processos, **o formal e o ético,** não existem de um modo isolado: constituem, quanto muito, instâncias

Heda, **o almoço do lavagante (1648)**

«Lord George Graham na sua cabine», (1745?)

inter-relacionadas de uma mesma engrenagem: a produção material do significante e dos sentidos do quadro (e afinal o quadro).

É neste átrio vazio, e ao mesmo tempo por tantos corpos (seis) ocupado, que, não cerimoniosamente, mas de acordo com um implícito (seja ele comezinho) ritual, afinal somos introduzidos – para aí assistirmos a um alegre velório em torno (e em honra) do féretro da pintura clássica.

Cenas carnavalescas e de taberna

Podemos também considerar como **naturezas mortas** certas cenas burguesas, ligeiramente posteriores, tanto italianas (Tiepolo, Longhi) como inglesas (Hogarth)?

O que aqui alegremente morre, no primeiro caso, é a **seriedade** (hierática/anónima) do sentido clássico: daí que as telas, do ponto de vista do «representado», ponham em evidência o carácter lúdico da cena e do quadro. Este abaixamento de tom e da importância do significado tem por consequência a maior relevância que adquire a produção significante – e a composição – do quadro. O «baile de máscaras», no quadro de Tiepolo (**Mascarada**), processa-se num primeiro plano que antecede uma estátua clássica e o céu da paisagem: no quadro de Longhi (**Concerto**) o «ponto de fuga» para o qual convergem os gestos e os olhares dos personagens (travestis mas não mascarados) é um pequeno cão de porcelana ou jaspe – resível amuleto, depositado sobre um cochim (vermelho, como um prado): em qualquer dos casos, contudo, do «tema» a comicidade reside na forma como os dois autores recusam dar a predominância – na produção do quadro – aos mitemas do significado.

Nas duas telas de Hogarth que agora tenho sob o meu olhar (a saber, **Angariadores de voto nas eleições de 1754** e **Lord George Graham na sua cabina**) dá-se uma acumulação de índices (símbolos, personagens, objectos) que não só corroem o equilíbrio (a unidade edénica) do significado como a própria reprodução das leis de perspectiva (ou do naturalismo ocular) alteram por completo. No primeiro quadro, a acumulação de «cenas» no primeiro plano da tela expulsa dela o «fundo», onde desliza uma paisagem; deste modo a leitura alegórica, não «realista», imposta pelo primeiro plano do quadro impede o leitor (re-) construir a perspectiva unificadora (e metafísica) do espaço: o «realismo» (alegórico e aparente) do significado (temático) desconstrói, difere, torna inverosímil a «realidade» última da perspectiva geométrica (a metafísica clássica do quadro). Na segunda tela de Hogarth há uma deformação real dos corpos e do fundo que só pode ser lida como a negação, estilística, da «norma» e do efeito de profundidade (que, apesar de tudo, as telas de Tiepolo e de Longhi ainda conservam).

Se os dois autores italianos não transgridem a norma pictórica (geométrica, figurativa) e aliviam só a sua sobrecarga retórica (pela banalização cómica, irónica, do significado), Hogarth faz do excesso de produção de sentidos a forma significante de desconstruir, contrariar, a mera reprodução dos códigos geométricos característicos da pintura clássica (e da sua metafísica). Essa é, afinal, a sua modernidade: o ser, o riso, a bebedeira, o desregramento do sentido que sucede a um velório, felizmente agora já findo...

Morta a representação tradicional da natureza clássica (figurativa) – que na tela o dejecto das frutas também designa – irrompe num arabesco efusivo a **Vida: a própria prática (material, literária: física!), o acto** de composição que é o quadro (3).

Sim, o que deste trabalho de séculos emerge de diferente, definitivo e decisivo, não é a reprodução (do sentido do género, ou das leis geométricas do processo) ou a representação (do tema ou do referente) mas, isso sim, **o próprio quadro** (que pinto).

Sim, a única resposta à possibilidade infinda que desta prática cresce só pode ser aquela que pelo próprio Claudel foi dada: «É preciso, por assim dizer, sentir o quadro rejubilar consigo mesmo, graças à concordância de meios muito diferentes e que só entre si conseguem encontrar alguma paz e acordo («in **Introduction à la peinture hollandaise**»).

Oh PONGE! Oh CLAUDEL! Oh ACTO JUBILATÓRIO DO EFÉMERO VITAL QUE TRABALHA O NADA!

Fernando Guerreiro

notas

(1) Na tela de Davidz de Heem esse ponto **é a espiral de uma casca de fruto que a partir do seu centro, carnudo mas sem sumo, se define; cai, cedendo ao peso da sua gravidade...**

(2) Referência explícita a Le Parti Pris des choses, **de Francis Ponge. Que escreve p. ex: «No** Parti Pris **existe um certo desdém, desinteresse por tudo o que tem a ver com o quebra-cabeças da metafísica... graças à** feliz **criação de uma metalógica» (p. 192).**

(3) Diz, p. ex. Francis Bacon, da sua própria pintura: «Penso que pintar, hoje em dia, é mais difícil do que no passado porque antigamente os pintores tinham uma dupla função. Acreditavam estar apenas a registar factos, mas na verdade faziam muito mais do que isso. Hoje, devido a todos esses processos mecânicos de registo – como o filme, as fotografias ou a fita magnética –, a pintura teve que se virar para algo de muito mais básico e fundamental. E isto porque a função ilustrativa da pintura – pelo menos a um nível superficial – pode ser melhor realizada por outros processos técnicos. Ao darem conta desta situção, os pintores abstractos devem ter pensado assim: porque é que não abandonamos de vez a ilustração e todas as formas de registo e não nos fixamos apenas em efeitos formais e de cor? Em lógica tinham razão, mas a coisa acabou por não resultar: com efeito, parece que a obcessão que sentimos em querer reproduzir qualquer coisa que tenha a ver connosco comunica-nos uma tensão e uma excitação muito maiores do que se nos entregarmos simplesmente a uma maneira totalmente livre de compor formas e cores. Na realidade, como todos estes processos mecânicos de registar os acontecimentos o que é que podemos fazer senão encaminharmo-nos para algo de muito mais intenso: quando procuramos registar os acontecimentos não como meros factos mas em diversos planos, abrindo campos da nossa sensibilidade que nos conduzem a um sentido mais profundo da realidade da imagem, de modo a tentarmos dar conta do próprio processo de confecção, pelo qual uma determinada coisa é captada de uma forma abrupta e intensa, e ali é deixada como se, por fim, fossilizasse?!» (David Sylvester, Interviews with F. Bacon, p. 66).

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS

ENCONTROS, **de Fernando Namora saiu agora segunda edição na Bertrand, na colecção de obras do autor. A primeira edição é de há dois anos e da Nova Crítica, do Porto. Estava esgotada. No volume de agora, com quase trezentas páginas, reúnem-se algumas entrevistas dadas por Namora nos últimos anos, a jornais e revistas de Portugal e do estrangeiro. Há agora peças que não estavam ainda na primeira edição. A colectânea é prefaciada por José Manuel Mendes.**

FLORBELA ESPANCA – **novidade nas livrarias, com «Diário do último ano», edição fac-similada da Bertrand. Florbela é uma referência algo esquiva na literatura portuguesa, onde não é pacífica a questão de saber que lugar e que importância se deve atribuir-lhe. Na generalidade, a crítica reparou sempre pouco na obra que ela legou, e parece ter consistência a ideia de que os maiores motivos de interesse da sua obra têm mais a ver com um «caso» pessoal, o drama particular, e menos com o tratamento deste caso feito pela autora naquilo que escreveu, a sua própria escrita. Este «Diário do último ano» traz um prefácio de Natália Correia: fala-se aí desse caso com uma profundidade e uma argúcia que tornam este texto certamente uma peça importante para a compreensão desse «caso», e, consequentemente, para um conhecimento mais qualificado da obra de Florbela – que, certamente, não é apenas às dimensões desse caso que se resume, antes se prende com uma infinidade de outras e muito vastas implicações.**

FLORBELA ESPANCA

Diário

A SOMBRA DOS DIAS, **de Guilherme de Melo é um dos mais recentes lançamentos da Bertrand. E o primeiro registo que ocorre é que o livro (um romance) não é muito vulgar nas suas dimensões, ou proporções: mais de meio milhar de páginas (que não temos à mão o livro, visto nas livrarias). Invulgar será também a experiência de que no livro se trata: a do próprio autor, que viveu até 74 em Moçambique, onde foi cotado repórter, primeiro, e, depois, director de jornal. Mas mais invulgar ainda será o assunto da homossexualidade que, pelo que se tem ouvido e lido, o autor trata aqui incorporado na narrativa e com a autenticidade também decorrente da experiência pessoal. O livro concorrera ao prémio (de quinhentos contos) do Círculo de Leitores, não o ganhou, mas foi recomendado pelo júri para publicação e foi publicado no Círculo, aqui há meio ano, para difusão restrita entre associados. Agora é a segunda edição e está nas livrarias, oferecendo-se ao leitor com certa aura reforçada pelas notícias, que já correm, de que está a ser o que se chama um sucesso, comercial, pelo menos.**

EDITADA **pelo Instituto das Novas Profissões, para assinalar um ciclo de cinema dedicado a Manuel de Oliveira, apareceu no mercado livreiro uma «Introdução...» à obra deste autor. Na capa vem que são textos de José Augusto França, Alves da Costa e Luis de Pina. Mas há outros, e o volume inclui uma extensa filmografia de Oliveira, e uma extensa bibliografia sobre o autor.**

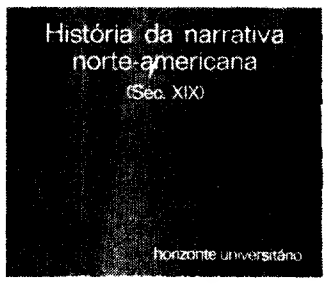
VASCO GRAÇA MOURA **publicou, por conta própria e numa tiragem de apenas 150 exemplares, mais um título de poesia: Duplo título, aliás: «A variação dos semestres deste ano; 365 versos, seguido de A Escola de Frankfurt». Poemas novos, ou, pelo menos, dados aqui pela primeira vez à estampa como sequências que são, e das quais uma ou outra parte fragmentária publicada aqui ou ali não permitia que se lessem devidamente. A presença deste poeta tem vindo a ganhar relevo crescente no contexto da actual poesia portuguesa desde que, e após alguns anos de silêncio sobre os primeiros livros em 60, os anos de 70 o viram aparecer com «O Mês de Dezembro», «Recitativos», por exemplo, e excelentes traduções de sonetos de Shakespeare. No ano passado, praticamente toda a produção mais recente do autor saiu num só volume. Título deste: «Instrumentos para a Melancolia».**

JOSÉ VIALE MOUTINHO: **um livro na colecção Autores de Língua Portuguesa, da Bertrand. Título: «Entre povo e principaes», «retábulo de legendas em forma de romance». Está nas livrarias desde fins de Novembro e é o sétimo título de ficção na bibliografia do autor, que publicou o seu primeiro nesta área em 68, «Natureza Morta Iluminada». Mas o que o registador tem mais presente é talvez o segundo, «No País das Lágrimas», de 72, se bem que não se esqueça igualmente de «O Jogo do Sério», de 74, e «Cabeça de Porco», de 76. Viale Moutinho, que há anos largos exerce a profissão de jornalista no Porto, é um nome de forte referência na prosa de ficção portuguesa hoje.**

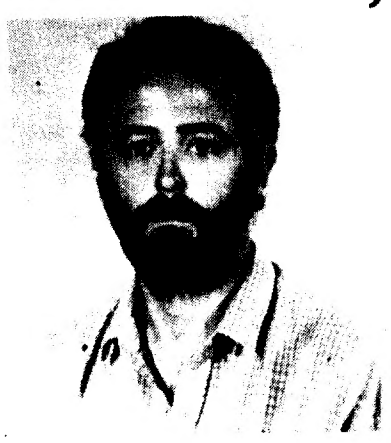
«CONSTRUTORES DE PONTES, USINAS E MAISONS», **lançado pelas edições MIC, é um livro de Gabriel Raimundo, jornalista em «O diário». Tema: crónicas sobre a problemática da emigração. Um livro a ler, debruçado sobre o país que nós, na verdade, somos. Desenhos de Fernando Grade.**

JAIME SALAZAR SAMPAIO, **na colecção «Pistas» da Moraes Editora, de novo nos escaparates com uma peça de eatro em um acto: «O desconcerto». O livro (50 escudos) contou com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura. Capa de Vitorino Martins sobre «A engomadeira» de Picasso.**

«HISTÓRIA DA NARRATIVA NORTE-AMERICANA», **circunscrita ao século XIX, de Salvato Teles de Menezes, é uma das últimas edições de Livros Horizonte. É um livro destinado ao ensino universitário que procede à análise, em termos muito precisos, de obras de (por exemplo) Edgar Alan Poe, Nathaniel Hawthorne, Melville, Mark Twain, Walt Whitman, Henry James. Notável o confronto entre duas obras máximas da literatura norte-americana: «A letra escarlate», de Hawthorne, e «Moby Dick», de Melville. Trata-se, da parte de Salvato Teles de Menezes, de uma interpretação apaixonante, que, sem dúvida, levará o leitor a abrir as páginas quer de um, quer do outro livro. Uma obra, enfim, que abre pistas aos iniciados e não iniciados na leitura dos autores clássicos norte-americanos. •**



UM POEMA INÉDITO
de Paulo Manuel Pais
«O LUAR, O LUGAR»



Lomba côncava do braço,
lanço ancho, sereno
ou mesmo
antro
(discreto respirar dos dedos
disponível)
eu gozo – lugar comum –
as límpidas horas suplentes

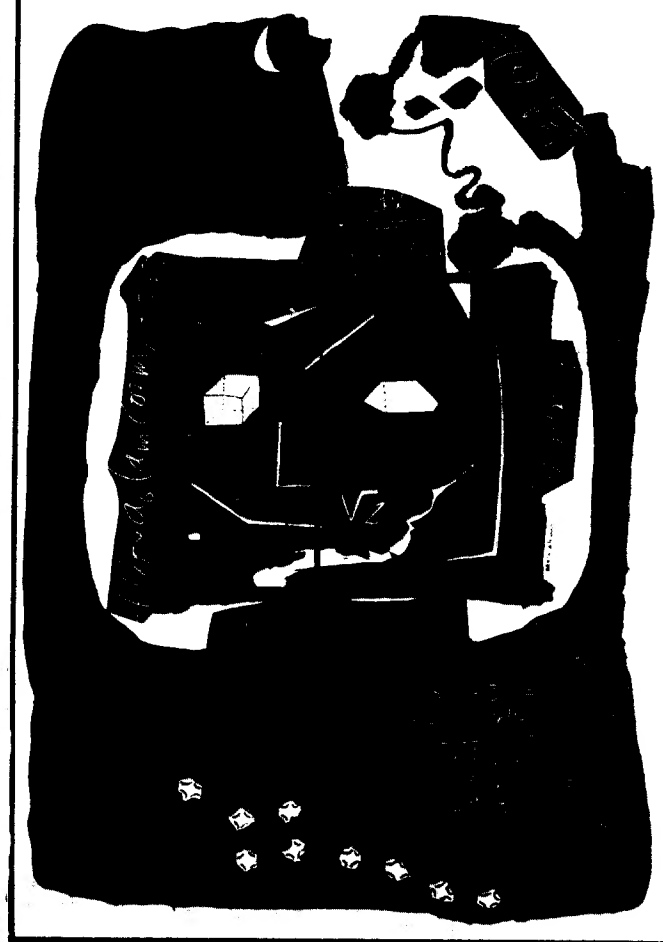
jardim de luar,
tudo é possível.

Paulo Manuel Pais

Eterna aula escura

pedro alvim

É só de ver pela fresta da porta: o quadro negro lá ao fundo, a professora, figuras geométricas feitas a giz. Para se ter toda a imagem nos olhos é imprescindível um mínimo de abstracção. E estar-se também pela manhã, nas primeiras horas do dia, sem muito alimento no estômago. Leves e puros, sem sono, acessíveis à luz que tudo transporta até aos nossos olhos. Fixemos, pois, o que a fresta da porta nos oferece: a lousa, a professora, as figuras geométricas. Numa apreensão inicial, temos unicamente uma professora a dar uma aula de Geometria. Sumidos alunos copiam triângulos, quadrados, circunferências, rectas, pontos, paralelas... Tudo dentro das regras da vida. Mas uma outra apreensão existe do que nos é dado observar pela fresta da porta, mais alta, e que nos dá dessa mesma vida, não a sua cadência quotidiana, mas o ritmo do Universo todo. Qual e como...? Encaremos a lousa como a noite, as figuras geométricas como constelações e a professora como o acto humano de interpretar os números em que estamos inseridos. E agora...? Agora, na simplicidade das primeiras horas da manhã, temos uma noção de totalidade que não nos habitava há pouco tempo ainda. Agora estamos perante o abismo a que os cães uivam quando a lua se abre no céu. Estamos já fora de todos os metros: já não somos um nome, e antes um número, um corpo anónimo no espaço. «Amanhã – ouve-se a professora dizer –, iremos estudar a implantação de uma esfera no interior de um cubo...» Pela fresta da porta, assistimos então ao fim de tudo: ora para Ocidente, ora para Oriente, de perfil para nós, a professora, rodeando-se de um leve pó de giz, vai apagando as figuras geométricas uma a uma. E só fica a lousa negra, em toda a sua plana superfície, à semelhança de um rectângulo aberto para o Universo. Que frio, que nada – e como os nossos dedos são de giz na aula escura em que sempre estamos! ●



Sobre «Pastoral» de Carlos de Oliveira (4)

conclusão

Absorvidos pelos crepúsculos, os camponeses desaparecem, a figura dos camponeses desaparece, e com este desaparecimento é também o de qualquer figura humana viva e activa neste cenário com o seu quê de lunar, mas crepuscular, como a própria letra restritivamente indica. O cenário, porém, mantem-se, e, nele, outras figuras ou figurações onde a animação é mais do que sensível: é perceptível, visível, ou audível.

No poema «Leitura» fala-se de árvores, do que com elas (ou nelas, «por dentro» – e aqui estamos uma vez perante uma ideia muito insistente na poesia do autor: o interior da matéria, o seu **lado de dentro**) se passa à hora crepuscular, do efeito que elas então produzem sobre o que a esta hora se passa: – «Quando por fim as árvores/se tornam luminosas; e ardem/por dentro pressentindo;/folha a folha; as chamas/ávidas de frio: ninhos e cúmulos coroam/a tarde, o horizonte,/com a sua auréola incandescente/de gás sobre os rebanhos».

Mais ou menos do que de «árvores», é de imagem e metáfora de árvores que aqui se trata. E imagem e metáfora com uma radicação singular, mas sujeitas a um confronto que as põe à prova. «Assim se movem/as nuvens comovidas/no anoitecer/dos grandes textos clássicos». A radicação é «no anoitecer/dos grandes textos clássicos», com o seu quê de conceptual e instituído, decisivo, lapidar. O confronto é com o real e o actual.

A própria inicial avança com mais do que árvores, a imagem das árvores – luminosas e ardendo. É ardendo – embora ardendo também porque são luminosas, dotadas, carregadas de lume, e de luz, fogo potencial – que as árvores, a imagem das árvores, se metaforizam. A metáfora porém não anula a imagem – o transporte não se desliga nunca da sugestão, e esta predominantemente visual: vêem-se, à tarde, no horizonte, «ninhos e cúlulos», vê-se, da tarde, «a sua auréola incandescente/de gás», e, sob esta auréola, os rebanhos. Tudo isto é muito **forte,** mas nada disto parece muito **nítido.** Trata-se de «nuvens», e estas remontam ou reportam aos «grandes textos clássicos», com a sua sugestão de harmonia, clareza e rigor. Mas a contingência do «anoitecer» põe em sério risco estas qualidades. E é o «comovidas» que o diz, porque «comovidas» ocorre aqui numa acepção etimológica de dinamismo conjuntural e coordenado.

O real e o actual, todavia, acabam por prevalecer sobre qualquer noção ou conceito ascendente. É das nuvens que se trata na terceira estrofe: elas, as nuvens, «Perdem mais densidade; ascendem na pálida aleluia/de que fulgor ainda?/e são agora/cumes de colinas rarefeitas/policopiando à pressa/a demora das outras/feitas de peso e sombra». Passa-se (ou visualiza-se) isto no quadro que a primeira estrofe nos propunha, com relevo para as árvores, privilégio de atenção para os sinais de fogo que delas emergiam, e chamada do olhar para duas percepções: a da luz áureo-crepuscular, no ar, e a do corpus animal e animado da terra.

Um intenso esplendor está patente aqui, e não será fácil encontrar em tanta literatura simbolista (acepção corrente) processo tão luminoso e fulgurantemente sugestivo.

O poema «Dentes» representa, na sequência, um dos seus momentos mais tensos. E não propriamente pela sua carrada sintaxe – que idêntico cerramento sintáctico encontramo-lo em todos os poemas –, nem pela elíptica do seu processamento semântico – que é constante na sequência; sim, mais ou diferentemente, pela força metafórica do nome desde logo titular.

Esta força torna-se maior com a ocorrência inicial onde a palavra «dentes» se pronuncia duas vezes: «Os dentes, porque são dentes...». E a palavra «dentes» ocorre mais duas vezes na terceira estrofe. A palavra «dentes» ocorre cinco vezes, portanto, contando com a designação titular.

Parecerá alguma coisa significativo, se considerarmos o que se passa nos poemas precedentes, e nomeadamente naqueles em que o título aparece como indicativo mais ou menos explícito do que no texto se trata. Em «Camponeses», por exemplo, a palavra «camponeses» não aparece uma só vez. Em «Rebanho», «pastor», «gado» e «animais» ocorrem também uma vez só. Em «Dentes» ocorre quatro vezes, só no texto, e há ainda outra ocorrência a registar: «mordentes». Esta insistência parece ter uma intenção: apresentar a metáfora de «dentes» desde logo com uma enérgica força impressiva. Esta noção adquire-se logo no primeiro verso da primeira estrofe («os dentes, porque são dentes»), e, talvez porque o impacto inicial se pode ter perdido ou atenuou-se alguma coisa até ao fim da segunda estrofe (onde «dentes», não ocorre), o primeiro verso da terceira estrofe não apenas fala de «dentes», diz mesmo: «só os dentes».

O poema: «Os dentes, porque são dentes./iniciais. Na espuma, porque não são saliva/estas ondas/pouco mordentes; este/sal que sobe quase/doce; donde?/Numa espécie/de fogo: amor é fogo/que arde sem se ver;/porque não é/de facto fogo este frio acesso;/da saliva à lava/passa pela espuma.//Só os dentes./Duros, ácidos, concentra-se-se/tacteando a pele,/tactuando signos, sempre moventes/de fúria. Mordida/a pele cintila; espelho/dos dentes, do seu esmalte voraz;/suavemente».

Não é fácil designar o que a metáfora «dentes» substitui. Limitemo-nos a registar o que dos dentes se diz que eles fazem: eles «concentram-se-/tacteandoa a pele,/taturando signos, sempre moventes/de fúria». Se a principal acção é a **concentração,** é uma acção reflexa, reflexciva, inflexiva, e envolvente (implicando outras, determinante ou dependente delas – a tacter, o tatuar). Parece ter mais peso semântico aquilo que os dentes são, em si, por si, em absoluto. Desde logo, eles são «dentes», «porque são dentes», e «iniciais». Depois, são «duros» (e «ácidos»). O espaço semântico estrutura-se não apenas pela afirmação mas também pela negação.

Os **dentes** são ainda, por exclusão de partes a que no poema se procede, «este frio aceso».

O imaginário (o corpo de imagens) que mais sugestivamente se nos insinua é o dos dentes como passagem decisiva dum processo, ou vários processos: a voz, a fala, a respiração (expiração, inspiração). Os dentes são uma relação vital com o mundo, o exterior, o ar. Os dentes são sólidos («duros», pelo menos), mas estão num âmbito húmido, humedecido – a boca. Principalmente, os dentes abrem e fecham, são um limite e um limiar: do interior para o exterior, do exterior para o interior.

Em «Montanha», o penúltimo poema, retoma-se a dupla percepção (sonora e visual) em que o crepúsculo se revela. E é neste poema que o dia se apaga e a noite se acende. Nesta transição, a luz não resiste subsiste o som, mantêm-se os sons, propõe-se a metafórica iluminação de que são potenciadoras virtuais as sonoridades latentes dos movimentos que a percepção, por mais ténue, sempre revela.

«Sons sob a luz», é o primeiro registo. E depois: Mosteiros, / torres sobrenaturais / vibrando fluidamente no ar». Pergunta-se: «como?», isto – «se o fluxo de mica, / os altos blocos de água, / cintilam sem rumor». É a revelação, a percepção da luz dissociada ainda de qualquer sugestão sonora – desnecessária, aliás, dada a intensidade visual com que o cintilar se propõe.

A segunda estrofe, porém, prevê já a transformação, a mudança, e preconiza medidas suspensivas ou mesmo preventivas dos efeitos previstos para o pós-crepuscular, para que a ordem natural (da natureza) das coisas não seja ameaçada por uma deficiente ou impreparada percepção. «Toda esta arquitectura, / lenta percussão, perpassa; / sobre cerros sonoros; / com o seu contorno / infixo, fulgurando. Detenham-se / as estrelas quando / for noite; preguem-se / outros pregos de prata / fora do céu visível».

É no **perpassar** de «toda esta arquitectura», como «lenta percussão», e principalmente «sobre cerros sonoros» que o crepúsculo vai perdendo gradualmente a sua força sugestiva de situação transitiva e vai cedendo ao escuro que avança e se instala. As próprias coisas anteriormente vistas – já nelas não se vê mais do que «o seu contorno infixo»: as formas exteriores perdem nitidez, tornam-se imprecisas. Não tarda a noite abater-se-à sobre o mundo.

No último poema, «Musgo», as três estrofes começam por um «dir-se-ia» e apresentam uma sucessão temporal crescente, gradual: **mais tarde, depois, por fim,** com notações que progridem até um desfecho, que nos reenvia ao primeiro poema de toda esta sequência Vamos ver.

A primeira estrofe: «Dir-se-à mais tarde; / por trémulos sinais de luz / no ocaso quase obscuro; / se os tempos contemplando / estes currais sem gado / ruínas de pobreza».

A segunda: «dir-se-à depois / por púlpitos de silêncio; / peso também a decompor-se no mesmo pouco som; / se desaba o desenho / da nave antes de fermentar / a cor da sua pedra, / como fermentam leite e lã / de ovelhas mais salinas».

A terceira e última: «Dir-se-à por fim / que nenhum tempo se demora / na rosácea intacta; / e talvez / que só o musgo dá; / em seu discurso esquivo / de água e indiferença; / alguma ideia disto».

Poderíamos deter-nos na última palavra, «isto», designação neutra da realidade, como a propósito escreveu Eduardo Prado Coelho («A Letra Litoral»), dizendo ainda que a dimensão desta sequência é a do **puro registo..**

Nem se trata sequer de «isto», mas de «alguma ideia disso» – que (talvez) «só o musgo dá; / em seu discurso esquivo»; porque «nenhum tempo se demora / na rosácia intacta», quer dizer, tudo, a imagem de tudo está sob a acção imponderável do tempo, da erosão, do desgaste e sobretudo da alteração, da mudança e da transformação que o tempo implica.

A curto prazo, médio, ou longo, nenhuma memória sobreviverá. O sujeito, aliás, que poderia interessar-se pela sua sobrevivência, já nem está cá (deste lado da cena onde a enunciação se faz). O seu afastamento é um dado adquirido, um registo prévio e fundamental, o seu subentendimento, o entendimento que desde o início aqui se manifesta. Não há mais centro ordenador, coordenador – das percepções que a sequência vai arquivando, numa acumulação de sinais desconexos, num esforço impessoal, descentrado, para os conectar, ou pelo menos relacionar.

O próprio processo de pontuação dá conta disso. É um processo idêntico ou suplementar em relação ao da alternativa **ou** que em poemários anteriores do autor ocorria muito, e ainda em «Pastoral» ocorre, mas menos.

E é um processo muito mais produtivo de efeitos, de aberturas, de hipóteses de Leitura. A alternativa **ou,** em regra, não põe mais do que duas hipóteses. A pontuação, porque feita forçadamente e reacendendo com uma relativa arbitrariedade as possibilidades duma formação verbal semântica e sintacticamente coerente, bloqueando qualquer crescimento ou desenvolvimento harmonioso do corpo textual, e cortando ou atando, modulando, enredando, pelo menos, os fios de qualquer continuidade ou fluência lógica do discurso, – a pontuação deixa sempre aberta uma infinidade de hipóteses à leitura.

Além disto, cria-se no campo semântico uma mais forte tensão e uma concentração mais pesada sobre cada vocábulo, mercê duma intensificação do trabalho articulatório a que, um pouco às cegas, a leitura tem de proceder – num plano de abstracto relacionamento, embora.

Em conta dos aspectos que caracterizam mais marcadamente a sequência – em conta, designadamente, de que a dimensão da poética que a informa e enforma é a do puro registo, para utilizarmos ainda Prado Coelho –, estes pormenores nem serão pormenores, Ou, se o são, certamente que não se trata de pormenores secundários. ●

Luís de Miranda Rocha